

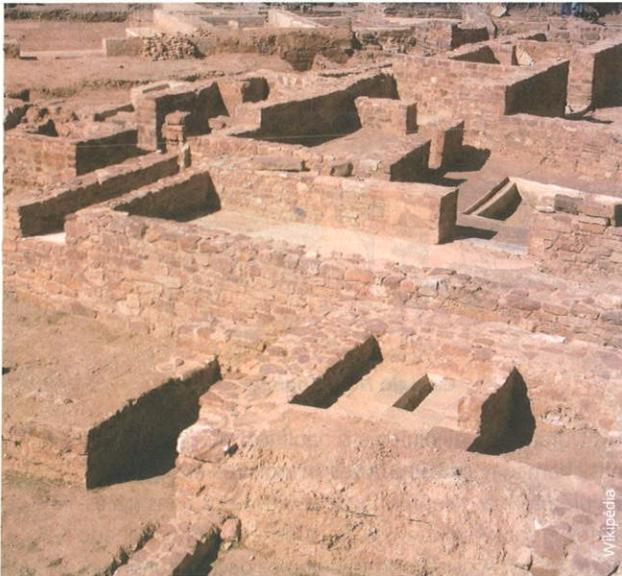
Sumário

História **1**^E

Introdução à História	3	Civilização romana	18
Pré-História	4	Origens de Roma	18
Paleolítico ou Idade da Pedra Lascada	4	Economia	18
Neolítico ou Idade da Pedra Polida	4	Sociedade	19
Idade dos Metais	4	Períodos históricos	19
As primeiras civilizações	5	Crise do escravismo	21
Civilizações da Antiguidade Oriental	5	Religião	21
Mesopotâmia	5	Legado cultural	22
Sucessão e organização dos	5		
povos da Mesopotâmia	5		
Características gerais dos	6		
povos mesopotâmicos	6		
Egito	7		
Evolução política	8		
Economia e sociedade	9		
Religião	9		
Cultura	9		
Hebreus	10		
Evolução política	10		
Religião e cultura	11		
Antiguidade Ocidental ou Clássica:			
Grécia e Roma	13		
Civilização grega	13		
Ocupação do território	13		
Influência do solo e do relevo	14		
Divisão histórica	14		
Religião	16		
Cultura	17		

História

Introdução à História



Escavação arqueológica no castelo de Silves, Portugal

A **História** estuda a trajetória da humanidade através do tempo. Estuda como os seres humanos pensaram, agiram e sentiram, nas sociedades em que viveram. O estudo da História, de forma reflexiva, é um importante meio para se compreender o processo de formação e transformação das sociedades humanas. Esse conhecimento histórico compilado pelos historiadores ao investigarem as fontes históricas leva o homem ao conhecimento de seu passado e à compreensão de seu tempo, fazendo-o perceber-se como um agente de transformação.

Os historiadores ao escreverem sobre a história (historiografia), procuram organizar o conhecimento de forma didática, a fim de fornecer uma forma adequada ao entendimento do passado do homem.

A fase mais remota sobre a qual a História tenta formar um conhecimento, baseando suas pesquisas apenas em vestígios de achados arqueológicos (de fósseis, instrumentos, pinturas), é a **Pré-História**, período em que a humanidade ainda não tinha o domínio da

escrita e que compreende a etapa que vai do aparecimento dos primeiros seres humanos até o surgimento da escrita e, portanto, da História. Este período é comumente dividido em três fases:

- **Paleolítico:** De aproximadamente 4 milhões a 10000 anos a.C.
- **Neolítico:** De aproximadamente 10000 a 5000 anos a.C.
- **Idade dos metais:** De aproximadamente 5000 a 4000 anos a.C.

Fóssil refere-se a restos ou traços visíveis de matéria originária de algum organismo morto há muito tempo.

O surgimento da escrita é considerado o marco inicial da História, momento em que os homens passam a relatar por meio de alguma forma de escrita suas próprias vidas e experiências. A partir desse ponto, de forma geral, segue-se uma periodização que divide a História em uma linha cronológica de acontecimentos considerados de importância relevante para o mundo ocidental. Estes períodos correspondem:

- **Idade Antiga:** Do aparecimento da escrita (4000 a.C.) à queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.).
- **Idade Média:** Da queda do Império Romano ao domínio de Constantinopla pelos turcos (1453).
- **Idade Moderna:** Do domínio de Constantinopla à Revolução Francesa (1789).
- **Idade Contemporânea:** Da Revolução Francesa à atualidade.

Nem todos os historiadores concordam com essa divisão tradicional baseada na História política, e propõem outras divisões, como a dos modos de produção com um enfoque econômico e tecnológico e que não segue a ordem cronológica da periodização, observando, apenas, como cada grupo humano ao longo do tempo produziu e produz sua sobrevivência e sua riqueza.

Pré-História

Esse período caracteriza-se pela ocorrência de grandes transformações físicas nos seres humanos (dos hominídeos ao *Homo sapiens*) e também por uma notável evolução cultural (fogo, metalurgia, cerâmica, agricultura).

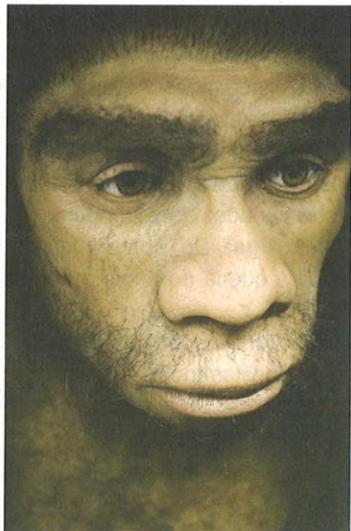
Paleolítico ou Idade da Pedra Lascada

- (*Paleo* = antiga e *lítico* = pedra)

Os primeiros grupos humanos, nesse período, eram caçadores e coletores. Sua subsistência dependia da caça, da pesca e da coleta de frutos e raízes. A busca de meios de sobrevivência fez com que esses primeiros homens fossem nômades, mudando-se de um local para outro, à procura de alimentos ou de melhores condições climáticas.

Nessa fase, o homem aprendeu a manipular seus primeiros instrumentos, como ossos e pedras, de forma bastante rudimentar (lascas de pedra). Ainda utilizava-se de abrigos naturais, como cavernas ou copas de árvores.

Uma das conquistas mais importantes desse período foi a descoberta e o controle do fogo, que possibilitou a preparação de alimentos, a luta contra ataque de animais e o aquecimento durante o frio.



Hominídeo

Fotolia

Neolítico ou Idade da Pedra Polida

- (*Neo* = nova e *lítico* = pedra)

Nessa época, surgem novas condições (transformações ambientais e novas técnicas) que permitem ao homem o desenvolvimento da agricultura (trigo, cevada,

etc.) e a domesticação de animais (pecuária de bovinos, cabras ou carneiros). À medida que as atividades agropastoris se desenvolviam, os grupos humanos foram se tornando sedentários (fixando-se à terra) e mais numerosos. Neste momento aparecem as primeiras manifestações de vida espiritual e de organização social.

Esse período foi marcado por novas invenções, como: instrumentos de pedra polida, utensílios de cerâmica, tecelagem e construção de moradias.



Casa do *Homo habilis*

Durante o paleolítico e o neolítico, o homem viveu nas chamadas **comunidades primitivas** em que existia uma forma de apropriação coletiva dos bens necessários à sobrevivência, isto é, tudo era compartilhado entre todos. A divisão do trabalho se dava naturalmente entre o homem, a mulher, a criança e o velho, de acordo com as possibilidades físicas de cada um, ainda não havendo, portanto, a exploração do trabalho de um indivíduo ou grupo social sobre outro. A cooperação era indispensável para a sobrevivência do grupo e, portanto, do indivíduo. Foi a descoberta e o domínio da agricultura (chamada **revolução agrícola**) que levou o homem a passar de caçador, pescador e coletor que vivia em bandos nômades a procura de alimentos, à condição de agricultor e pastor sedentário, produtor de sua própria sobrevivência.

A partir de então, com um controle cada vez maior sobre a natureza, foi possível produzir além do estritamente necessário à sobrevivência do grupo, levando ao surgimento do **excedente de produção** e com ele à noção de **propriedade**.

Idade dos Metais

- (5000-4000 a.C.)

Nessa fase, o homem desenvolveu a fundição de metais. Utilizou, respectivamente, o cobre, o bronze e o

ferro. A metalurgia possibilitou a produção de objetos mais resistentes e de variadas formas.

Desenvolveram-se, ainda, a escrita, a numeração, o calendário e um sistema de pesos e medidas.

Toda a evolução tecnológica e cultural conquistada, até então, permitiu um aumento populacional e provocou uma maior complexidade da vida em sociedade, das tarefas e das relações sociais, o que levou à criação de cidades e às primeiras civilizações, que representariam uma forma mais complexa de sociedade, em que já se tem uma cultura própria, um Estado constituído com seu corpo administrativo e força militar, diferentes grupos sociais e divisão social do trabalho, havendo acumulação de riqueza e exploração do trabalho de um grupo social sobre outro.



Metais utilizados em caças

As primeiras civilizações

Civilizações da Antiguidade Oriental

A partir das comunidades primitivas a sociedade humana seguiu dois caminhos diferentes, o das **civilizações teocráticas** e o das **civilizações escravistas**. Grandes civilizações começaram a se formar por volta de 7 mil anos atrás. A maioria dessas civilizações desenvolveu-se nas proximidades de grandes rios, aproveitando-se do regime de suas águas, que favorecia a fertilidade da terra e a prática da agricultura. Assim os vales dos rios Nilo, Eufrates e Tigre foram primordiais para a formação das civilizações egípcia, suméria e babilônica na região denominada de **Crescente Fértil** que compreende o **Egito** e a **Mesopotâmia** no Oriente Próximo. Essas civilizações, pelas suas características, são chamadas de sociedades agrárias ou férteis, caracte-

terizadas como **Impérios Teocráticos da Antiguidade Oriental** ou de **Modo de Produção Asiático**.

Mesopotâmia

A região do Oriente Médio, hoje ocupada pelo Iraque e o Kuwait, palco de muitos conflitos atuais, gerados pelas disputas na exploração do petróleo, foi o berço de grandes civilizações da Antiguidade Oriental. Nessa época, os homens ainda não conheciam o petróleo, e apenas buscavam a fertilidade do solo, propiciada pelos rios da região.

Esse território, denominado pelos gregos de "Mesopotâmia" (terra entre rios), compreendia uma estreita faixa entre os rios **Tigre** e **Eufrates**, e estava enquadrado no chamado **Crescente Fértil**, área que compreendia desde o Egito até o rio Tigre. Era uma extensa região que reunia condições naturais para que grupos de agricultores lá se fixassem. Por volta do ano 4000 a.C., surgiram os primeiros núcleos urbanos na região, desenvolvendo um sistema hidráulico que incluía desde canais de irrigação até o controle das cheias dos rios.

Por ser uma vasta área de planícies férteis, extremamente propícia à ocupação humana, atraiu diversos povos que, combatendo uns aos outros, sucederam-se no domínio da região.



Fonte: World History Atlas. Dorling Kindersley Limited. Adaptado. London, 2008.

Sucessão e organização dos povos da Mesopotâmia

Sumérios

- Por volta de 3500 a 2550 a.C.

São considerados os mais antigos habitantes da Mesopotâmia. Fundaram importantes cidades com governos independentes (cidades-Estado), como: Uruk, Lagash e Ur, esta última chegou a atingir mais de 200 mil habitantes. As cidades eram governadas pelo **Patesi**, chefe militar, político e religioso.

Atribuí-se aos sumérios o desenvolvimento da **escrita cuneiforme** (feita em argila mole com um estilete em forma de cunha) e a **invenção da roda** (por volta do ano 3000 a.C.).

As cidades sumerianas foram invadidas pelos habitantes da cidade de Acad que, com armamentos mais eficientes, conquistaram os sumérios.

Acádios

- **Por volta de 2550 a.C.**

Liderados pelo rei Sargão I, os acádios fundaram o primeiro império mesopotâmico, unificando politicamente o centro e o sul da Mesopotâmia. O Império Acádio, porém, durou pouco tempo, devido às diversas revoltas das cidades sumerianas, que tentavam se libertar, e à continuação das invasões estrangeiras, o domínio acádio se enfraqueceu e o império acabou desaparecendo.

Amoritas – primeiro Império Babilônico

- **Por volta de 2000 a 1700 a.C.**

Vindos do deserto da Arábia, os amoritas se estabeleceram na Mesopotâmia a partir de sua principal cidade: a **Babilônia**. O rei babilônio **Hamurábi**, depois de muitas guerras e invasões, expandiu seus domínios sobre toda a região, fundando, assim, o primeiro Império da Babilônia.

Esse rei instituiu o primeiro código de leis escritas que se conhece, o **Código de Hamurábi**. Baseando-se na **Lei de Talião**, determinava que as punições deveriam ser idênticas ao crime cometido (“Olho por olho, dente por dente”).

Após a morte de Hamurábi, o império entrou em ruína, provocada por invasões de povos que tinham melhor domínio sobre o cavalo e o ferro, como os hititas e os cassitas e, posteriormente, os assírios.

Assírios

- **Por volta de 1300 a 612 a.C.**

Por habitarem uma região de passagem (Assur), entre a Ásia e o Mediterrâneo, esse povo sofreu várias invasões, despertando, portanto, um violento espírito guerreiro. Aos poucos, construíram um forte Estado militarizado, contando com cavalos, carros de guerra e armas de ferro. Os assírios organizaram um dos

primeiros exércitos permanentes do mundo e ficaram conhecidos pela crueldade a que submetiam os povos dominados.

Reagindo contra essa violência, os caldeus, aliados aos medos, destruíram o império assírio e passaram a dominar a região.

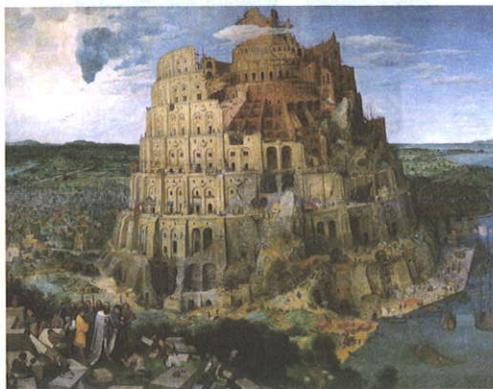
Caldeus – segundo Império Babilônico

- **Por volta de 612 a 539 a.C.**

Os caldeus fizeram da Babilônia novamente a capital da Mesopotâmia, organizando um império mais grandioso do que o de Hamurábi. A Babilônia tornou-se o centro cultural e comercial de todo o Oriente Próximo.

No reinado de **Nabucodonosor**, foram erguidos os “Jardins Suspensos da Babilônia” (terraços ajardinados suspensos) e a “Torre de Babel” (templo piramidal com mais de 90 metros de altura). Nesse período, entre outras conquistas, os caldeus conquistaram Jerusalém, e os habitantes do Reino de Judá foram trazidos para a Babilônia como escravos, para o chamado “**Cativeiro da Babilônia**”.

Os sucessores de Nabucodonosor não conseguiram manter o império, que foi invadido e dominado pelos persas, liderados por Ciro.



A Torre de Babel (1563), Pieter Bruegel.
Óleo sobre tela.

Características gerais dos povos mesopotâmicos

Por ter sido formada sucessivamente por diferentes povos, a civilização mesopotâmica não tem características únicas. De modo geral, esses povos desenvolveram atividades agropastoris e atividades urbanas, dedicando-se, principalmente, ao comércio. A maioria dos camponeses vivia em regime de servidão, mas também existiam escravos (povos dominados).

No plano político, o rei era considerado um representante dos deuses e sua autoridade estendia-se a todas as cidades. Ele era auxiliado por ministros e sacerdotes, governando em nome das divindades.

A religião era politeísta e suas divindades representavam elementos da natureza.

Esses povos destacaram-se na ciência, na arquitetura e na literatura. Desenvolveram a astrologia e a astronomia, estudando os movimentos de planetas e estrelas. Avançaram no domínio da matemática (as 4 operações e a raiz quadrada) e criaram um calendário com ano de doze meses e semana de sete dias.

Exercícios

01. Explique como provavelmente se deu o surgimento da noção de propriedade.

02. O rei Hamurábi, do primeiro Império da Babilônia, elaborou uma legislação, o "Código de Hamurábi", baseado na Lei de Talião: *Olho por olho, dente por dente*. O que significava essa lei para a sociedade babilônica? Você acha que ela resolveria os problemas da violência no Brasil de hoje?

Leitura Complementar

A vida cotidiana na Mesopotâmia

Escravos e pessoas de condições mais humildes levavam o mesmo tipo de vida. A alimentação era muito simples: pão de cevada, um punhado de tâmaras e um pouco de cerveja leve. Isso era a base do cardápio diário. Às vezes, comiam legumes, lentilha, feijão e pepino ou,

ainda, algum peixe pescado nos rios ou nos canais. A carne era um alimento raro.

Na habitação, a mesma simplicidade. Às vezes, a casa era um simples cubo de tijolos crus, revestidos de barro. O telhado era plano e feito com troncos de palmeiras e argila comprimida. Esse tipo de telhado tinha a desvantagem de deixar passar a água das chuvas mais torrenciais, mas em tempos normais era usado como terraço.

As casas não tinham janelas e à noite eram iluminadas por lampiões de óleo de gergelim. Os insetos eram abundantes nas moradias.

Os ricos se alimentavam melhor e moravam em casas mais confortáveis. Mesmo assim, quando as epidemias se abatiam sobre as cidades, a mortalidade era a mesma em todas as camadas sociais.

Fonte: PILETTI, Nelson e Claudino. *História e Vida: Da origem da humanidade à Idade Média*. São Paulo: Ática.

Egito

Hoje, o Egito faz parte do mundo cultural árabe-islâmico, fruto da dominação árabe por mais de um milênio (640 a 1798), mas mantém viva, em seus monumentos, a rica civilização da Antiguidade.

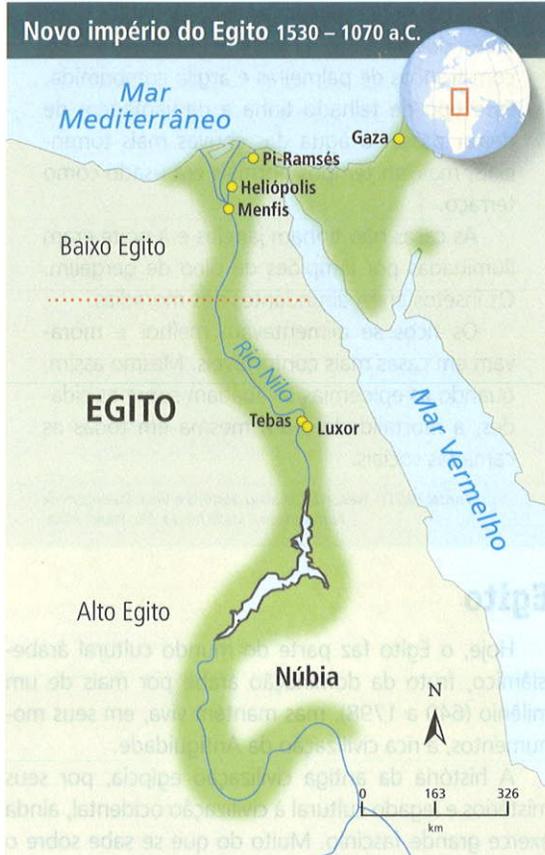
A história da antiga civilização egípcia, por seus mistérios e legado cultural à civilização ocidental, ainda exerce grande fascínio. Muito do que se sabe sobre o Egito Antigo é resultado da obsessiva preocupação de seus habitantes com a vida após a morte. Pirâmides e túmulos, encontrados até hoje, ajudam os cientistas a conhecer um pouco mais do passado desse povo.

O Egito está situado no nordeste da África, num território predominantemente desértico, apesar disso, a região estava integrada, na Antiguidade, ao chamado Crescente Fértil, juntamente com a Mesopotâmia. Isso só foi possível, porque toda essa área é cortada pelo rio Nilo, que atravessa a longa faixa de deserto e deságua no mar Mediterrâneo.

Nascendo em uma região chuvosa e de densas matas, o rio recebe boa parte do resíduo orgânico das florestas. Durante as cheias, ele deposita em suas margens detritos que fertilizam o solo, e quando as águas voltam ao leito normal, as margens estão prontas para o cultivo.

O povo egípcio logo aprendeu a se utilizar das cheias do rio, desenvolvendo em suas margens uma

rica e organizada civilização. Considerando que essa civilização egípcia só existia em função do rio, o historiador grego Heródoto afirmou: “O Egito é uma dádiva do Nilo”.



Fonte: World History Atlas. Dorlin Kindersley Limited. Adaptado. London, 2008.

Evolução política

Os primeiros grupos humanos que se instalaram junto ao vale do Nilo datam de 4000 a.C. No princípio, esses grupos estavam divididos em pequenas aldeias independentes, conhecidas como nomos, as quais eram governadas pelos nomarcas. A prática da agricultura e o crescimento da população favoreceram a formação das primeiras cidades. A necessidade de controlar as cheias dos rios, construindo diques e canais de irrigação, uniu a população, originando a formação de dois reinos: **Alto Egito** (Sul) e **Baixo Egito** (Norte).

Por volta do ano 3200 a.C., o reino do Sul passou a dominar o reino do Norte, ocorrendo, assim, a unificação política do Egito. O poder centralizou-se nas mãos de um único soberano, o Faraó, termo que significa “Casa Grande”, cuja imagem estava associada aos deuses. Menés foi o primeiro Faraó, inaugurando o

período das dinastias hereditárias no Egito.

A história do Egito unificado é normalmente dividida em três períodos: **Antigo Império**, **Médio Império** e **Novo Império**.

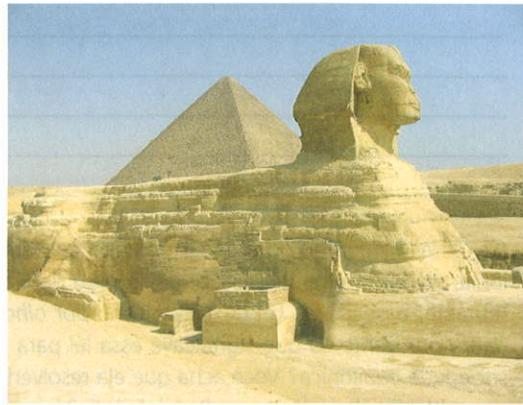
Antigo Império

• Por volta de 3200 a 2200 a.C.

A primeira capital do Império Egípcio foi Tínis, transferida, a partir de 2800 a.C., para a cidade de Mênfis.

Organizou-se no Egito uma monarquia poderosa, de origem divina. O faraó era considerado um deus e tinha poder absoluto – Governo Teocrático. O soberano governava auxiliado por uma forte classe de altos funcionários públicos, os quais administravam o Estado.

Este período foi marcado, principalmente, pela construção das monumentais pirâmides de Gizé, túmulos dos faraós da quarta dinastia: **Quéops**, **Quéfren** e **Miquerinos**.



A grande Esfinge de Gizé

Médio Império

• Por volta de 2200 a 1580 a.C.

Essa foi uma fase de grande desenvolvimento econômico e estabilidade política, o que possibilitou novas conquistas territoriais. Os egípcios ocuparam a Palestina, a Núbia (região desértica, rica em ouro, marfim e granito) e a península do Sinai.

Entretanto, conflitos internos enfraqueceram o Império, possibilitando a invasão dos **hicsos** (povo nômade de origem asiática), que se estabeleceram no norte do Egito por quase dois séculos (1750 a 1580 a.C.). Esse povo invasor era militarmente superior aos egípcios, usava cavalos, carros de guerra e armas de ferro, recursos bélicos desconhecidos no Egito.

Além dos hicsos, os hebreus também se estabeleceram no Egito, porém, de forma pacífica. Por cerca de 150 anos, viveram tranquilamente na região.

A expulsão dos hicsos, por volta de 1580 a.C., liderada por Amósis I, encerrou o Médio Império, dando início ao terceiro período político, o **Novo Império**.

Novo Império

• Por volta de 1580 a 1085 a.C.

Após expulsar os hicsos, os egípcios passaram a dominar e a escravizar os hebreus. Por volta de 1250 a.C., os hebreus conseguiram deixar a região, sob o comando de Moisés, no chamado **Êxodo**.

Sob o reinado do faraó Tutmés III (1480 a 1448 a.C.), o império atingiu sua maior expansão territorial, estendendo-se desde a quarta catarata do rio Nilo, ao sul, indo até o rio Eufrates, na Mesopotâmia. Nesse período, além de Tutmés, destacaram-se ainda os faraós Ramsés II e Amenófis IV.

O declínio desta civilização começou quando o território egípcio foi invadido pelos assírios, persas, macedônios e, finalmente, pelos romanos, em 31 a.C.

Economia e sociedade

A economia egípcia era administrada pelo Estado e tinha por base a agricultura, que dependia exclusivamente do regime de águas do Nilo.

A população camponesa pagava tributos tanto na forma de produtos quanto de serviços, submetida a um regime de servidão coletiva. O Estado se apropriava do excedente agrícola, explorava mão de obra gratuita e sustentava uma poderosa burocracia. Esse sistema econômico ficou conhecido como **Modo de Produção Asiático**.

Durante o período das cheias do rio Nilo, as atividades agrícolas eram suspensas e os camponeses requisitados para atuarem na construção civil, depois voltavam para a atividade agrícola.

O quadro social do Egito apresentava, em seu topo, o faraó e sua família, seguida de um número de privilegiados, composto por sacerdotes, burocratas (civis e militares) e a nobreza. Na base da sociedade local, encontravam-se artesãos, camponeses e escravos.

As mulheres tinham seus direitos reconhecidos pela sociedade, só não podiam ser preparadas para exercer a função de escriba, profissão destinada especificamente aos homens.

Religião

Como a maioria dos povos da Antiguidade, os egípcios eram politeístas (acreditavam em vários deuses), seus deuses eram representados de maneira antropozoomórfica, ou seja, de forma humana e animal. Entre

as divindades mais conhecidas, podemos citar Amon-Rá, Osíris, Set, Ápis, Anúbis, Ísis e Hórus.

No governo do Faraó Amenófis IV, o politeísmo foi substituído por uma fé monoteísta, em que a única divindade cultuada era o deus Aton, representado pelo círculo solar. Porém, após a morte de Amenófis IV, Tutancâmon, o faraó menino, restaurou o antigo culto politeísta, e o deus Amon voltou a ser a principal divindade.



Sarcófago

Como os egípcios acreditavam na imortalidade e na ressurreição da alma, seus mortos eram mumificados para que os corpos fossem preservados.

A principal obra religiosa era o *Livro dos Mortos*, cujo conteúdo abordava as características dos deuses cultuados, o comportamento das almas e tudo o que se acreditava sobre a vida após a morte, como o julgamento diante do Tribunal de Osíris, no qual os justos seriam recompensados com a eternidade e os maus punidos com as trevas.

Cultura

A vida cultural no Egito Antigo foi pautada por uma profunda religiosidade, acompanhada de muita criatividade no campo artístico e grande desempenho no campo científico.

A prática religiosa da mumificação favoreceu o desenvolvimento da anatomia, da medicina e até da química. A construção de templos e das pirâmides, que deveriam abrigar o corpo e as riquezas do faraó depois da morte, contribuíram para o aperfeiçoamento da arquitetura.

Os egípcios desenvolveram a matemática, a astronomia e criaram um calendário solar dividindo o ano em 365 dias.

A escrita apresentava três formas: **hieroglífica**, **hierática** e **demótica**. A primeira era considerada sagrada, portanto, restrita aos templos e túmulos. A segunda consistia em uma simplificação dos hieróglifos, comum nos textos dos sacerdotes. Já a última era mais popular, usada nos contratos elaborados pelos escribas.

Foi a partir da decifração da escrita hieroglífica, realizada pelo francês Champollion, em 1822, que a história egípcia pôde ser melhor estudada. O primeiro documento decifrado foi a **Pedra de Roseta**, encontrada por soldados franceses em 1798.



Exercícios

03. Comente a célebre frase do historiador Heródoto: "O Egito é uma dádiva do Nilo".

04. Caracterize a economia das sociedades mesopotâmicas.

Hebreus

Outros povos se formaram nas regiões próximas ao Crescente Fértil, dentre eles os hebreus, que desenvolveram-se na região da antiga Palestina, entre o Egito e a Mesopotâmia, numa área de pouca fertilidade, cortada pelo rio Jordão.

A história hebraica tem uma forte influência religiosa. Esse povo diferenciou-se dos demais por ter adotado uma religião **monoteísta**. Acreditavam que seu único deus, **Iavé** ou **Jeová**, havia feito uma aliança com eles para protegê-los em troca de sua única adoração.

Evolução política

Patriarcas

Originariamente, os hebreus viviam como pastores nômades na região da Mesopotâmia, organizados em tribos ou clãs independentes, chefiados por um patriarca ou chefe de família. Por volta do ano 2000 a.C., emigraram para a **Palestina** (Terra de Canaã). De acordo com a Bíblia, o patriarca Abraão havia recebido de Deus a incumbência de conduzir seu povo até essa **Terra Prometida**. Os hebreus (que significava povo do outro lado) disputaram essas terras com cananeus e filisteus, que já viviam na região.

Devido à ocorrência de uma prolongada seca, os hebreus foram forçados a migrar para o Egito, onde se estabeleceram por cerca de quatro séculos. A princípio foram bem recebidos, mas, posteriormente, foram transformados em escravos.

Por volta de 1250 a.C., sob a liderança de Moisés, os hebreus fugiram em massa do Egito e iniciaram o retorno à Palestina, que durou cerca de 40 anos. Esse episódio ficou conhecido como **Êxodo**. Segundo a tradição religiosa, durante a travessia do deserto do Sinai, Moisés recebeu de Deus (Iavé) as tábuas com os **Dez Mandamentos**.

Juízes

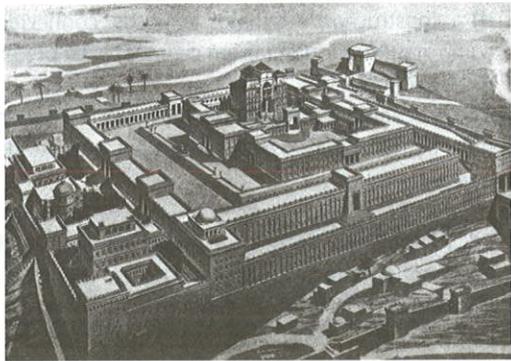
Para se fixar na Palestina, os hebreus reiniciaram as lutas contra os povos locais, centralizando o poder militar, político e religioso nas mãos dos chamados juízes, que eram escolhidos entre os membros das tribos. Dentre os principais juízes desse período, podemos destacar **Sansão** (conhecido por sua força) e Samuel (o último deles).

Reis

A unificação das tribos hebraicas para as lutas de reconquista da Palestina, culminou com o estabelecimento da monarquia. O primeiro rei hebreu foi Saul, sendo sucedido por **Davi**, que venceu os filisteus e estabeleceu a capital do Reino Hebreu em Jerusalém.

Com **Salomão**, filho de Davi, o reino atingiu seu apogeu econômico e administrativo. Durante seu governo foi construído o **Templo de Jerusalém**, marco

significativo na vida religiosa dos hebreus, onde teria sido guardada a **Arca da Aliança** que continha as tábuas dos Dez Mandamentos.



Templo de Salomão em Jerusalém

No entanto, para manter o luxo da corte do rei Salomão, tornou-se necessário cobrar pesados impostos sobre a população, gerando grandes descontentamentos e revoltas sociais. Com a morte de Salomão, as revoltas populares e as disputas entre as tribos se acirraram, provocando o **Cisma hebraico**, quando os hebreus dividiram-se em dois reinos: **Israel** e **Judá** (judeus). Entretanto, a região foi invadida pelos babilônios, que destruíram o Templo de Jerusalém e levaram boa parte do povo como escravos para o chamado **Carteiriro da Babilônia**.

Ciro, rei da Pérsia, libertou os hebreus e permitiu que voltassem à Palestina.

Posteriormente, a região foi dominada pelos romanos, cujos tributos e opressões geraram uma série de revoltas. Em represália, no ano de 70 d.C., o Imperador Tito destruiu a cidade de Jerusalém e os hebreus abandonaram a Palestina e dispersaram-se pelo mundo – a **Diáspora**.

Religião e cultura

A doutrina fundamental do judaísmo encontra-se no **Pentateuco** (Torá), conjunto de livros do Antigo Testamento da Bíblia.

Essa doutrina baseia-se no monoteísmo, na crença da imortalidade da alma, no juízo final e na vinda de um messias salvador. Esses princípios religiosos tornaram-se o principal legado hebraico para a cultura ocidental, influenciando outras duas religiões: **Cristianismo** e **Islamismo**.

Apesar da Diáspora, os judeus preservaram sua existência, mantendo sua tradição cultural e religiosa por toda parte onde se instalaram. Sem Estado e sem

território, a nação judia manteve viva suas tradições, até recuperar a posse de parte do território da Palestina em 1948, por decisão da ONU, após a Segunda Guerra Mundial, para compensar os judeus pelos sofrimentos da guerra. Porém, o Estado de Israel foi criado em território ocupado por palestinos muçulmanos, o que originou uma terrível disputa e ódio entre estes dois povos.



Panorâmica da cidade de Jerusalém

Testes

01. (UCS-RS) Responda à questão com base nas afirmativas abaixo.

- I. O Neolítico foi o período de domínio do homem pela natureza. Foi a época de economia coletora, que corresponde ao estado de selvageria.
- II. A passagem do Neolítico para o Paleolítico assinalou a transição da economia coletora para a economia produtora.
- III. A Idade dos Metais coincidiu praticamente com o início da civilização. Foi o período de transição da Pré-História à História.

Quais estão certas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) Apenas II e III.

02. (FCSC-SP) Examine as três proposições, julgando se são verdadeiras ou falsas. Em seguida, assinale a alternativa correta.

- I. A Pré-História, época compreendida entre o aparecimento do homem sobre a Terra e o uso da escrita, é dividida tradicionalmente em três períodos: Paleolítico, Mesolítico e Neolítico.

II. A domesticação de animais e o surgimento da agricultura ocorreram apenas após a invenção da escrita, posterior, portanto, ao Neolítico.

III. A duração do Neolítico é bem mais extensa que a do Paleolítico, envolvendo níveis técnicos naturalmente mais primitivos.

- a) Todas as proposições são verdadeiras.
- b) Apenas as proposições I e II são verdadeiras.
- c) Apenas as proposições I e III são verdadeiras.
- d) Apenas as proposições II e III são verdadeiras.
- e) Todas as proposições são falsas.

03. (FUVEST-SP) Sobre o surgimento da agricultura e seu uso intensivo pelo homem, pode-se afirmar que:

- a) foi posterior, no tempo, ao aparecimento do Estado e da escrita;
- b) ocorreu no Oriente Próximo (Egito e Mesopotâmia) e daí se difundiu até atingir a Europa e, a partir desta, a América;
- c) como tantas outras invenções, teve origem na China, donde se difundiu até atingir a Europa e, por último, a América;
- d) ocorreu, em tempos diferentes, no Oriente Próximo (Egito e Mesopotâmia), na Ásia (Índia e China) e na América (México e Peru);
- e) de todas as invenções fundamentais, como a criação de animais, a metalurgia e o comércio, a agricultura foi a que menos contribuiu para o ulterior progresso material do homem.

04. (CESCEA-SP) As primeiras grandes civilizações caracterizaram-se por se desenvolver à beira dos grandes rios. Esta característica deve-se:

- a) ao fácil encontro de argila, material necessário para a fabricação dos tabletes sobre os quais puderam registrar os avanços de sua cultura;
- b) à facilidade de defesa e à rapidez de deslocamento pelo rio no caso de ameaça externa;
- c) à facilidade para a atividade agropecuária como meio de sobrevivência;
- d) à abundância de metais indispensáveis para o fabrico de armas;
- e) à possibilidade de navegação e, portanto, à facilidade de comércio com os reinos vizinhos.

05. (UPE-PE) A cultura do Egito Antigo influenciou muitos povos, inclusive os gregos. Foi realização notável dos egípcios:

- a) a invenção da escrita cuneiforme, muito usada nas transações comerciais;

- b) o conhecimento sobre as técnicas de mumificação controladas por sacerdotes;

- c) a invenção da álgebra utilizada para cálculos fundamentais na construção de monumentos;

- d) a construção de templos luxuosos, conhecidos como zigurates, onde faziam cerimônias de oferendas aos deuses;

- e) a criação de religião dualista que via, na luta entre o bem e o mal, a base da existência moral dos homens.

06. (UNIMEP-SP) Parte da geração da riqueza do Egito Antigo estava ligada às enchentes do rio Nilo, que propiciavam uma excelente agricultura na época da vazante. Todas essas terras que margeavam o rio eram:

- a) divididas em pequenos lotes e vendidas aos camponeses;
- b) de propriedade do Estado;
- c) cultivadas pelos sacerdotes;
- d) grandes propriedades pertencentes à nobreza egípcia;
- e) formadas de pequenas propriedades pertencentes aos felás.

07. (FCMSC-SP) A vida política do Antigo Império do Egito possuía alguns traços peculiares, como o fato de que:

- a) a separação entre o Estado e a religião era total, pois não havia religião oficial;
- b) os governantes dos nomos eram diretamente eleitos pelo povo, ainda que subordinados ao faraó;
- c) a monarquia, a fim de evitar o despotismo, não tinha o caráter de hereditária;
- d) o faraó exercia o poder como vigário de Deus; assim, era mais uma teocracia que uma autocracia;
- e) os poderes executivo e judiciário confundiam-se, sendo o faraó o juiz supremo, salvo nos casos que envolvessem crime político.

08. (UFES) O Código de Hamurábi foi achado em Susa, em 1902. Esse documento constitui:

- a) um legado da civilização egípcia: tratado do Estado egípcio sobre as leis que regulavam a economia altamente estatizada daquele povo, produzido entre 2700 e 2400 a.C.;
- b) um legado da civilização sumeriana: compilação de tratados escritos por diferentes reis da Suméria, versando sobre as leis que regulavam a vida social e familiar do povo sumeriano;

c) um legado da civilização babilônica: princípios de um direito natural e consuetudinário, escrito pelo rei da Babilônia, os quais vigoravam entre os povos conquistadores durante seu império;

d) um legado da civilização babilônica: princípios religiosos herdados do povo sumeriano, que foram produzidos, segundo a lenda, pelos deuses babilônicos entre os séculos XV e X a.C.;

e) um legado da civilização egípcia: conjunto de leis dinásticas escritas entre os séculos XIV e IX a.C., as quais regulavam o casamento e a propriedade de terras férteis.

09. (VUNESP) Os estados teocráticos da Mesopotâmia e do Egito evoluíram acumulando características comuns e peculiaridades culturais. Os egípcios desenvolveram a prática de embalsamar o corpo humano porque:

a) se opunham ao politeísmo dominante na época;

b) os seus deuses, sempre prontos para castigar os pecadores, desencadearam o dilúvio;

c) depois da morte, a alma podia voltar ao corpo mumificado;

d) construíram túmulos, em forma de pirâmides truncadas, erigidas para a eternidade;

e) os camponeses constituíam categoria social inferior.

10. (UNIJUI-RS) O documento jurídico que consagrou a Lei de Talião, também conhecida como a lei do “olho por olho e dente por dente”, apareceu pela primeira vez:

a) nas leis de Drácon em Atenas;

b) nas leis de Licurgo em Esparta;

c) nas leis das Doze Tábuas na Roma Antiga;

d) no Corpus Juris Civilis no Império Romano do Oriente;

e) no Código de Hamurábi na Mesopotâmia.

11. (FESP) A principal contribuição dos hebreus para a civilização ocidental foi:

a) a organização política;

b) o monoteísmo religioso;

c) a grande obra literária;

d) o desenvolvimento artístico e cultural;

e) o conhecimento científico e tecnológico.

12. (PUC-SP) “O judaísmo é o mais antigo monoteísmo do mundo, e deu origem ao cristianismo e ao islamismo.” Seu fundador foi Abraão, que viveu por volta do século XIX antes de Cristo. Sua base é

a crença no Deus vivo, que é transcendente, onipotente e justo, e que se revela à humanidade. Suas escrituras sagradas, leis, profecias e tradições refletem cerca de 3500 anos de vida espiritual. Os textos sagrados mais importantes para os judeus são:

a) a Torá ou Pentateuco e o Talmude;

b) o Velho Testamento, mais o Apocalipse;

c) toda a Bíblia, menos os livros “apócrifos”;

d) o Mishna, o Gemara e os Evangelhos;

e) n.d.a.

Antiguidade Ocidental ou Clássica: Grécia e Roma

Da desintegração das comunidades primitivas do período pré-histórico originaram-se sociedades submetidas a um sistema de servidão coletiva, impostas por Estados Teocráticos que se estabeleceram principalmente na região oriental do Mediterrâneo. Mas surgiram também outras sociedades, cuja principal característica era o predomínio das relações escravistas de produção, tal como existiram na Grécia e em Roma, onde a produção baseava-se no trabalho escravo sob o domínio de uma elite de grandes proprietários de terras e escravos. Inicialmente, a escravidão era limitada aos prisioneiros de guerra. Com o tempo, desenvolveu-se a escravidão por dívida.

Nas sociedades surgidas na Grécia e em Roma a divisão em classes envolvia, de um lado, os homens livres (grandes proprietários e pequenos produtores) e de outro os escravos. Paralelamente, a expansão escravista impulsionou o crescimento do comércio, que levou ao surgimento de uma classe intermediária formada por grandes comerciantes, usurários, artesãos e armadores.

Civilização grega

Ocupação do território

Esse território que hoje chamamos de Grécia já foi o centro de uma rica civilização na Antiguidade. Era conhecido por **Hélade**, pois foi habitado pelos heleños (provenientes da Ásia: **aqueus, jônios, eólios e dórios**). O nome Grécia originou-se da palavra *graeci*, um dos povos que habitaram primitivamente a região.

A ocupação humana no território grego aconteceu por volta do ano 2000 a.C., dando origem a uma das mais importantes civilizações da Antiguidade, pois legou boa parte de sua cultura para a formação das civilizações ocidentais.

A Grécia Antiga não se constituía em um Estado único, com um governo exclusivo. Era, na verdade, um conjunto de cidades-Estado independentes (pólis) e rivais, das quais se destacaram **Atenas** e **Esparta**. O mar e as montanhas dão ao território grego um aspecto fragmentado. Essa fragmentação geográfica provavelmente facilitou a fragmentação política.

Influência do solo e do relevo

A pobreza do solo influenciou decisivamente na história da Grécia Antiga. A baixa produtividade forçava os gregos a buscarem alimentos em outras regiões. E como a presença do mar era uma constante para o grego, o litoral extremamente recortado e a proximidade das ilhas contribuíram para o desenvolvimento da navegação, oferecendo amplas possibilidades de conquista de outras regiões mais produtivas, cujos habitantes podiam ser subjugados à condição de escravos, que eram utilizados principalmente na agricultura, mas também nas minas e nas oficinas de artesãos das cidades onde comerciantes enriqueciam a custa dos escravos como mercadoria.

A Grécia Antiga ocupava um território que pode ser, geograficamente, dividido em três partes:

- **Grécia Continental:** Ocupava o norte da península Balcânica, na parte correspondente ao continente, onde formou-se a Macedônia.
- **Grécia Peninsular:** Ocupava toda a península Balcânica, as costas da Ásia Menor e o sul da Itália.
- **Grécia Insular:** Formada pelas diversas ilhas do mar Egeu e do mar Jônico, destacando-se a ilha de Creta, a maior delas.



Fonte: World History Atlas. Dorlin Kindersley Limited. Adaptado. London, 2008.

Divisão histórica

A história da Grécia foi dividida nos seguintes períodos:

- Período Pré-Homérico (século XVII a.C. ao século XIII a.C.)
- Período Homérico (século XII a.C. ao século VIII a.C.)
- Período Arcaico (século VIII a.C. ao século VI a.C.)
- Período Clássico (século V a.C. ao século IV a.C.)
- Período Helenístico (século III a.C. ao século II a.C.)

Período Pré-Homérico

As origens da civilização grega estão profundamente ligadas ao povo que viveu na Ilha de Creta. Anteriores aos gregos, os cretenses se fixaram na Ilha por volta de 3600 a.C., de onde iniciaram ligações com o Egito, a Ásia Menor e a própria Grécia, dominando o comércio e, ainda, conquistando diversas cidades gregas. Sua cultura era brilhante, mas acabou sucumbindo perante a invasão dos **aqueus**, dando início à civilização **creto-micênica**, pois a principal cidade dos aqueus era **Micenas**.

Após os aqueus, aconteceram sucessivas invasões de povos, também, indo-europeus: vieram os jônios, que fundaram a cidade de **Atenas**; chegaram os eólios, que fundaram a cidade de **Tebas**; e por fim chegaram os **dórios**, que fundaram a cidade de **Esparta**.

Período Homérico

Inicialmente a população organizou-se em pequenas comunidades agropastoris, chamadas **genos** (comunidades gentílicas). Eram grandes famílias, lideradas por um patriarca.

Com o crescimento da população, a produção coletiva tornou-se insuficiente e os chefes de família e seus descendentes diretos passaram a apropriar-se das melhores terras, formando-se uma aristocracia rural.

As principais fontes históricas para o estudo desse período são os poemas épicos (que contam feitos heróicos), atribuídos a Homero: *Ilíada* e *Odisséia*, por isso é identificado como período Homérico.



Aquiles ferido no calcanhar

Fotolia

Período Arcaico

Com a união de várias tribos, originou um agrupamento urbano com necessidade de uma organização social, política e moral mais elaborada, as pólis (cidades-Estado). Apesar da independência, as cidades-Estado gregas mantinham características culturais únicas (língua e religião), que identificavam essa civilização.

Neste período o povo passou a emigrar para outras regiões, porque as terras estavam nas mãos da aristocracia e o território tornava-se insuficiente para a crescente população. Os emigrados fundaram muitas colônias, ocupando uma vasta região que se estendia pelo sul da França, sul da Itália e norte da África (a Magna Grécia), entre os séculos VIII e VII a.C.

As duas principais pólis gregas foram **Esparta** e **Atenas**.

• Esparta

Localizada na planície da Lacônia, península do Peloponeso, a cidade foi fundada pelos dórios, povo de espírito guerreiro, daí o caráter militarista que acompanhava o modo de vida espartano.

A sociedade estava dividida em classes rigidamente estabelecidas:

- **Esparciatas:** Descendentes dos dórios e detentores dos direitos políticos.
- **Periecos:** Homens livres, mas desprovidos de direitos políticos.
- **Hilotas:** Servos pertencentes ao Estado.

O governo de Esparta era constituído por uma **Diarquia**. Dois reis reinavam ao mesmo tempo, desempenhando funções de caráter religioso e militar. A elaboração das leis e as decisões mais importantes cabiam à Gerúsia, um conselho composto por 28 anciãos (gerontes) com mais de 60 anos, escolhidos por uma assembleia.

O espartano recebia severa educação militar, aprendendo a levar uma vida rígida e submissa ao Estado. A partir dos sete anos, os meninos eram entregues ao Estado, que se encarregava de sua educação. As meninas também recebiam treinamento físico e psicológico, para, futuramente, serem esposas e mães de guerreiros. As mulheres espartanas gozavam de mais liberdade do que as de outras cidades, pois podiam participar de reuniões públicas.

A formação militarista dos espartanos nasceu da necessidade de autodefesa em relação aos hilotas que mantinham sob dura escravidão, e não objetivando a guerra, como a princípio pode-se pensar.



Soldado espartano

• Atenas

Localizada na planície da Ática, Atenas foi fundada pelos jônios e é a atual capital da Grécia.

Devido ao solo pouco fértil da região e à aproximação do litoral, os atenienses dedicaram-se intensamente ao comércio marítimo, dominando grande parte do Mediterrâneo.

A sociedade ateniense era composta, basicamente, de cidadãos (apenas os filhos de pai e mãe ateniense), estrangeiros e escravos, organizados da seguinte forma:

- **Eupátridas:** Ricos latifundiários, membros da mais poderosa aristocracia.
- **Metecos:** Estrangeiros proibidos de possuírem terras e sem direitos políticos. Dedicavam-se ao comércio e artesanato.
- **Escravos:** Eram a maioria da população e considerados propriedade.

A educação ateniense tinha como objetivo principal a formação completa do indivíduo (física, intelectual e artística). Era uma cidade de navegadores, comerciantes, filósofos, poetas e artistas.

Até meados do século VIII a.C., a cidade de Atenas foi governada por um rei (basileu), que acumulava funções de chefe religioso, militar e jurídico. A partir daí, a aristocracia rural (eupátridas) tomou o poder, formando o Arcontado, governo comandado pelos nobres (arcontes).

Em 624 a.C., o arconte Drácon criou uma legislação escrita, substituindo as leis orais e baseando-se nos costumes da época.

Em 549 a.C., outro legislador, Sólon, estabeleceu reformas socioeconômicas e políticas: decretou o fim da escravidão por dívidas e a devolução das terras per-

didadas pelos camponeses, incentivou a indústria e o comércio e substituiu o critério de nascimento pelo de riqueza, para a participação política do cidadão, abrindo caminho para a chamada democracia ateniense.

Em 506 a.C., Clístenes, denominado o “**Pai da Democracia**”, assumiu o governo, baseando-se em princípios de igualdade política e de participação de todos nas decisões do governo (princípio da isonomia).

Durante o governo de Péricles (461 a 429 a.C.), a democracia ateniense atingiu sua plenitude, as decisões governamentais eram tomadas numa assembleia popular (Eclésia), realizada ao ar livre, na qual todos os cidadãos do sexo masculino e com mais de 18 anos poderiam participar.

É importante ressaltar que, apesar de todas as reformas, escravos, estrangeiros e mulheres continuavam não gozando de direitos políticos. Era, portanto, uma democracia patriarcal, elitista e escravista.

Período Clássico

Trata-se da época em que as cidades-Estado estavam consolidadas e a cultura grega atingiu seu apogeu, principalmente em Atenas.

O grande desenvolvimento econômico desse período provocou choques de interesses com outros povos e até mesmo entre as próprias cidades gregas.

• Guerras Médicas

Entre persas (chamados de medos) e gregos (500 a 479 a.C.).

A Pérsia encontrava-se num grande processo de expansão imperialista sobre o Oriente Médio e o Egito, passando, também, a cobiçar as colônias gregas no litoral da Ásia Menor, bem como as ilhas do mar Egeu e a própria Grécia.

O primeiro conflito ocorreu em 490 a.C., quando tropas persas do rei Dario I desembarcaram na planície de Maratona, mas foram derrotadas por soldados atenienses.

Diante do perigo persa, as cidades gregas fundaram a Liga Pan-Helênica, na qual coube à Esparta o comando terrestre e, à Atenas, o comando das forças navais.

Seguindo as ordens de seu rei, Xerxes, filho de Dario, 250 mil persas invadiram a Grécia em 480 a.C., derrotando forças espartanas de Leônidas no desfiladeiro de Termópilis e incendiando Atenas, esta já abandonada por sua população. Porém, os persas foram derrotados pelos atenienses na **Batalha de Salamina** e pelos espartanos em **Plataea**. Essa vitória consolidou o domínio comercial grego sobre o mar Egeu e a costa da Ásia Menor.

• Guerra do Peloponeso (443 a 429 a.C.)

Liga de Delos (Atenas) X Liga do Peloponeso (Esparta).

Temendo uma nova investida dos persas sobre a Grécia, o governo ateniense propôs a criação da **Liga de Delos** (com sede na ilha de Delos), através da qual as cidades gregas deveriam enviar parte de suas riquezas para Atenas, protegendo a região de uma futura invasão. Tal procedimento transformou Atenas na mais poderosa e rica cidade grega, o que fez crescer a rivalidade de outras cidades que não aceitaram se submeter à hegemonia ateniense, principalmente Esparta.

Após quase trinta anos de guerra, Esparta derrotou Atenas. A vitória espartana significou na verdade o fim do projeto imperialista ateniense que poderia ter levado a unificação das cidades-Estado e ao fim da fragmentação política que caracterizou a história da civilização grega.

Período Helenístico

Isoladas e enfraquecidas após tantos anos de guerra, as cidades-Estado gregas acabaram sendo invadidas, inicialmente, pelo exército da **Macedônia**, comandado por Felipe II.

Com a morte de Felipe II, seu filho, Alexandre Magno assumiu o comando e conquistou um vasto império que compreendia a Ásia Menor, o Egito e o norte da Índia. Tendo em vista que o jovem imperador macedônio havia sido educado pelo sábio grego Aristóteles, acabou por criar uma fusão da cultura grega com a cultura dos povos orientais por ele conquistados, dando início a uma nova manifestação cultural: o **Helenismo**.

O centro dessa nova cultura foram as cidades de Pérgamo e principalmente Alexandria, onde foi construída uma imensa biblioteca.

Com a morte de Alexandre, o Império foi dividido em três grandes reinos: da Síria, do Egito e da Macedônia (que englobava a Grécia). Entre os séculos II e I a.C., esses reinos, juntamente com outros menores, foram dominados pelos romanos.

Religião

Os gregos praticavam um culto politeísta e antropomórfico (vários deuses com forma humana), em que os deuses se envolviam em aventuras fantásticas, tendo, também, a participação de heróis (semideuses), como Hércules, Aquiles, Teseu e Perseu, que eram considerados divinos. Os deuses gregos, à semelhança do homem, possuíam tanto virtudes quanto defeitos. Para relatar os feitos dos deuses e dos heróis, os gregos criaram uma rica mitologia.

Normalmente, as cerimônias públicas, mesmo de cunho político, eram antecedidas por práticas religiosas, o que reflete a importância da religião entre os gregos antigos.

Apesar da autonomia política das cidades-Estado, os gregos estavam unificados em termos religiosos. Entre as divindades cultuadas, estavam:

- Zeus (senhor dos deuses)
- Poseidon (deus do mar)
- Hades (deus dos subterrâneos e da terra dos mortos)
- Deméter (deusa da terra)
- Afrodite (deusa do amor)
- Apolo (deus da luz e das artes)
- Dionísio (deus do vinho)
- Atena (protetora das artes e sabedoria)
- Artêmis (deusa da caça)
- Hermes (deus das comunicações)
- Hera (protetora das mulheres)



Estátua de Zeus, o rei dos deuses



Estátua da deusa Atena

Além dos grandes santuários, como os de Delfos, Olímpia e Epidauro, os oráculos também recebiam grandes multidões, pois lá se acreditava receber mensagens diretamente dos deuses. Um exemplo claro estava no oráculo de Delfos, onde uma pitonisa (sacerdotisa do Templo de Apolo) entrava em transe e revelava o futuro dos peregrinos.

Cultura

Até por volta do século VII a.C., os gregos explicavam sua origem e a realidade em que viviam através da mitologia que repleta de elementos simbólicos e sobrenaturais, buscava explicar as ações humanas por meio da interferência dos deuses. A passagem do mito à razão na cultura grega foi lenta e gradual. A princípio essas duas formas de entender e explicar o mundo coexistiram e interagiram. Porém, a crença na razão humana para interpretar e compreender o desconhecido levou os gregos a investigação intelectual do mundo e suas coisas.

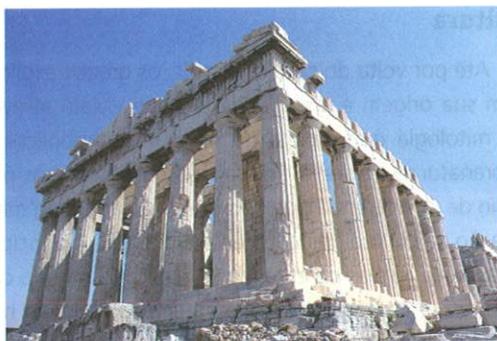
No século VI a.C., surgiram os sofistas, que buscavam explicações mais realistas para a existência humana. Esses sofistas foram, de certa forma, os precursores dos grandes filósofos gregos, que despontaram no século IV a.C. A filosofia grega exerceu grande influência no pensamento racionalista ocidental. Destacam-se entre os principais filósofos gregos: **Sócrates**, que foi um grande questionador (acusado de renegar os deuses, foi condenado à morte); **Platão**, que fundou a Academia de Atenas e escreveu, entre outras obras, *A República*; e **Aristóteles**, considerado o "pai da Lógica".

Foram os gregos os primeiros a sistematizar a História. **Heródoto** ficou conhecido como "pai da História". Nas ciências podemos destacar: **Tales de Mileto** e **Pitágoras**, que deixaram grandes contribuições de cálculos matemáticos e de Geometria; **Hipócrates**, que passou a estudar as doenças humanas de forma racional e sistemática (foi considerado o "pai da Medicina").

Nas artes, merece destaque o teatro grego, caracterizado por peças cujo tema principal era a tragédia, apesar de também representarem comédias. Seus principais representantes foram: **Ésquilo** (*Prometeu Acorrentado*), **Sófocles** (*Édipo Rei*) e **Eurípedes** (*Medeia*).

Os gregos alcançaram grande progresso no campo da arquitetura (principalmente templos aos deuses) e da escultura, dedicando-se também à pintura, à música e à cerâmica. Essas artes eram carregadas de humanismo, racionalismo e harmonia.

Até mesmo nos esportes a Grécia deu sua contribuição, pois lá foram criados os Jogos Olímpicos, realizados a cada quatro anos, ocasião em que se reverenciava a Zeus.



O Partenon atualmente, na acrópole de Atenas

Wikipédia

Exercícios

05. Esparta e Atenas foram as principais cidades da Grécia Antiga e apesar da língua e religião comuns, que unificava o povo grego, essas cidades tinham diferenças marcantes. Identifique essas diferenças.

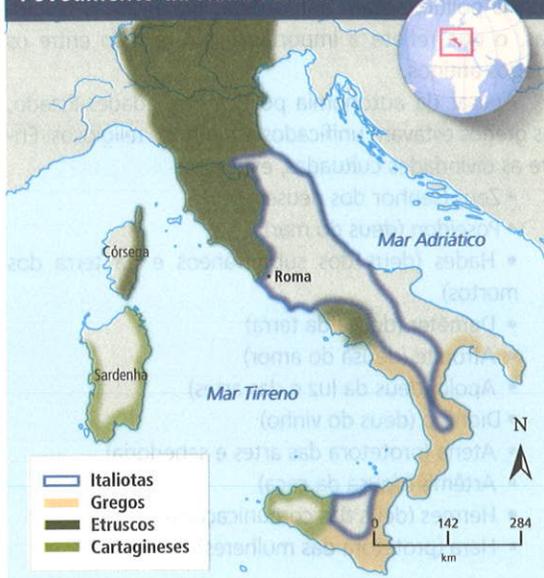
06. Um governo democrático, na concepção atual, pressupõe a participação do povo nas decisões políticas. Nesse contexto, existia realmente a democracia em Atenas? Justifique sua resposta.

Civilização romana

Origens de Roma

Por volta do II milênio a.C., a península Itálica foi ocupada por povos **italiotas**, subdivididos em latinos, **volcos**, **équos**, **úmbrios**, **sabinos** e **saminitas**. No século VIII a.C., chegaram os **etruscos** e os **gregos** que também se estabeleceram na região. O povo romano surgiu da mistura desses povos.

Povoamento da Itália 500 a.C.



Fonte: World History Atlas. Dorlin Kindersley Limited. Adaptado. London, 2008.

Não existem documentos escritos sobre a fundação de Roma. Porém, as pesquisas indicam que ela pode estar ligada às tribos italoitas dos sabinos e latinos, que se instalaram na região do Lácio, fundando várias aldeias.

De acordo com a tradição lendária, relatada pelo poeta romano Virgílio, Roma teria sido fundada em 753 a.C. por dois gêmeos, **Rômulo e Remo**, netos do rei Numitor, de Alba Longa, e descendentes de Eneias, herói de Troia que escapou quando os gregos destruíram a cidade. Depois de fundar a cidade, os dois irmãos disputaram o poder de reiná-la. Rômulo acabou matando Remo e tornou-se o primeiro rei de Roma.

Enquanto a Grécia permaneceu ligada à concepção da pólis (às cidades-Estado), Roma partiu para a construção de um império.

Economia

Roma tinha como base de sua economia também a mão de obra escrava, e para manter e ampliar o sistema escravista era preciso desenvolver uma política expansionista que trouxe mais terras e escravos para a agricultura. Em cada região conquistada, parte das terras era transformada em terra pública, o *ager publicus* que ficava nas mãos da aristocracia escravista.

Da mesma forma que na Grécia, em Roma predominou o modo de produção escravista. O escravo realizava inúmeros trabalhos, nos mais diversos setores: agricultura, artesanato, comércio, minas, pedreiras e serviços especializados como o de músico, professor

e outros. Ocorreram várias revoltas dos escravos, inconformados com sua situação e com a exploração a que eram submetidos.

Sociedade

Os diferentes grupos sociais na Roma Antiga estavam divididos em:

- **Patrícios:** Latifundiários que compunham a nobreza local. Eram os cidadãos romanos.
- **Plebeus:** Comerciantes, artesãos e agricultores livres. Eram a maioria da população, a base do exército e não gozavam de direitos políticos.
- **Clientes:** Homens livres associados aos patrícios. Prestavam-lhes serviços.
- **Escravos:** Prisioneiros de guerra, eram considerados propriedade.

Períodos históricos

A história de Roma pode ser dividida em três períodos, de acordo com a sua organização política: Monarquia, República e Império.

Monarquia

753 a 509 a.C.

Nesse período, as informações sobre Roma ainda estão ligadas às lendas. São conhecidos apenas o nome de sete reis. Os quatro primeiros eram itálicos e os três últimos etruscos.

No ano de 509 a.C., descontentes com as medidas adotadas, que beneficiavam os plebeus, os patrícios depuseram o rei etrusco Tarquínio, implantando um governo republicano. O Senado, composto somente por patrícios, tornou-se o órgão de maior poder na política romana.

República

509 a 27 a.C.

Os patrícios passaram a controlar os altos cargos do governo. Dois cônsules, com mandato de um ano, eram eleitos para o comando do exército e a administração da cidade. Em caso de graves crises políticas, nomeava-se o ditador, um magistrado que governava com plenos poderes, no máximo por seis meses.

Os plebeus compunham a maior parte da população, participavam do exército, pagavam impostos, mas não gozavam de direitos políticos. Essa situação gerou graves revoltas populares.

Para acomodar a população, o Senado criou o car-

go de tribunos da plebe, cujo mandato era de um ano.

Tibério Graco foi eleito tribuno da plebe em 133 a.C., tentou melhorar as condições da população, propondo uma espécie de reforma agrária, mas foi combatido pelos patrícios e assassinado.

Caio Graco, irmão de Tibério, foi também eleito tribuno da plebe dez anos depois. Propôs uma série de reformas: por meio da Lei Frumentária, o trigo deveria ser vendido abaixo do preço aos plebeus e as terras deveriam ser redistribuídas. Novamente a oposição dos patrícios foi violenta, Caio entrou em luta com a aristocracia e, cercado, pediu que um escravo o assassinasse.

Neste período algumas leis foram criadas que significaram conquistas para a plebe.

- Lei das Doze Tábuas, primeiro código civil escrito que, mesmo beneficiando os patrícios, evitava arbitrariedades.
- Lei Canuleia, permitia o casamento entre patrícios e plebeus.
- Lei Licínia, que anulava a escravidão por dívidas e permitia o acesso da plebe às magistraturas.

Conquistas territoriais

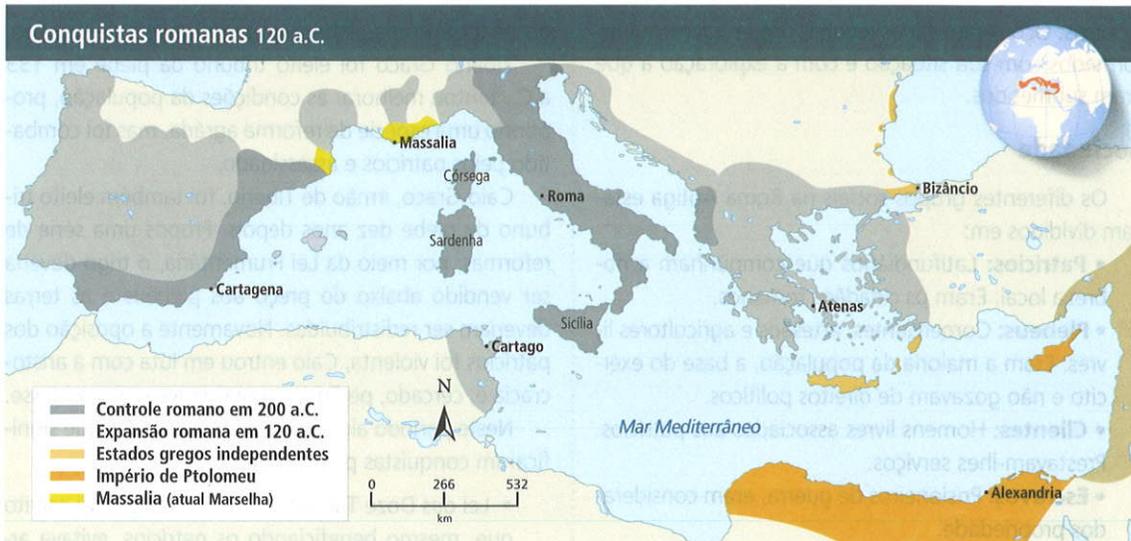
A luta interna entre patrícios e plebeus não chegou a prejudicar a ascensão da República romana, que expandiu, extraordinariamente, seu território por meio de conquistas militares.

Entre 400 a.C. e 270 a.C., os romanos conquistaram toda a península Itálica. Em seguida, o expansionismo romano voltou-se para o Mediterrâneo ocidental, rica área dominada por Cartago, uma ex-colônia fenícia fundada no norte da África. O conflito entre romanos e cartagineses, provocado pela disputa do controle do comércio no Mediterrâneo, denominou-se Guerras Púnicas (entre 264 e 146 a.C.), pois os romanos chamavam os cartagineses de púnicos. Foram três grandes conflitos. Ao final da guerra, os romanos derrotaram os cartagineses, tomaram seus domínios e destruíram completamente sua cidade.

Após o domínio de Cartago, os romanos dirigiram seu imperialismo sobre a Grécia e a Macedônia, Egito e regiões da Ásia Menor. Enfim, o mar Mediterrâneo foi inteiramente controlado pelos romanos, que passaram a chamá-lo de *mare nostrum* (nosso mar).

Os romanos transformavam as regiões conquistadas em províncias, apossavam-se de suas riquezas e passavam a cobrar altos impostos.

Conquistas romanas 120 a.C.



Fonte: World History Atlas. Dorlin Kindersley Limited. Adaptado. London, 2008.

Crise da República

A crise econômica pelo qual passava a maioria da população romana, comparada aos privilégios dos patrícios, estabelecia um clima de tensão social. A superpopulação empobrecida de Roma criava uma situação insustentável. Para tentar controlar o problema, o governo instituiu a chamada política do “**pão e circo**”: distribuição gratuita de trigo aos plebeus e ingressos gratuitos nos espetáculos de circo. Era uma forma de manter o povo ocupado, evitando rebeliões, forma esta que ainda hoje é usada por muitos governos.

Domínio dos generais

À medida que a expansão territorial prosseguia, alguns generais conquistadores começaram a tentar estabelecer seu controle sobre Roma.

A princípio, comandando um exército forte, o general Mário assumiu o consulado e transformou o exército em uma força popular, permitindo que plebeus assumissem cargos outrora restritos aos patrícios. Foi deposto por outro general romano, Sila, que acabou obrigado a renunciar pelo Senado.

Em meio às lutas de disputa pelo governo foi organizado o **Primeiro Triunvirato**, formado por três generais: **Júlio César, Pompeu e Crasso**. Logo depois de assumir o governo, Crasso foi assassinado e Júlio César conseguiu vencer a oposição de Pompeu, que tinha o apoio do Senado, tornando-se ditador supremo de Roma. As medidas populares adotadas no governo de César fortaleceram seu poder com o povo e o exército, mas desagradavam o Senado, que começou a conspirar contra ele. Em 44 a.C., César foi assassinado por um grupo de senadores.

Os aliados de César conseguiram neutralizar os conspiradores e organizaram o **Segundo Triunvirato**, composto por **Marco Antônio**, um dos fortes generais de Júlio César, Otávio, general e sobrinho de César, e **Lépido**, comandante da cavalaria.

No entanto, a luta entre os membros do Triunvirato teve continuidade: Lépido foi afastado do poder; Otávio, que comandava as tropas no Ocidente, declarou guerra a Marco Antônio, que controlava parte do exército no Oriente e no Egito, onde se refugiou. Porém, Marco Antônio foi derrotado e acabou se suicidando, juntamente com Cleópatra, a rainha egípcia.

Concentrando todos os poderes em suas mãos, comandando o exército e tendo um Senado com poderes limitados, Otávio acabou com a República e criou o Império Romano, no ano 30 a.C., dando início a uma nova fase política em Roma.



Ruínas do Coliseu, construído por Vespasiano em 72 d.C.



Império

27 a.C. a 476 d.C.

Ao imperador Otávio foi concedido o título de **Augusto**, que significava divino e sagrado e era dedicado apenas aos deuses, passando a se chamar Otávio Augusto.

O imperador concentrou em suas mãos todos os poderes e empreendeu uma série de reformas que o tornaram popular. Podemos destacar, entre suas reformas, a distribuição de terras aos soldados veteranos e a manutenção da política do "pão e circo". Sob seu império, Roma atingiu o esplendor cultural e a prosperidade econômica: as revoltas internas cessaram, estabelecendo-se a chamada *Pax Romana*. Nessa época, nasceu Jesus, na província romana de Judá, fundador do Cristianismo, religião que passou a ganhar adeptos em todo o império.

Alto Império

Essa fase de riqueza e prosperidade ficou conhecida como Alto Império e caracterizou-se pela sucessão de diferentes dinastias no poder.

Apesar da prosperidade e da paz, a vida política com os sucessores de Otávio Augusto foi bastante agitada. Foram vários imperadores prepotentes ou desequilibrados que contribuíram para o enfraquecimento do império.

Tibério permitiu a corrupção e a imoralidade no governo. Calígula, jovem imperador, era desequilibrado e libertino. Cláudio foi assassinado por sua esposa. Nero teve seu governo marcado pela loucura e pelo início da perseguição aos cristãos. Nero ordenou a morte de seus familiares e atribuiu-se a ele o incêndio de Roma; acabou assassinado por um escravo. Esses imperadores pertenceram a chamada **Dinastia Júlio-Claudiana** (14 a 68 d.C.).

Após a morte de Nero, houve uma violenta disputa pelo poder, que acabou nas mãos da Dinastia dos Flávios (69 a 96 d.C.), representada sucessivamente pelos imperadores Vespasiano e Domiciano, que restabeleceram a paz e a ordem interna no império.

Roma voltou a ter tranquilidade e prosperidade com a Dinastia dos Antoninos (96 a 192 d.C.), graças à habilidade administrativa de três dos seis imperadores dessa dinastia: **Nerva**, **Trajano** e **Marco Aurélio**. Entretanto, a partir do governo de Cômodo, último imperador dos Antoninos, o Império Romano mergulhou num processo generalizado e irreversível de decadência.

Baixo Império

Durante a Dinastia dos Severos (193 a 235 d.C.), cresceram as ameaças de povos vizinhos que avançavam sobre as fronteiras de Roma, instalando-se o caos e a decadência, dando início ao chamado Baixo Império.

O gigantismo do Império Romano dificultava a administração. As fronteiras tornavam-se vulneráveis à invasão dos bárbaros, povos vindos do leste europeu que começaram a invadir, gradativamente, os territórios conquistados pelos romanos.

Nesse período merecem destaque alguns imperadores: Diocleciano, criador da Tetrarquia, que dividia a administração entre quatro generais, com a finalidade de obter estabilidade interna, mas não teve sucesso; Constantino, que transferiu a capital de Roma para Bizâncio (Constantinopla), antiga colônia grega; Teodósio, que em 395 dividiu o Império em duas partes: o Império Romano do Ocidente, com capital em Roma, e o Império Romano do Oriente, com capital em Constantinopla (hoje Istambul, na Turquia).

O Império do Ocidente chegou ao fim quando os hérulos, tribo germânica chefiada por Odoacro, derrubaram Rômulo Augusto, o último imperador romano, em 476 d.C.

O Império do Oriente sobreviveu até o final da Idade Média, quando foi dominado pelos turcos, em 1453.

Crise do escravismo

Com a diminuição do número de conquistas durante o Baixo Império, houve uma redução do número de escravos em oferta, o que fez aumentar muito os preços e tornou desvantajoso o trabalho escravo para os grandes proprietários em suas terras (chamadas Villas). Com isto, passaram a arrendar parcelas de suas terras a trabalhadores chamados **colonos**. Estes podiam ser ex-escravos, plebeus urbanos (da cidade) ou pequenos proprietários, substituindo gradativamente o trabalho escravo pelo trabalho servil, do homem não mais escravo, mas agora fixado à terra.

Religião

Os aspectos mais antigos da religião romana são voltados ao culto dos espíritos dos mortos e ao animismo (crença nas forças da natureza).

Os gregos exerceram grande influência na cultura e na religião romana. Assim como eles, os romanos eram politeístas e seus deuses eram os mesmos dos gregos, porém rebatizados com nomes latinos:

Exemplos:

- Zeus = Júpiter
- Hera = Juno
- Atena = Minerva
- Posêidon = Netuno
- Dionísio = Baco
- Afrodite = Vênus

Com o processo de expansão romana, os contatos com os povos do Oriente permitiu também a assimilação de alguns aspectos de suas religiões, como o culto à Grande Mãe (Cibele) e da tendência de divinização do governante.

O politeísmo herdado dos gregos foi abalado por uma religião monoteísta – o Cristianismo – que surgiu na Palestina, entre o povo hebreu, a partir do judaísmo e disseminou-se pelo império.

Legado cultural

A cultura e a língua grega foram forte referência nas produções intelectuais e artísticas dos romanos.

A língua latina, dos romanos, deu origem a vários idiomas do mundo ocidental: **francês, espanhol, italiano, romeno e português.**

O principal legado cultural romano é o Direito, que se desenvolveu pela necessidade do Estado elaborar normas jurídicas para controlar a imensidão do império. O direito romano ainda é fonte de inspiração para os juristas modernos.

Na **Literatura**, destacaram-se o poeta **Virgílio**, autor de *Eneida*, **Horácio**, com *Odes e Sátiras*, e **Ovídio**, com *Arte de Amar*.

Entre os principais historiadores romanos estão **Tito Lívio**, autor de *História de Roma*, e **Tácito**, com *Da Germânia*.

A **Arquitetura** romana se caracterizava pela grandiosidade de suas obras, marcada por cúpulas, arcos e abóbadas, aliando beleza e funcionalidade. Os romanos construíram aquedutos (canais para água), palácios, templos, estradas calçadas, teatros e termas (banhos públicos), que podem ser vistos até hoje.

Na **Escultura**, os romanos buscavam retratar a realidade das formas, destacando-se os bustos e as estátuas equestres.

O teatro e o circo, que traziam espetáculos de lutas de homens contra animais ferozes e entre gladiadores, também marcaram a cultura e o lazer dos romanos.

Exercícios

07. Explique a expressão “*Mare Nostrum*”, adotada pelos romanos na Antiguidade.

08. Qual o objetivo das reformas propostas pelos tribunos da plebe, Tibério e Caio Graco, principalmente sobre a distribuição de terras durante a República Romana?

09. A política do chamado “pão e circo”, adotada pelos governantes romanos em época de crise, tinha, entre outros objetivos, evitar revoltas populares contra o governo e as classes dominantes.

Na sua opinião, de alguma forma essa política ainda existe hoje?

10. (FUVEST-SP) Analise, no processo histórico da Grécia, a relação existente entre os elementos citados abaixo:

- a) Confederação de Delos.
- b) Imperialismo ateniense.
- c) Guerra do Peloponeso.

11. (UNICAMP-SP) Neste depoimento, o Imperador Augusto (30 a.C.-14 d.C.) descreve a “Paz Romana”, realização que assinala o apogeu da expansão do Império no Mediterrâneo:

“Estendi os limites de todas as províncias do povo romano fronteiriças de nações que escapavam à obediência ao Império. Restabeleci a ordem nas províncias das Gálias, das Espanhas, na Germânia. Juntei o Egito ao Império, recuperei a Sicília, a Sardenha e as províncias além do Adriático.”

Fonte: Adaptado de Gustavo Freitas, *900 textos e documentos de História*, Lisboa, Plátano, s.º, v. 3, p. 96-7.

a) Explique a importância do mar Mediterrâneo para o Império Romano.

b) Quais as formas de governo que antecederam a ascensão dos imperadores em Roma?

12. (UNICAMP-SP) Para a historiadora francesa J. Romillys, a Guerra do Peloponeso foi o “suicídio profundo das cidades da Grécia”.

a) O que foi a Guerra do Peloponeso?

b) Por que a autora afirma que a Guerra foi o “suicídio” das cidades-Estado gregas?

Testes

13. (UM-SP) No processo histórico da Grécia Antiga, a Confederação de Delos, organizada no século V a.C. e que chegou a reunir 400 cidades, está associada:

- a) ao fracasso grego nas Guerras Médicas;
- b) à extinção da democracia escravista grega;
- c) à ascensão persa em função do controle sobre todo o Mediterrâneo ocidental;
- d) ao imperialismo ateniense após a vitória sobre os persas;
- e) à unificação política das cidades gregas para enfrentar a invasão macedônica.

14. (UFSC) Considerando os aspectos da cultura grega, podemos afirmar que ela apresenta as características a seguir:

- 01) A existência de vários deuses (politeísmo), aos quais se atribuía aparência humana (antropomorfismo).
- 02) A imortalidade dos deuses, que, embora mais poderosos que os homens, possuíam seus defeitos e paixões.
- 04) A obediência a verdades e preceitos contidos no *Livro Sagrado*, cuja origem remontava aos primeiros tempos de ocupação da África.
- 08) Os principais deuses olímpicos formavam uma espécie de clã sobre a autoridade de Zeus.
- 16) A existência de lendas sobre heróis (semideuses), aos quais atribuía aventuras e feitos surpreendentes.

15. (VUNESP) O Direito Romano, instituição legada pelo Império Romano à civilização ocidental, resultou da preocupação em:

- a) determinar as obrigações dos patrícios em relação aos plebeus;
- b) garantir aos primitivos itálicos seus direitos diante dos invasores etruscos;
- c) assegurar aos primeiros reis de Roma a continuidade de seu poder;
- d) aumentar o poder da República Romana diante das nações vizinhas;
- e) regulamentar a vida do cidadão romano, estabelecendo seus direitos e deveres diante do Estado.

16. (FGV-SP) “Representando pequeno número com relação às outras classes, eles estavam constantemente preparados para enfrentar quaisquer revoltas, daí a total dedicação à arte militar. A

agricultura, o comércio e o artesanato eram considerados indignos para o (...), que desde cedo se dedicava às armas. Aos sete anos, deixava a família, sendo educado pelo Estado, que procurava fazer dele um bom guerreiro, ensinando-lhe a lutar, a manejar armas e a suportar as fadigas e a dor. Sua educação intelectual era bastante simples (...). Aos vinte anos o (...) entrava para o serviço militar, que só deixaria aos sessenta, passando a viver no acampamento, treinando constantemente para as coisas da guerra (...). Apesar de ser obrigatório o casamento após os trinta anos, sua função era simplesmente a de fornecer mais soldados para o Estado.”

A transcrição acima refere-se aos cidadãos que habitavam:

- a) Atenas;
- b) Creta;
- c) Esparta;
- d) Chipre;
- e) Roma.

17. (UNESP-SP) A partir do século III, o Império Romano caminhou da crise para a decadência. E, a propósito, considerando as afirmações:

1. O exército romano fazia e desfazia imperadores.
2. A decisão de tolerar o estabelecimento dos bárbaros que forçavam as fronteiras, com o tempo, mostrou-se perigosa.
3. A fixação dos camponeses à terra contribuiu para o desenvolvimento do colonato, em detrimento do modo escravista de produção.
4. Os invasores liquidaram com o Império do Ocidente, não restando uma única instituição.

Assinale:

- a) Se todas as afirmativas estão incorretas.
- b) Se todas as afirmativas estão corretas.
- c) Se apenas a afirmativa 2 está correta.
- d) Se apenas a afirmativa 4 está incorreta.
- e) Se apenas a afirmativa 4 está correta.

18. (UNIFOR-CE) Os irmãos Tibério e Caio Graco, eleitos, sucessivamente, tribunos da plebe, procuraram realizar reformas populares para solucionar a crise da República Romana. Essas reformas:

- a) restauraram a autoridade do Senado e dos magistrados, assim como ampliaram a participação política da plebe nas assembleias centurias;
- b) instauraram a igualdade política ao reconhecerem o direito dos plebeus de eleger os representantes para as diversas magistraturas;

c) buscavam realizar a distribuição da terra e a recomposição da classe dos camponeses, assim como aumentar a participação dos cavaleiros na administração do Estado;

d) beneficiaram o exército e os cavaleiros, abrindo caminho para a implantação de uma ditadura em Roma;

e) conseguiram reduzir a pobreza dos camponeses através da coletivização da propriedade rural e da produção de trigo.

19. Considerando as civilizações da Idade Antiga – características e legados (heranças) para a posteridade – numere a coluna II conforme a coluna I:

Coluna I

- (1) Busca, na filosofia, explicações racionais sobre o mundo e abandono das explicações míticas (deuses).
- (2) Notável desenvolvimento do Direito.
- (3) Desenvolvimento do monoteísmo.
- (4) Grande preocupação com a vida após a morte, politeísmo antropozoomórfico.

Coluna II

- () Civilização Grega
- () Civilização Egípcia
- () Civilização Romana
- () Civilização Hebraica

A sequência correta é:

- a) 4 - 1 - 2 - 3
- b) 3 - 2 - 4 - 1
- c) 1 - 4 - 2 - 3
- d) 2 - 4 - 3 - 1
- e) 4 - 3 - 2 - 1

20. (UFPR) “...Dividiu-se em três partes o universo, e cada qual logrou sua dignidade. Coube-me habitar o mar alvacento, quando se tiraram as sortes; a Hades couberam as brumosas trevas e coube a Zeus o vasto céu, no éter, e as nuvens. A Terra ainda é comum a todos, assim como o vasto Olimpo.”

Fonte: HOMERO. *Íliada*. São Paulo: *Diffusão Europeia do Livro*, 1961, p. 261-262.

Segundo o texto de Homero, a origem do Universo é explicada pela divisão feita por Cronos entre seus três filhos: Posêidon, Hades e Zeus. A visão mítica, revelada por relatos como esse, permeou as sociedades gregas e romanas da Antiguidade e atribuiu um caráter religioso ao seu legado artístico e cultu-

ral. Sobre a religião dessas sociedades, é correto afirmar:

01) A mitologia era a base da religião, celebrada no culto aos antepassados, aos deuses e aos heróis.

02) Para os romanos, os deuses eram seres que não se identificavam com os vícios ou com as virtudes dos seres humanos.

04) Os mitos relatavam a criação do mundo e as relações entre deuses e homens, apresentando exemplos morais que deveriam pautar o comportamento humano.

08) Na religião da Grécia e Roma antigas, os heróis eram homens que praticavam ações extraordinárias, recebendo a mesma veneração destinada aos deuses.

16) Na Grécia, o culto a Júpiter não permitia a veneração de divindades protetoras de diversas cidades.

32) O conjunto de mitos criado pelos gregos permaneceu inalterado mesmo depois de sua adoção pelos romanos.

64) Na sociedade grega, estabeleceu-se uma relação íntima entre arte e religião; a arquitetura, a escultura, a poesia e o teatro tinham como fundamento o culto religioso e a perpetuação dos mitos.

21. Por "helenismo", entende-se:

a) Fusão da cultura grega com a oriental e sua propagação, a partir de Alexandre Magno.

b) Conquista e domínio dos gregos sobre os povos ocidentais.

c) Difusão dos costumes gregos entre os romanos.

d) Influência exercida pelos modelos da cultura greco-romana sobre as artes plásticas do mundo ocidental.

e) Redistribuição forçada das populações conquistadas pelos gregos.

22. (UNIFOR-CE) As lutas de classes ocorridas em Roma entre os séculos V e III a.C. foram responsáveis pela:

a) conquista da hegemonia política pelos hilotas e submissão dos periecos aos tribunais populares;

b) disseminação da cultura micênica na península Itálica e ampliação dos direitos de cidadania dos patrícios;

c) prosperidade econômica dos proprietários de terra e extinção gradativa dos laços de servidão;

d) redução das desigualdades sociais e obtenção pelos plebeus de melhorias sociais e políticas;

e) extensão dos direitos humanos aos escravos libertos e expansão do domínio romano no Mediterrâneo.

23. (MACKENZIE-SP) As Guerras Púnicas, conflitos entre Roma e Cartago, no século II a.C., foram motivadas:

a) pelo conflito entre o mundo romano em expansão e o mundo bárbaro persa;

b) pelo domínio da Sicília e disputa pelo controle do comércio no mar Mediterrâneo;

c) pela divisão do Império Romano entre os generais romanos e a submissão de Siracusa a Cartago;

d) pela disputa pelo controle do comércio no mar Negro e posse das colônias gregas.

e) pelo controle das regiões da Trácia e Macedônia e o monopólio do comércio no Mediterrâneo.

Respostas

Exercício 01: A partir de um controle cada vez maior sobre a produção agrícola, foi possível produzir além do estritamente necessário à sobrevivência, levando ao surgimento do excedente de produção (a sobra) e com ele à noção de propriedade.

Exercício 02: A lei era rigorosa e significava que os infratores seriam punidos da mesma forma que cometeram o delito: quem rouba perde a mão. A segunda parte da pergunta é pessoal e pode dar margem a uma boa discussão.

Exercício 03: A civilização egípcia só se desenvolveu em função da fertilidade do solo propiciada pelo rio. Já que a região era desértica, sem o rio não seria possível o desenvolvimento da agricultura. Porém, o grande apogeu da civilização dependeu da organização e determinação do povo egípcio.

Exercício 04: De modo geral, dedicaram-se a atividades agropastoris e urbanas e, principalmente, ao comércio.

Exercício 05: Esparta: Educação militarista / Vida rígida e submissa ao estado / Diarquia. Atenas: Educação para formação física, intelectual e artística / Democracia.

Exercício 06: Não, pois as mulheres, os escravos e os estrangeiros não gozavam de direitos políticos e não participavam das decisões.

Exercício 07: Os romanos dominaram a maior parte das terras que margeavam o Mediterrâneo e passaram a controlar o comércio por esse mar.

Exercício 08: O objetivo era melhorar as condições de vida da plebe e evitar o êxodo rural e a concentração urbana, que gerava sérios problemas.

Exercício 09: Resposta pessoal / Pode-se levantar a questão do futebol, do carnaval, etc.

Exercício 10: A Confederação de Delos foi uma reunião das várias cidades gregas, sob a liderança ateniense, para enfrentarem os persas. Mas Atenas passou a liderar em proveito próprio e acabou dominando as cidades anteriormente aliadas. Diante do fortalecimen-

to de Atenas, Esparta, sua tradicional rival, procurando contestar a supremacia ateniense, promoveu uma guerra entre elas: a Guerra do Peloponeso.

Exercício 11:

- a) Tornou-se o centro do comércio e da dominação romana.
- b) Monarquia e República.

Exercício 12:

- a) Foram guerras entre as cidades de Esparta e Atenas.
- b) Porque provocou destruição nas duas principais cidades gregas, Atenas e Esparta, estendendo-se a outras cidades que apoiavam estas.



Gabarito

01) C	02) E	03) D	04) C	05) B	06) B
07) D	08) C	09) C	10) E	11) B	12) A
13) D	14) *	15) E	16) C	17) D	18) C
19) C	20) *	21) A	22) D	23) B	

* 14. 27 (01, 02, 08 e 16)

* 20. 77 (01, 04, 08 e 64)

Sumário

História **2^E**

Idade Média 3

Alta Idade Média 3

- Povos bárbaros e as invasões 3
- Reinos bárbaros ou reinos romano-germânicos 5
- Igreja Católica – formação e consolidação 6
- Feudalismo 7
- Império Bizantino ou Império Romano do Oriente 10
- Civilização árabe 12

Baixa Idade Média 15

- Cruzadas 15
- Passagem do feudalismo para o capitalismo 17

História

Idade Média

Fotolia



Convencionou-se chamar de **Idade Média** o período compreendido entre a queda do Império Romano do Ocidente, em 476, e o domínio da cidade de Constantinopla, capital do Império Romano do Oriente (chamado de Império Bizantino), pelos turcos em 1453.

Esse período, considerado intermediário entre a cultura da Antiguidade e a cultura Moderna, caracterizou-se, principalmente, pelo desenvolvimento do sistema feudal na Europa ocidental, que descentralizou o poder político e estabeleceu uma economia basicamente agrária de subsistência. Já no Oriente, os grandes impérios se mantiveram centralizados. Portanto, as características feudais, nessa fase da Idade Média, valem apenas para a Europa ocidental.

O período medieval pode ser dividido em:

- **Alta Idade Média (século V ao século IX)**

Neste período, deu-se a formação e apogeu do feudalismo através da interação entre três elementos básicos formadores do sistema feudal: a **civilização romana**; a **chegada dos povos bárbaros**, principalmente o germânico; e o **fortalecimento do cristianismo**.

- **Baixa Idade Média (século IX ao século XV)**

Neste período deu-se a crise e dissolução do sistema feudal, principalmente através do surgimento do capitalismo.

Alta Idade Média

Povos bárbaros e as invasões

Deslocamentos populacionais sempre ocorreram na história da humanidade. De maneira pacífica ou violenta, as migrações humanas aconteceram por motivos diversos, tais como: clima, religião, economia, guerra e muitos outros. A partir do século III, com a crise do Império Romano, os chamados povos bárbaros migraram para as regiões do império em busca de terras e de melhores condições de sobrevivência.

Segundo a visão dos romanos, todos os povos que viviam fora de seu império e que não falavam o latim ou o grego eram considerados bárbaros (denominação pejorativa). Eram povos de diferentes origens, com um modo de vida e uma organização social e econômica próprias, que viviam ao norte e leste da Europa e da Ásia.

De maneira geral, esses povos não conheciam noções de Estado, pois viviam em tribos, em um sistema de produção coletiva e leis consuetudinárias (baseadas nos costumes). Sua sobrevivência ocorria através de uma economia de subsistência, desprovida de propriedade privada e de circulação de moedas, praticando a caça e a pesca e confiscando os despojos de guerra.

Os romanos sempre tiveram contato com esses povos, porém, foi a partir do século I da Era Cristã que esses contatos se intensificaram. Inicialmente, a chegada desses povos foi pacífica, tornaram-se colonos à procura de novas terras ou soldados mercenários, que prestavam serviços ao exército romano.

Por volta do século III, a presença dos bárbaros entre os romanos passou a acontecer de forma violenta, pois a fragilidade de Roma havia tornado seus domínios vulneráveis às invasões.

Mas foi apenas a partir do século IV que tornou-se evidente a chamada **ruralização da sociedade**

ocidental, ao mesmo tempo em que declinavam as atividades mercantis (comerciais) e artesanais, a vida urbana reduziu-se devido à falta de segurança das cidades que eram atacadas e incendiadas pelos bárbaros, levando à morte suas populações pela guerra, pela fome e pelas pestes. Muitos dos moradores das cidades preferiram abandoná-las para viver no campo, mesmo que fosse sob a dependência de um grande proprietário rural, num claro processo de ruralização da sociedade e da economia, que somada à descentralização política e administrativa daria as bases ao surgimento do **feudalismo**.

Dentre os povos bárbaros, podemos destacar os principais grupos:

- **Germanos**

Originários do norte da Europa. Representou o grupo mais amplo e variado e que exerceu maior influência sobre os romanos, composto por tribos como os francos, ostrogodos, visigodos, hérulos, saxões, alamanos, suevos, anglos, vândalos e outros.

- **Eslavos**

Originários da Europa oriental e Ásia, formados por sérvios, tchecos, russos, dálmatas, croatas e outros.

- **Tártaro-Mongóis**

De origem asiática, eram representados por povos como os hunos, turcos, húngaros, búlgaros, etc.

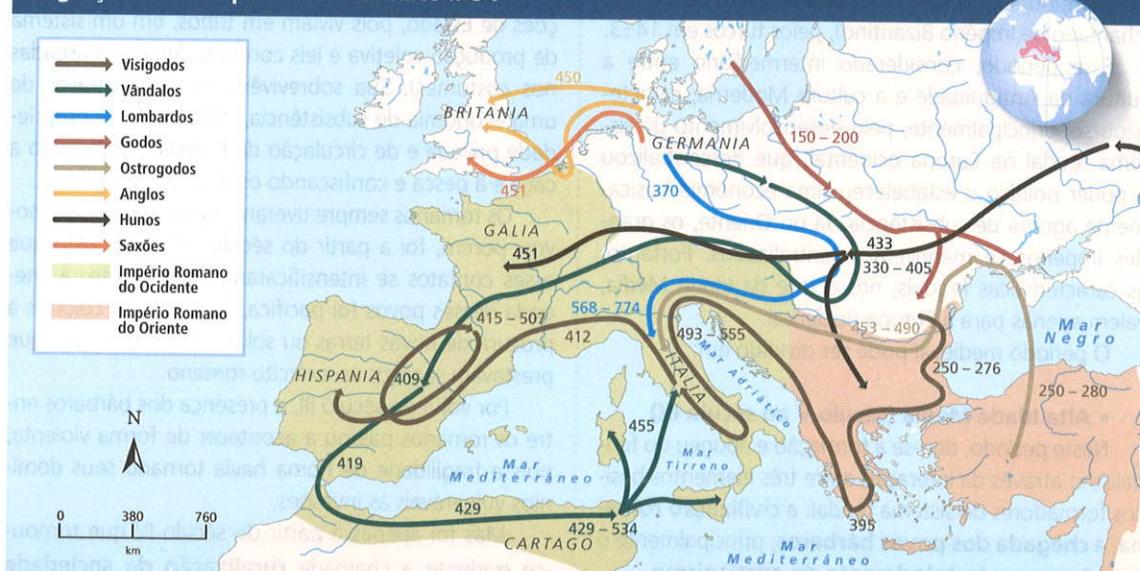
Dentre os povos bárbaros, os **germanos** foram os que mais contribuíram para a desintegração do Império Romano do Ocidente e para a formação do feudalismo.

Dedicavam-se à guerra, à caça, ao pastoreio e, a partir do século II, abandonaram a vida nômade, passando a praticar a agricultura. Desenvolveram a metalurgia, principalmente para a fabricação de armas e carros de combate, pois a guerra era parte integrante de sua vida, sendo que toda a população masculina participava do exército. Os guerreiros juravam lealdade a seu chefe (rei), esse juramento, chamado de **comitatus**, foi um dos elementos da organização política do sistema feudal.

Os germanos estavam divididos em várias tribos, compostas por famílias patriarcais que praticavam uma **religião politeísta**, cujos deuses representavam as forças da natureza. Acreditavam que os guerreiros mortos em combate seriam levados para o **Valhala**, espécie de paraíso, conduzidos pelas **Valquírias**, representadas por belas jovens. Aqueles que morressem de velhice ou doença iam para o reino de **Hell**, onde só havia trevas.

Vindos da Ásia, os **hunos** eram um povo nômade, de costumes bastante primitivos, alimentavam-se de raízes e carne crua, não construíam moradias nem túmulos e passavam a maior parte do tempo sobre seus cavalos. Liderados por **Átila**, rei dos hunos, chamado **Flagelo de Deus**, tornaram-se famosos por suas batalhas violentas e pelo tratamento cruel que dispensavam aos povos derrotados. Os hunos penetraram no Império Romano, atacando a Gália, atual França, mas desistiram de invadir Roma, após uma conferência com o papa Leão I. Com a morte de Átila, esse povo se dispersou.

Migrações na Europa entre os séculos II e V



Fonte: ARRUDA, José Jobson de A. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2001.

Reinos bárbaros ou reinos romano-germânicos

Os **povos germânicos** espalharam-se por diversas regiões do antigo império e fundaram vários reinos. A principal característica dos novos reinos foi a mistura de elementos germânicos com elementos da cultura latino-romana.

O **cristianismo**, religião que se originou entre os romanos, foi incorporado aos novos reinos europeus. As línguas bárbaras foram misturando-se ao latim, dando origem a novas línguas, faladas até hoje na Europa (francês, italiano, espanhol...). Esses reinos, de certa forma, foram a origem da maioria das atuais nações europeias.

Dentre os reinos que se formaram, podemos destacar:

- **Reino dos vândalos:** Depois de ocuparem o sul da Espanha, estabeleceram-se no norte da África, até serem derrotados pelas forças do Império Bizantino.
- **Reino dos visigodos:** Expulsaram os vândalos do sul da península Ibérica e ali estabeleceram seu reino, até serem vencidos pelos árabes, no século VIII.
- **Reino dos ostrogodos:** Estabeleceram-se na península Itálica e construíram sua capital em Ravena, mas também foram conquistados pelo Império Bizantino.
- **Reino dos anglo-saxões:** Estabeleceram-se na região da atual Inglaterra, fundando sete reinos que, posteriormente, foram unificados.
- **Reino dos francos:** Estabeleceram-se no norte da Itália e região da Gália (atual território da França).

Reinos Bárbaros no início do século VI



Fonte: ARRUDA, José Jobson de A. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2001.

O **Reino Franco** formou-se e desenvolveu-se na Europa Central sob o comando de duas dinastias: **Merovingia** (século V a VIII) e **Carolíngia** (século VIII a IX). Foi o mais importante e duradouro, transformado-se num grande império, principalmente sob o comando de **Carlos Magno**.

No natal de 800, o papa Leão III coroou Carlos Magno como Imperador do Ocidente, na Igreja de São Pedro, devido ao fato dele ter restaurado, com suas conquistas, grande parte do antigo **Império Romano do Ocidente**. Porém, com sua morte, e após uma grande disputa, seus herdeiros fragmentaram o império.



Carlos Magno

Wikipédia

Exercícios

01. Caracterize o que foi a chamada ruralização do Ocidente e por que ela se deu.

02. (UFGO) Por toda parte nós só vemos luto, só escutamos suspiros. Roma entrou Senhora do mundo, curva-se sob indizível dor, sob o assalto dos bárbaros, sob a ruína de seus monumentos – Onde está o senado? Onde está o povo? As glórias do mundo foram aniquiladas, resta apenas uma multidão miserável, exposta, todos os dias, aos gládios dos bárbaros. Que foi feito da glória de Roma? Que foi feito de seu orgulho?

O Senado desapareceu, o povo pereceu, a cidade deserta desaba sobre si mesma.

São Gregório, *Homílias*, II. 6.

Identifique e caracterize, partindo de elementos do texto que reportam ao início do período medieval, o momento histórico comentado por São Gregório de Tours.

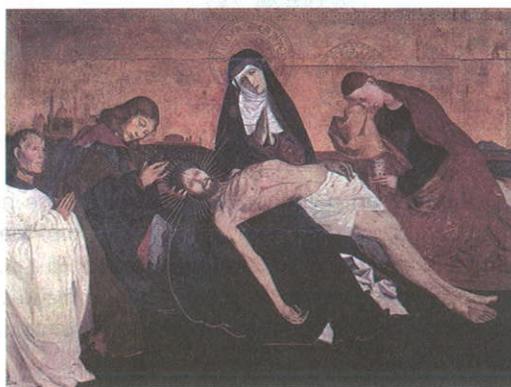
Igreja Católica – formação e consolidação

O cristianismo surgiu durante o Império Romano na região da Palestina. Os primeiros cristãos foram homens simples que se reuniam em catacumbas para discutir e estudar ideias que contestavam toda a situação social e política da época. Em uma sociedade escravista divulgavam a crença de que **todos os homens eram filhos do mesmo Pai** e, portanto, **iguais**, e não admitiam a divindade do imperador romano. Os romanos costumavam tolerar as religiões dos povos que conquistavam, até como uma forma de mantê-los obedientes e evitar revoltas, mas tais pensamentos chocavam-se com o poder de Roma e, por isso, os cristãos foram perseguidos e mortos.

Tácito (55-120) escreveu quando do incêndio de Roma:

“Nero acusa aqueles detestáveis por suas abominações que a multidão chama de cristãos. Esse nome vem de Cristo, que sob o principado de Tibério, foi mandado para o suplício pelo procurador Pôncio Pilatos. Reprimida momentaneamente, essa superstição horrível rebrotou novamente, não apenas na Judeia mas agora dentro de Roma.”

As classes oprimidas e pobres foram as primeiras a serem atraídas pela nova religião, em busca de uma vida futura de salvação e recompensa pelos sofrimentos da vida terrena, se entregando à crença em um Deus onipresente, justo e salvador.



Pietà de Villeneuve-lès-Avignon

Durante a **crise do Império Romano** houve finalmente o reconhecimento de **liberdade de culto aos cristãos** através do **Edito de Milão, em 313, pelo imperador Constantino**. Depois, no **Concílio de Niceia**

no ano de 325, foi estabelecido o primado da Igreja Romana sobre a cristandade e importantes **dogmas** da **doutrina**. Ainda no século IV foram escolhidos os textos que compuseram o Novo Testamento. Tudo foi escrito em grego (Cristo significa “o ungido” em grego) e depois traduzido para o latim por São Jerônimo no século V. Durante os séculos seguintes, os monges copistas reproduziram esses textos à mão e também os do chamado “Velho Testamento” que, juntos, compõem a Bíblia.

Foi o **imperador Teodósio** que, **em 380**, elevou o cristianismo à **religião oficial de Roma**. Esse reconhecimento significou a tentativa de buscar uma nova forma de manter e dar continuidade ao poder de Roma. Começava, a partir de então, a aliança política entre os chefes dos cristãos (bispos) e os imperadores, o que resultou na sobrevivência do Cristianismo, mesmo após a queda de Roma. Finalmente, em 455, o bispo de Roma tornou-se o chefe de toda a igreja, ocasião em que foi escolhido como papa Leão I, considerado **primeiro sucessor de São Pedro**.



Igreja de Santa Maria de Transtévère (fundada no século III, considerada a primeira igreja cristã em Roma)

No império decadente, a igreja se apresentou como uma força paralela dentro do Estado Romano, que foi crescendo em poder, a partir de uma forte organização que foi arrecadando enormes riquezas recebidas por doações de seus fiéis que tornavam-se cada vez mais numerosos e diversos entre a população do império, dos escravos à aristocracia. A igreja organizou-se, copiando a organização administrativa e hierárquica do Império Romano, e passou a denominar-se **Católica**, isto é, universal.

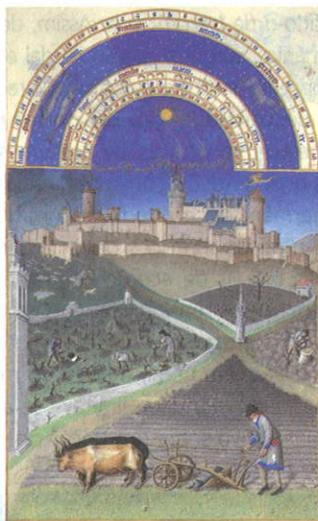
Em meio à desorganização provocada pelas invasões bárbaras e pela crise do império, praticamente apenas a igreja conservou sua identidade institucional, difundindo-se e convertendo os povos bárbaros.

Feudalismo

“A insegurança provocada pelas invasões do século IX e X levou os europeus ocidentais a se protegerem. Houve considerável migração das cidades para o campo. Construíram-se vilas fortificadas e castelos cercados por estacas e muralhas.”

Fonte: COTRIM, Gilberto. *História Global*. São Paulo, Saraiva.

O desmoronamento, século após século, do que ainda restava da civilização romana no Ocidente, fragmentou a Europa em diversos reinos e governos locais. Com o surgimento dos reinos bárbaros, a noção de Estado e de governo centralizado apagou-se progressivamente e as grandes propriedades rurais dos romanos (as vilas) levaram à formação dos feudos.



Trabalho no campo, próximo ao castelo

Características gerais do sistema feudal

O **sistema feudal** que se formou, a partir de elementos das culturas germânica e romana, era **essencialmente agrário**, sendo a **terra a principal fonte de riqueza**, fazendo com que a posse de grandes extensões de terras se tornasse sinônimo de poder e fortuna. O nível das forças produtivas era simples e rudimentar, seja no trabalho agrícola ou artesanal.

A produção concentrava-se no **feudo**. Os grandes proprietários de terras (senhores feudais) haviam transformado seus domínios em unidades **autossuficientes** (numa economia de pura subsistência) e fortificadas contra o ataque e a invasão de inimigos, pois guerras

eram constantes entre os diversos reinos e entre senhores feudais, todos de origem bárbara e guerreira.

Os feudos não só concentravam a atividade agrícola, mas também a indústria caseira e a criação de animais. Normalmente eram compostos por um castelo, residência do senhor feudal e seus familiares, pela vila onde moravam os servos, por uma capela e, ainda, por celeiros, fornos, açudes e pastagens.

Esse modelo de economia rural de subsistência, sem preocupação em gerar excedentes, desestimulou o comércio e tornou o uso de moedas quase inexistente, representando uma das heranças dos germanos na organização da economia feudal.

Outra contribuição germânica foi o **comitatus**, uma instituição social que estabelecia laços de fidelidade entre o chefe militar e seus guerreiros. Em troca de sua lealdade e de seus serviços militares, os guerreiros recebiam terras (futuros feudos), com autonomia para governá-las. Os romanos também adotavam esse sistema, chamado-o de **beneficium**. Assim, dessa herança romano-germânica, surgiu a relação feudal entre o **suserano** (que concedia terra) e o **vassalo** (que recebia terra).

Com a **descentralização do poder político**, as leis se estabeleceram através de costumes que eram transmitidos oralmente (lei consuetudinária), à maneira dos povos germânicos, o que fazia com que em cada propriedade rural os senhores governassem impondo leis e padrões morais de acordo com seus conceitos. Na medida em que os senhores feudais isolavam-se em suas terras e concentravam poderes, a autoridade dos reis enfraquecia-se. Em geral, o rei era o mais rico dos senhores, mas sua autoridade limitava-se a seu feudo, sem um poder efetivo sobre o restante do reino.



Castelo medieval

Sociedade feudal

O quadro social apresentava-se dividido entre os **senhores feudais**, que eram grandes proprietários rurais; e seus dependentes, os camponeses, que não possuíam terras próprias. Tratava-se de uma sociedade estamental, pois não havia mobilidade social, já que as terras pertenciam à nobreza e apenas eram concedidas de nobre para nobre, ou por herança.

Os dependentes formavam a maior parte da população, sendo composta por servos e vilões. Os **servos** eram considerados trabalhadores livres, contudo estavam presos à terra, à maneira do **colonato**, costume romano do final do império, não podendo abandonar o feudo onde nasceram. Já os **vilões** eram descendentes de pequenos proprietários rurais que não conseguindo manter a defesa de suas terras, buscaram a dependência de um poderoso senhor feudal em troca de proteção.

Basicamente a sociedade feudal girava em torno de três grandes grupos:

- os que **rezavam** (clero católico);
- os que **combatiam** (nobres e cavaleiros);
- os que **trabalhavam** (servos).



Cavaleiro medieval

Os nobres se dedicavam às atividades militares, aos torneios esportivos e à caça. A **Cavalaria** era a instituição de maior prestígio na sociedade feudal. O cavaleiro incorporava a figura do homem ideal, herói leal e justiceiro. Já os servos viviam uma dura e extenuante realidade, em que eram obrigados a prestar serviços e a entregar a maior parte de sua produção ao seu senhor.

Quanto ao clero, os altos cargos da igreja eram destinados aos nobres e a base à massa camponesa. Durante a Idade Média, a igreja concentrou toda a cultura, sendo a maior parte da população analfabeta (tanto nobres, quanto camponeses). Valendo-se de sua influência religiosa, a igreja exerceu forte controle sobre a sociedade,

submetendo todos a uma mentalidade que colocava Deus como o centro de todas as coisas (**teocentrismo**) e que tudo acontecia conforme Sua vontade, passando a considerar como “**infiéis**” ou “**hereges**” todos aqueles que não seguissem seus ditames.

Com o tempo, a igreja tornou-se parte e membro do sistema feudal, vindo a ser a maior e mais rica proprietária de terras, levando o clero à imposição do celibato, no século XI, para garantir a preservação de seus bens e do seu patrimônio de possíveis herdeiros dos sacerdotes.

Cultura feudal

A **mentalidade** e a **cultura medieval** giravam em torno da religião católica. A igreja tornara-se detentora da cultura greco-romana, preservando-a através do trabalho dos monges copistas. O clero falava o latim, língua em que eram redigidos os documentos da época.

As **artes** reproduziam o pensamento religioso. Na **arquitetura**, as construções mais representativas são as catedrais, em estilo românico ou gótico. A **pintura** concentrava-se na representação de santos. Na **literatura**, destacava-se a poesia épica, exaltando os grandes feitos dos cavaleiros em favor da cristandade. A **música** sacra foi predominante, destacando-se o canto gregoriano, instituído pelo papa Gregório Magno.

O legado maior deixado para os dias atuais foi a criação das **Universidades**, que até hoje permanecem como as grandes instituições produtoras de conhecimento.

Na **filosofia**, podemos destacar Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, que tinham como principal preocupação a busca da harmonia entre a razão e a fé.

Apesar de ter sido controlada pela igreja, a cultura medieval foi muito rica e diversificada. Portanto, podemos considerar equivocado o conceito de que a Idade Média tenha sido a chamada “**Idade das Trevas**”.

A partir do século XI, o renascimento do comércio e a reativação da moeda seriam os fatores que juntamente com outras mudanças levariam ao processo de desestruturação do sistema feudal.

Exercícios

03. Explique por que a Igreja Católica tornou-se tão poderosa durante a Idade Média.

04. (UNICAMP-SP) Segundo definição de um historiador, “o cavaleiro na Idade Média é o membro da aristocracia feudal, que se distingue pelo armamento, pelo gênero de vida (castelo, caça, guerra) e pela sua moral especial (fidelidade, liberdade). Os cavaleiros foram uma das três ordens da sociedade”.

Caracterize a hierarquia das três ordens da sociedade feudal.



Testes

01. (UEPG-PR) Sobre a sociedade feudal, assinale o que for correto:

01) A burguesia, grupo social característico dessa sociedade, passou, com o tempo, a escravizar servos e vassallos.

02) A sociedade feudal resultou do fortalecimento dos Estados Nacionais.

04) Os vínculos e a hierarquia na nobreza feudal eram marcados pela suserania e pela vassalagem: o senhor feudal, suserano, possuidor de grandes extensões de terra, doava uma parcela a outro nobre, o vassallo.

08) Do ponto de vista econômico, o sistema feudal caracterizou-se por um comércio internacional, mantido pela burguesia urbana e por uma política tributária centralizada.

16) O feudalismo foi o produto de uma transformação iniciada no final do Império Romano, permeado pelas invasões germânicas e consolidado a partir do século IX.

02. (UFAC) É correto dizer em relação ao feudalismo que:

a) o senhor feudal, por concentrar em suas mãos os meios de produção, era o organizador do processo de produção e de toda a vida social;

b) o trabalhador era considerado um instrumento de produção, propriedade particular de um senhor que tinha sobre ele direitos de vida e morte;

c) as duas classes fundamentais dessa sociedade eram senhores e escravos;

- d) a base econômica era o comércio, através do qual se dava a acumulação primitiva de capital;
e) o poder político era centralizado nas mãos do rei.

03. (UFCE) O feudalismo europeu apresentava características particulares de acordo com a localidade. Apesar das diferenças regionais, podemos afirmar que sua origem está relacionada com:

- 01) o renascimento das cidades;
- 02) o ressurgimento do comércio;
- 04) a ruralização da sociedade;
- 08) o fortalecimento do poder imperial;
- 16) a descentralização política.

Império Bizantino ou Império Romano do Oriente

Enquanto o Império Romano do Ocidente não conseguiu deter as invasões, principalmente dos germânicos, e se desfez em vários reinos bárbaros em que se estruturaria a sociedade feudal, o Império Romano do Oriente resistiu e se manteve, dando origem à chamada **Civilização Bizantina**.

A cidade de **Bizâncio** (atual Istambul) foi inicialmente uma colônia grega. Situada entre a Europa e a Ásia, no Estreito de Bósforo, tornou-se rota obrigatória de passagem de caravanas de mercadores entre o Oriente e o Ocidente. Sua localização privilegiada e estratégica a fez alvo de disputas entre os povos da Antiguidade e, por muitas vezes, foi invadida e dominada, inclusive pelos romanos, que a integraram ao seu império.

Em 330, Constantino, imperador romano, transferiu, temporariamente, a capital do império para Bizâncio e mudou seu nome para Constantinopla, em sua própria homenagem.

Mais tarde, em 395, o imperador romano **Teodósio** dividiu o império em duas partes, o **Império Romano do Ocidente**, com capital em Roma, e o **Império Romano do Oriente**, com capital em Constantinopla.

Durante a Idade Média, esses dois impérios tiveram caminhos diferentes. O Império do Ocidente mergulhou em um profundo processo de ruralização da economia e de grande descentralização política (feudalismo), provocado pelas invasões bárbaras; já o Império do Oriente (que passou a ser conhecido como **Império Bizantino**) desenvolveu uma economia comercial com crescimento urbano e um poder político centralizado nas mãos do imperador.

Originariamente, os domínios do Império Bizantino estendiam-se pela península Balcânica, Ásia Menor e

norte da África, mas, posteriormente, foram conquistadas regiões do sul da Europa e do norte da África, localizadas mais ao Ocidente.

O Império Bizantino conseguiu grande desenvolvimento comercial marítimo e terrestre, tornando-se a mais rica e urbanizada região da Europa Medieval. Além de comercializar, Constantinopla fabricava artigos de luxo de excelente qualidade como: joias, tecidos finos e trabalhos em ouro e marfim.

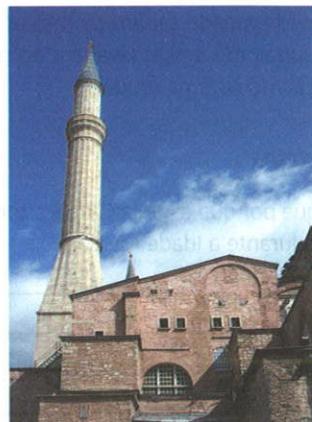
A atividade mercantil de Constantinopla sempre esteve muito ligada ao poder do Estado, que monopolizava algumas das rotas comerciais mais lucrativas, principalmente a rota da seda.

Apogeu do Império Bizantino – o reinado de Justiniano

Todo o poder estava centralizado na figura do imperador (chamado de **basileu**), o qual exercia o domínio sobre a vida econômica e política, comandando o exército e a igreja, sempre auxiliado por um grande corpo de funcionários.

O **Império Bizantino** atingiu seu apogeu no governo de **Justiniano** (527 a 565), tanto na expansão territorial (vencendo povos bárbaros), reconquistando terras perdidas pelo Império do Ocidente, quanto na produção econômica e cultural. Os domínios do império atingiram a península Ibérica, áreas do norte da África e a península Itálica.

Para legislar, Justiniano compilou e atualizou o antigo **Direito Romano** em seu **Código de Justiniano** (*corpus juris*). Construiu muitas obras públicas, como estradas, pontes, palácios e aquedutos. Porém, o grande destaque de sua produção arquitetônica foi a **Catedral de Santa Sofia** (Santa Sabedoria), em Constantinopla.



Catedral de Santa Sofia

Wikipédia

Cisma do Oriente

A religião predominante no Império Bizantino era o catolicismo. Porém, diante da elevada diversidade étnica e do espírito cosmopolita de sua população, o culto cristão passou a assumir características próprias, diferenciando-se da igreja oficial romana. Com o tempo, surgiram diferentes correntes religiosas internas que questionavam alguns dogmas cristãos. Esses questionamentos originaram as chamadas heresias, ou seja, crimes contra a fé católica por discordarem da doutrina oficial da igreja em Roma.

As principais heresias foram:

- **Monofisismo:** Acreditava apenas na figura divina de Cristo e negava a Santíssima Trindade.
- **Iconoclastia:** Contrária ao culto de imagens (ícones), defendendo sua destruição.
- **Cesaropapismo:** Comando da igreja submetido ao imperador Bizantino.

Os interesses políticos e as diferenças de dogmas e de rituais provocaram uma série de atritos entre Roma e Constantinopla. Finalmente, em 1054, deu-se o rompimento (**o cisma**), originando duas igrejas:

- **Igreja Católica Apostólica Romana:** Com sede em Roma, comandada pelo papa.
- **Igreja Cristã Ortodoxa Grega:** Com sede em Bizâncio, comandada pelo patriarca de Constantinopla.

Cultura bizantina

A cultura do Império Bizantino foi a mais brilhante de toda a Europa, durante a Idade Média. Por ser o centro de importantes rotas comerciais, Constantinopla recebeu influência cultural de diferentes povos, entretanto acabou criando um estilo próprio, o **bizantino**.

A **arte bizantina**, predominantemente religiosa, reunia, harmoniosamente, características greco-romanas e orientais, com destaque aos mosaicos e às pinturas em vitrais.

O Estado e a igreja patrocinavam a construção de grandes templos religiosos, que tinham como marca arquitetônica o uso de uma cúpula (ou abóbada) arredondada, significando uma espécie de "coroa" sobre o altar. As igrejas construídas durante o reinado de Justiniano representavam a grandiosidade das construções religiosas.

Queda de Constantinopla

No final da Idade Média, a posição estratégica de Constantinopla despertou a cobiça por parte do Império Turco Otomano, levando à queda da cidade perante

as tropas dessa nova potência do Oriente, em 1453. Sob o domínio dos turcos, Constantinopla passou a se chamar **Istambul**.

A queda de Constantinopla foi considerada um importante marco divisório na história do Ocidente, separando a **Idade Média** da **Idade Moderna**.



Exercício

05. Explique por que a posição geográfica de Constantinopla possibilitou o crescimento econômico do Império Bizantino.



Testes

04. A respeito das transformações econômicas, sociais, políticas, culturais e religiosas da Alta Idade Média, julgue as seguintes informações:

- a)** A vida urbana, o desenvolvimento do artesanato e o crescimento demográfico intensificaram-se devido às migrações dos povos bárbaros.
- b)** O mar Mediterrâneo, dominado pelos muçulmanos, continuou sendo a principal rota de ligação entre o Ocidente e o Oriente.
- c)** Os reinos bárbaros caracterizavam-se pelo fortalecimento do poder central.
- d)** A igreja cristã assumiu um papel político de destaque, preservou o legado cultural greco-romano e passou a denominar-se Católica, isto é, universal.

05. (FUVEST-SP) Do ponto de vista cultural, na passagem da Antiguidade para a Idade Média, é correto afirmar que o patrimônio greco-romano:

- a)** só não sofreu perda maior devido à ação esclarecida de muitos chefes bárbaros;
- b)** perdeu-se quase completamente, porque, dado o seu caráter pagão, foi rejeitado pela igreja;
- c)** foi rejeitado pelos bárbaros em razão do caráter cristão com que foi revestido pela igreja;

- d)** não desapareceu com a Antiguidade porque a igreja serviu de conduto para sua sobrevivência;
e) escapou do desaparecimento graças à preservação fortuita de textos antigos.

06. (Vunesp) A civilização bizantina floresceu na Idade Média, deixando em muitas regiões da Ásia e da Europa testemunhos de sua irradiação cultural. Assinale importante e preponderante contribuição artística bizantina que se difundiu, expressando forte destinação religiosa.

- a)** Adornos de bronze e cobre.
b) Aquedutos e esgotos.
c) Telhados de beirais curvos.
d) Mosaicos coloridos e cúpulas redondas.
e) Vias calçadas com artefatos de couro.

07. (Fuvest-SP) Do grande cisma sofrido pelo cristianismo no século XI, resultou:

- a)** o estabelecimento dos tribunais de Inquisição pela Igreja Católica;
b) a Reforma Protestante, que levou à quebra da unidade de Igreja Católica na Europa ocidental;
c) a heresia dos albigenses, condenada pelo papa Inocêncio II;
d) a divisão da Igreja em Católica Romana e Ortodoxa Grega;
e) a Querela das Investiduras, que proibia a investidura de clérigos por leigos.

08. (Fuvest-SP) Sobre as invasões dos bárbaros na Europa ocidental, ocorridas entre os séculos III e IX, é correto afirmar que:

- a)** foi uma ocupação militar violenta que, causando destruição e barbárie, acarretou a ruína de todas as instituições romanas;
b) se, por um lado, causaram destruição e morte, por outro, contribuíram decisivamente para o nascimento de uma nova civilização, a da Europa Cristã;
c) apesar dos estragos causados, a Europa conseguiu, afinal, conter os bárbaros, derrotando-os militarmente e, sem solução de continuidade, absorveu e integrou seus remanescentes;
d) se não fossem elas, o Império Romano não teria desaparecido, pois superada a crise do século III, passou a dispor de uma estrutura socioeconômica dinâmica e de uma constituição política centralizada;
e) os godos foram os povos menos importantes, pois quase não deixaram marcas de sua presença.

09. (UFES) O apogeu do Império Bizantino ocorreu durante o reinado de Justiniano (527-565). Entre as obras que o marcaram, destaca-se a:

- a)** tentativa de restabelecimento da cultura helênica e manutenção do latim, como língua do império;
b) compilação do Direito Romano no *Corpus Juris*;
c) concessão de liberdade de culto aos Cristãos, através do Edito de Milão;
d) oficialização da iconoclastia como política religiosa do Império;
e) conquista e domínio dos Estreitos do Bósforo e dos Dardanelos.

Civilização árabe

“...A imprensa cotidiana mistura árabe com islã, com fundamentalismo e com terrorismo. Árabe pode não ser muçulmano, como os libaneses cristãos que vieram para o Brasil. E muçulmano pode não ser árabe, como é o caso dos turcos, iranianos, indonésios e outros. Mas o erro daninho é imputar ao islã uma índole fundamentalista e intolerante. Pior: supor que mesmo as minorias fundamentalistas endossam o terrorismo. Desfazer tais equívocos é vital (...).”

Fonte: CASTRO, Cláudio de Moura e. Árabe, islã e fundamentalismo. In: Revista *Veja*, 29 de agosto de 2001.



Mesquita árabe

Origens do islamismo

Durante a Idade Média, enquanto o feudalismo se estruturava no Ocidente e o Império Bizantino se fortalecia, surgiu no chamado Oriente Próximo a civilização Islâmica. **Maomé**, seu fundador, unificou o povo árabe em torno da religião e espalhou o islamismo por diversas partes do Oriente e, posteriormente, até o Ocidente.

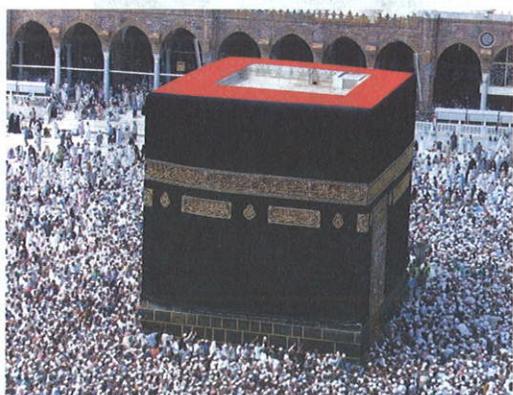
Costuma-se dividir a história da Arábia em duas grandes fases:

- Arábia pré-islâmica.
- Arábia islâmica.

Arábia pré-islâmica

Na península da Arábia, localizada no Oriente Médio, as áreas desérticas e montanhosas eram habitadas por tribos de beduínos nômades, que vagavam em busca dos oásis e dedicavam-se à criação de animais (ovelhas, cabras e camelos). Nas áreas litorâneas, a ocupação era urbana e cidades como Meca e Yatrib enriqueciam como importantes rotas para as caravanas de mercadores que transportavam produtos do Oriente para o mar Mediterrâneo.

A religião dos árabes era politeísta, cultuavam os astros e as forças da natureza, representadas por pedras sagradas. Seu mais importante templo religioso era na cidade de Meca, onde ficava a **Caaba**. Esse templo abrigava diversas divindades árabes, cuja principal era a **Pedra Negra**, que o povo acreditava ter vindo do céu.



Caaba

Arábia islâmica

Maomé, o profeta do islamismo, nasceu em 570, de uma família que pertencia a tribo coraixita (guardiões do santuário de Meca). Quando adulto, integrou-se às caravanas e através de inúmeras viagens, entrou em contato com judeus e cristãos, povos de fé monoteísta que muito o influenciaram.

Segundo a crença, Maomé teria recebido as revelações da nova fé do anjo Gabriel, que lhe anunciou a existência de um único Deus, **Alá**. Inicialmente, Maomé converteu seus familiares para depois começar sua pregação pública, criticando os ídolos da Caaba.

Por colocar em risco o poder dos coraixitas, Maomé foi perseguido e abandonou Meca, fugindo para a cidade de Yatrib, em 622, acompanhado de seus seguidores. Esse fato, que marcou o início do calendário muçulmano, ficou conhecido como **Hégira** (fuga), e em homenagem a Maomé, a cidade de Yatrib passou a se chamar **Medina (cidade do profeta)**, onde Maomé conseguiu converter um grande número de seguidores.

Em 630, retornou à Meca, vencendo seus inimigos e destruindo os ídolos da Caaba, exceto a Pedra Negra, transformando a cidade em um grande centro de peregrinação e de irradiação da fé islâmica. Dois anos depois, Maomé faleceu, mas deixou sua crença difundida, fazendo com que a unificação religiosa trouxesse consigo uma unificação política das diversas tribos árabes.

A religião muçulmana é monoteísta, e a palavra árabe islã significa "*resignação*" ou "*inteira submissão à vontade de Deus*". Os termos: islâmico, muçulmano ou maometano têm o mesmo significado, isto é, "*pessoa que está sujeita aos desígnios de Alá*".

A religião muçulmana prescreve:

- A fé em Alá, único Deus e criador do universo;
- Orar cinco vezes ao dia;
- Jejuar durante o mês de Ramadã;
- Peregrinar à Meca pelo menos uma vez na vida;
- Dar esmolas aos pobres.

Os seguidores de Maomé, após a sua morte, reuniram seus ensinamentos no **Corão** ou **Alcorão** (a leitura), livro sagrado do islamismo, que serve como um código de justiça, de moral e de normas sociais.

Outro documento importante é a **Suna**, coletânea de textos sobre a vida de Maomé.

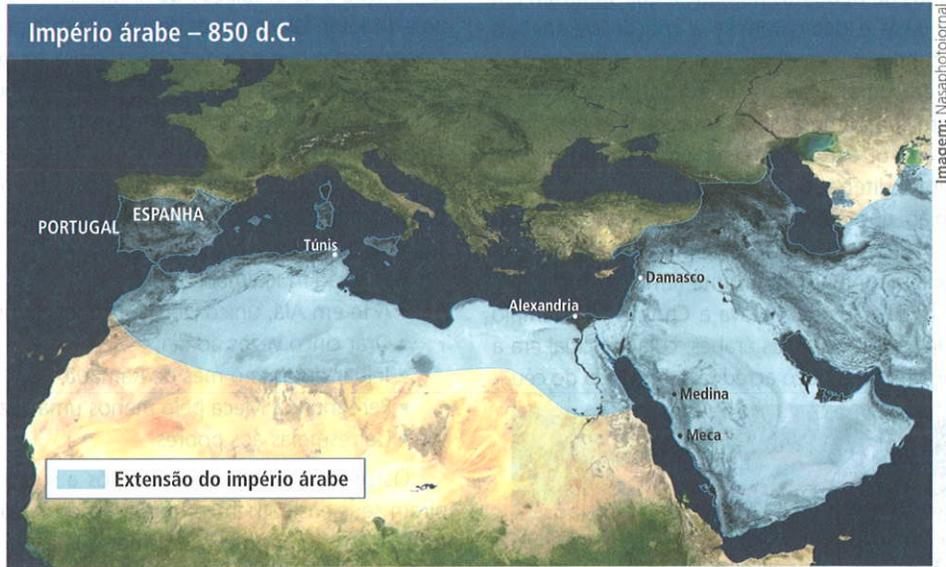
O islamismo, por ter se expandido por diferentes regiões, dividiu-se em várias facções, no entanto, a principal divisão estabeleceu-se entre **xiitas** e **sunitas**. A princípio, as divergências entre esses dois grupos referiam-se, basicamente, à sucessão de Maomé. Os sunitas, de forma geral, são mais flexíveis com relação aos costumes, aceitando com mais facilidade as transformações do mundo moderno; já os xiitas, mais radicais, mostram-se avessos à modernidade, tornando-se defensores intransigentes dos fundamentos da fé islâmica.

Expansão territorial do islã

Após a morte de Maomé, seus sucessores receberam o título de **Califa**. Tais líderes iniciaram uma sequência de conquistas territoriais, as quais permitiram aos árabes dominarem o Oriente Médio, norte da Índia e da África, regiões da Ásia Central, ilhas do Mediterrâneo e parte da península Ibérica. No século VII, tentaram invadir o Reino Franco, mas foram derrotados na **Batalha de Poitiers**.

Os árabes tinham uma certa tolerância com relação aos povos conquistados, sobretudo de outras religiões, principalmente em se tratando de cristãos e judeus. Porém, aqueles que se convertiam ao Islã passavam a usufruir de privilégios, como isenção de impostos e acesso a cargos públicos.

Porém, a grande extensão alcançada pelo Império Árabe e as diversidades étnicas e socioeconômicas dos povos conquistados, aliadas às rivalidades e ambições dos califas, provocaram o enfraquecimento e a fragmentação do império, o que fez surgir vários califados independentes, entre os quais o de **Córdoba** (Espanha) e do **Cairo** (Egito).



Fonte: World History Atlas. Dorlin Kindersley Limited. Adaptado. London, 2008.

Legado cultural

Os **árabes** criaram um verdadeiro império comercial, envolvendo os produtos do extremo Oriente, norte da África, Ásia Central e Europa, além de produzirem artigos refinados como sedas, tapetes, couros e armas.

Inúmeras inovações científicas no campo da Matemática, da Astronomia e da Química foram levadas ao Ocidente através dos árabes, tais como álgebra e trigonometria. Também podemos citar técnicas de irrigação e de moinhos, além do plantio de laranjas, cana-de-açúcar, arroz, amora, limão e outros produtos.

A **literatura** árabe tem seus destaques no livro de contos *As mil e uma noites*, no Rubayat, de Omar Khayan, e no Livro dos Reis, do poeta Al-Firdausi.

Na **arquitetura**, são grandes destaques a Mesquita de Córdoba e o Palácio de Alhambra, em Granada, na Espanha.

Exercícios

06. Após os atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos, os muçulmanos vêm sofrendo perseguições em todo o mundo. Explique por que essas atitudes estariam sendo injustas e preconceituosas.

07. Compare a atual condição de vida das mulheres da Arábia Saudita (texto complementar) com a vida das mulheres no Brasil de hoje. Comente sua resposta.

Testes

10. (VUNESP) “Quando Maomé fixou residência em Yatrib, teve início uma fase decisiva na vida do Profeta, em seu empenho de fazer triunfar a nova religião. A cidade de Yatrib, que doravante seria chamada de Medina al-nabi (Medina, a cidade do profeta), tornou-se a sede ativa de uma comunidade da qual Maomé era o chefe espiritual e temporal.”

Robert Mantran, Expansão muçulmana.

Essa mudança para Medina, que assinala o início da era muçulmana, ficou conhecido como:

- a) xiismo;
- b) sunismo;
- c) islamismo;
- d) hégira;
- e) copta.

11. (UFES) Ao promover a conquista da Meca, em 630, Maomé destruiu todos os ídolos da “Caaba”, conservando, porém, a sua Pedra Negra, cujo culto manteve. Tal atitude pode ser explicada por Maomé:

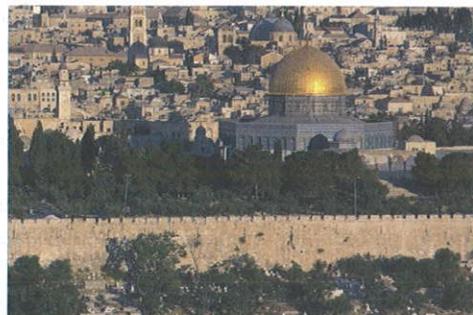
- a) acreditar cegamente no culto à Pedra Negra, recusando-se, pois, a destruí-la, especialmente depois da ameaça de revolta dos coraixitas;
- b) ter se sensibilizado pelos muitos pedidos para que conservasse o culto à Pedra Negra, principalmente por parte dos xiitas;
- c) não vislumbrar importância em tal culto, sendo-lhe indiferente a manutenção ou destruição da Pedra Negra;
- d) ainda não ter formulado, a essa época, o corpo doutrinário do islã;
- e) não ver sentido em mandar destruir um culto comum a todos os árabes, quando o que ele pretendia era unificá-los.

Baixa Idade Média

Cruzadas

“Capital eterna de Israel, centro espiritual das três grandes religiões monoteístas da civilização, a Jerusalém de Ouro tem sido cobiçada pelos homens por mais de três mil anos.”

Fonte: Jerusalém: Três Mil Anos de História.
In: Revista Geográfica Universal.



Jerusalém

As **Cruzadas** marcaram o confronto entre as três civilizações que se formaram e desenvolveram durante a Alta Idade Média: a sociedade feudal ocidental, o Império Bizantino e o mundo Islâmico.

Foi na **Palestina** que **Jesus Cristo** viveu, fez sua peregrinação e foi crucificado em Jerusalém, cidade que se tornou sagrada para toda a cristandade. Então, em 1095, o **Papa Urbano II**, no **Concílio de Clermont**, convocou todos os cristãos para lutar contra os árabes a fim de reconquistar a chamada **Terra Santa**. Ao todo, **foram oito Cruzadas** (em nome da cruz) organizadas pela cristandade europeia, ao longo de duzentos anos em que ondas sucessivas de milhares de peregrinos armados, aventureiros, guerreiros, cavaleiros medievais e exércitos liderados por reis, lançaram-se ao Oriente Médio.

No princípio, as Cruzadas conseguiram reconquistar Jerusalém, cometendo um violento massacre que não poupou se quer os cristãos que viviam na cidade sagrada. Conforme um relato da época, “as ruas cobriram-se de sangue”. Porém, alguns anos depois, os muçulmanos se reestruturaram e liderados pelo **sultão Saladino**, retomaram a cidade.

Nas Cruzadas que se seguiram depois, os cristãos não mais conseguiram apossar-se da cidade sagrada novamente, e o único logro que conseguiram foi um acordo feito entre Saladino e o **rei Ricardo Coração de Leão**, da Inglaterra, de que peregrinos cristãos teriam o direito de entrar na cidade.

Interesses das Cruzadas

As causas que levaram à ocorrência das Cruzadas não se limitaram apenas ao caráter religioso, por mais que possa parecer, pois também foram motivadas por razões políticas, econômicas e sociais.

Na Idade Média, a igreja consolidou sua influência e poder sobre a Europa ocidental, mas, através das Cruzadas, criava-se um mecanismo com o qual o papa também poderia expandir seu poder para o restante da

Europa e da Ásia ocidental. Principalmente na busca de refazer a **unidade cristã**, rompida com o **Cisma do Oriente** de 1054, quando Constantinopla rejeitou a liderança papal.

Aos guerreiros cruzados seguiram-se outros, principalmente comerciantes, sobretudo italianos, desejosos de lucros e concessões. As cidades italianas (Gênova e Veneza) perceberam a importância de utilizarem-se das Cruzadas para dominarem o comércio no mar Mediterrâneo, fazendo com que os cruzados também se voltassem a atacar a cristã **Constantinopla**, capital bizantina, que havia se tornado um empecilho a seus interesses mercantis.

As Cruzadas também surgiram como uma solução para o grande crescimento populacional. Nobres feudais sem direito a terras na Europa, filhos de servos excluídos dos feudos, entre outros, formavam uma grande massa de desocupados e miseráveis que saqueavam pelas estradas e viviam marginalizados. Então, já em 1095, enquanto se organizava uma primeira expedição oficial sob a liderança do papa, uma multidão de camponeses, mendigos e aventureiros se pôs a caminho e acabaram massacrados na chamada **Cruzada do Povo**. Logo depois, formada por nobres, a expedição oficial seguiu para o Oriente, tomou várias regiões e reconquistou Jerusalém, fundando vários Estados e distribuindo terras aos nobres cavaleiros cruzados.

Portanto, mesmo com o significativo sentimento religioso que motivou as Cruzadas, não podemos considerá-lo como o único fator determinante.

Consequências das Cruzadas

Por fim, as Cruzadas não conseguiram concretizar seus objetivos e, em 1291, os muçulmanos retomaram definitivamente o último pedaço da Terra Santa ainda em poder dos cristãos. Apesar do fracasso militar, as Cruzadas contribuíram para as profundas transformações europeias, que marcaram o fim do sistema feudal.

Dentre as consequências mais marcantes:

- As Cruzadas levaram à reativação do Mediterrâneo, o que permitiu o renascimento comercial e urbano.
- As cidades italianas, principalmente Veneza e Gênova, por sua posição geográfica, enriqueceram com o comércio no Mediterrâneo.
- A nobreza perdeu prestígio devido às derrotas militares e empobreceu com o alto custo das guerras.
- A partir do renascimento comercial, surgiu uma nova classe social – a **burguesia** – que iniciou sua ascensão na sociedade europeia, principalmente com o desenvolvimento do capitalismo.

- O contato com os povos do Oriente acabou por ampliar o universo cultural europeu.

Fatores do fracasso

Alguns fatores foram determinantes para a derrota dos cruzados, como as grandes distâncias entre a Europa e o Oriente, o despreparo dos europeus para enfrentar aquelas terras distantes e áridas, sem se quer possuírem vestimentas apropriadas para o clima quente, enquanto seu inimigo era totalmente adaptado. Também se deve destacar o fato de que houve desvio de seus interesses iniciais, que eram apenas religiosos. Para concluir, os exércitos de cristãos europeus eram extremamente desorganizados e, uma vez compostos por soldados de diferentes reinos, tinham uma imensa dificuldade de coesão e de definição de comando.

A expansão europeia, iniciada no século XI, não se limitou às Cruzadas no Oriente. Também os reinos de Aragão e Castela (Espanha) promoveram a **Reconquista da península Ibérica** dos muçulmanos. A ofensiva começou em 1086 e terminou com a conquista de Granada em 1492. Como pretexto religioso havia a proteção ao local sagrado de **Santiago de Compostela**.

Exercícios

08. De que forma as Cruzadas contribuíram para o renascimento comercial e urbano no final da Idade Média?

09. Explique por que as Cruzadas não tinham apenas intenções religiosas.

Passagem do feudalismo para o capitalismo

Esgotamento do sistema feudal

A partir do século X, a Europa apresentou um elevado crescimento demográfico, pois o isolamento da vida feudal dificultava a propagação de epidemias e as grandes invasões haviam cessado, proporcionando uma taxa de natalidade superior à de mortalidade. Porém, o crescimento populacional não era compatível com o modo de produção feudal, caracterizado pela agricultura de subsistência e pelo uso de técnicas rudimentares, além do que, conforme a realidade imposta pelo feudalismo, a terra era a única fonte de riqueza, mas já não mais havia terra para todos, gerando uma massa de marginalizados cada vez maior.

Em um primeiro momento, foram aperfeiçoadas as técnicas agrícolas, introduzindo-se inovações como arado de ferro, foice, drenagem de pântanos e ampliação das áreas de plantio. Tais inovações conseguiram aumentar a produção e, dependendo da situação, produzir um certo excedente para ser comercializado fora das regiões agrícolas, mas, no entanto, não deteve o irreversível processo de declínio do sistema feudal.

Após séculos de modo de produção feudal, em que a economia era praticamente de subsistência, o renascimento do comércio provocou um aumento na circulação de moedas e o capitalismo comercial começou a tomar corpo.

Renascimento comercial

Por meio das **Cruzadas**, os europeus tiveram contato com um outro universo cultural, com outras formas de vida e com produtos até então quase que completamente desconhecidos para eles, as chamadas especiarias, como variados tipos de temperos (gingibre, pimenta do reino, canela, cravo, mostarda e noz moscada), artigos de luxo como perfumes, essências, tecidos finos como seda, porcelanas, almofadas, tapetes, joias e inúmeros outros produtos que passaram a ter grande aceitação junto à população europeia acostumada com móveis rústicos, camas desconfortáveis, tecidos grosseiros, alimentação desprovida de temperos e utensílios simples e primitivos.

O **mar Mediterrâneo** tornou-se, então, palco das principais rotas marítimo-comerciais entre o Oriente e o Ocidente, o que beneficiou muito as cidades italianas, como Veneza e Gênova, por seu posicionamento geográfico privilegiado no Mediterrâneo, o que as transformou nos mais importantes centros comerciais, que distribuíam os produtos orientais para todo o continente

europeu. Fora do Mediterrâneo, no norte da Europa, as atividades comerciais também se desenvolveram, e Flandres passou a dominar o comércio e todo o mar do Norte.

Com o tempo se formou uma extensa rede de vias terrestres e no cruzamento destas vias se organizavam feiras, que eram, a princípio, itinerantes, indo de lugar em lugar, vendendo as tão desejadas especiarias. Inúmeras pessoas voltaram-se para novas atividades econômicas como o artesanato e, principalmente, o comércio, migrando para os antigos centros urbanos, onde poderiam desenvolver suas atividades, provocando o crescimento das velhas cidades e o surgimento de novas, transformando, aos poucos, a vida rural da Idade Média em vida urbana. Também para os servos, que viviam uma dura realidade nos feudos, migrar para as cidades tornou-se uma forma de melhorar suas condições de vida.

O crescente desenvolvimento comercial europeu fez reativar a importância da moeda, e reis, senhores feudais e até cidades passaram a cunhar suas próprias moedas.

Corporações de ofício e hansas

Com o crescimento do comércio, o número de artesãos multiplicava-se rapidamente nas cidades e a produção diversificava-se. Buscando defender seus interesses, os artesãos organizavam-se em associações, denominadas **corporações de ofício** ou **guildas**. Em cada cidade, as corporações de ofício representavam uma classe distinta de artesãos, como sapateiros, tecelões, carpinteiros e outros. Elas tinham como função: formar mão de obra qualificada, controlar preços e qualidade dos produtos, evitar a concorrência desleal e amparar seus membros e dependentes.

Além dos artesãos, os mercadores também buscavam associações para defender seus interesses. A mais poderosa associação de comerciantes foi a Liga Hanseática ou Hansa Teutônica, que aglutinava, em torno de si, quase uma centena de cidades do norte da Europa. Os comerciantes a ela ligados possuíam uma grande frota de navios, monopolizavam o comércio na região do Báltico (mar do Norte) e tinham ramificações que se estendiam desde o oeste da Rússia até as Ilhas Britânicas.

Renascimento urbano

Os centros urbanos que surgiam em pontos estratégicos para o comércio preocupavam-se em manter sua defesa. Os comerciantes erguiam muros ao redor do vilarejo, constituindo o chamado **burgo**, o que permitiu usar tal palavra para se referir às cidades medie-

vais e, conseqüentemente, seus moradores passaram a ser chamados de **burgueses**. Essa burguesia, ligada, geralmente, ao comércio, passou a representar uma nova classe social, na maioria dos casos enriquecida, tornando a **acumulação de capital** a principal fonte de riqueza em lugar da terra.

As **cidades medievais** cresciam de maneira desordenada, tendo ruas tortuosas, esgoto a céu aberto e condições muito propícias para a propagação de epidemias.

As feiras das cidades se tornaram importantes centros econômicos, não só para a distribuição de mercadorias, como também para transações financeiras. Foram nesses locais que surgiram os primeiros banqueiros, inicialmente conhecidos por cambistas. A mais importante feira era a de Champagne, na França, posicionada, estrategicamente, na rota que ligava a Itália a Flandres.

As cidades medievais nasceram em terras da nobreza feudal ou do clero, com o passar do tempo foram adquirindo autonomia administrativa e judiciária. Essa autonomia poderia ser obtida por meio de revoltas contra o senhor feudal ou, pacificamente, quando os comerciantes compravam uma carta de franquia. As cidades medievais autônomas eram denominadas **Comunas**, características da Baixa Idade Média.

O crescimento comercial e urbano deu início a um processo de substituição do modo de produção feudal pelo modo de produção capitalista. Gradativamente, o feudo foi perdendo seu valor econômico e o senhor feudal seu poder político, dando lugar ao retorno da centralização do poder real.

Exercícios

10. Explique a relação existente entre o crescimento comercial e urbano e a decadência do sistema feudal.

11. (Unicamp-SP) O Mediterrâneo e os mares Báltico e do Norte, ao final da Idade Média, eram rotas comerciais importantes.

a) Quem desenvolvia as atividades comerciais nesses mares?

b) Por que essas atividades contribuíram para a desestruturação da ordem feudal?

Testes

12. (Fuvest-SP) As feiras na Idade Média constituíram-se:

a) instrumentos de comércio local das cidades para o abastecimento cotidiano dos seus habitantes;

b) áreas exclusivas de câmbio das diversas moedas europeias;

c) locais de comércio de amplitude continental que dinamizaram a economia da época;

d) locais fixos de comercialização da produção dos feudos;

e) instituições carolíngias para renascimento do comércio abalado com as invasões do Mediterrâneo.

13. (FCC-BA) A grande contribuição do movimento das Cruzadas, a partir do século XI, foi a:

a) consolidação do Renascimento Comercial Europeu, possibilitando o domínio das cidades italianas;

b) proteção dispensada pela igreja aos servos, liberando-os das obrigações feudais;

c) confirmação do poder material da igreja, pelo domínio permanente de vastas áreas territoriais no Oriente próximo;

d) intensificação do sistema feudal europeu, permitindo aos senhores maior controle da mão de obra servil;

e) solução da crise que separava o cristianismo ocidental do oriental, fortalecendo a posição de Roma.

14. (UFPR) As Cruzadas influíram decisivamente na história da Europa na Baixa Idade Média. A mais significativa de suas consequências foi:

- a)** a reunificação das Igrejas Católica e Ortodoxa, separadas em 1054, pelo Cisma do Oriente;
- b)** um novo cisma no cristianismo com o início da Reforma Protestante no século XVI;
- c)** a conquista dos lugares sagrados do cristianismo situados na Ásia ocidental;
- d)** a “reabertura” do Mediterrâneo, que, possibilitando a reativação dos contratos Ocidente e Oriente, intensificou o renascimento comercial e urbano na Europa;
- e)** o declínio do comércio, o desaparecimento da vida urbana e a descentralização política no Ocidente da Europa.

15. (Cessem-SP) As corporações de ofício eram organizadas com o objetivo de:

- a)** defender os interesses dos artesãos diante dos patrões;
- b)** proporcionar formação profissional aos jovens fidalgos;
- c)** aplicar os princípios religiosos às atividades cotidianas;
- d)** combater os senhores feudais;
- e)** proteger os ofícios contra a concorrência e controlar a produção.

16. (Mackenzie-SP) Na Baixa Idade Média, a formação de centros urbanos, o renascimento do comércio e o aparecimento de feiras e rotas tiveram sobre a estrutura feudal as seguintes consequências:

- a)** desenvolveram a economia agrícola e as relações servis de produção;
- b)** acentuaram a descentralização política e aprofundaram as desigualdades sociais;
- c)** provocaram o declínio do modo de produção servil e o desenvolvimento do trabalho livre e da economia monetária;
- d)** consolidaram uma cultura teocêntrica e monopolizada pela igreja;
- e)** levaram ao fracasso as tentativas de centralização do poder, empreendido pela aliança reis-burguesia.

17. (Fatec-SP) Dentre as causas de desagregação da ordem econômica feudal, é possível mencionar:

- a)** a capitalização intensa realizada pelos artesãos medievais e a criação de grandes unidades industriais, que acabaram subvertendo a economia feudal;

b) o desinteresse da nobreza e do clero pela manutenção do feudalismo, pois esses setores se beneficiariam com o advento da sociedade baseada no lucro;

c) o surgimento das corporações de ofício e a substituição do “justo preço”, que restringia as possibilidades de lucro, pelo preço de mercado;

d) o revivescimento do comércio e a consequente circulação monetária, que abalaram a autossuficiência da economia senhorial;

e) a substituição gradativa do trabalho escravo pelo trabalho assalariado dentro do feudo, o que criou condições para a constituição de um sistema de mercado dentro da própria unidade feudal.

Respostas

Exercício 01: Momento das invasões dos bárbaros que levou a fuga das populações para as “zonas rurais”, motivadas pela insegurança das cidades.

Exercício 02: Momento da desestruturação do império, a partir das invasões bárbaras e de seus ataques às cidades romanas.

Exercício 03: Por não haver um poder político centralizado, a Igreja Católica surgiu como força unificadora da Europa ocidental. Além disso, por ser detentora da cultura de maneira geral, ela conduziu a mentalidade medieval, colocando-se no centro desta.

Exercício 04: O clero, representado pelos membros da igreja. Os nobres, representados pelos senhores feudais e seus cavaleiros. E os servos, que eram os camponeses.

Exercício 05: Constantinopla é um elo de ligação entre o Ocidente e o Oriente. Importante passagem de mercadorias do Oriente para a Europa, fez crescer na região um forte comércio, possibilitando o desenvolvimento econômico da capital do império.

Exercício 06: Por ter se espalhado por diversas partes do mundo, pelas conquistas árabes, o islamismo tomou características diferentes por onde passou. Nem todo muçulmano tem atitudes radicais e terroristas, apenas uma minoria que usa a religião para atingir seus objetivos políticos. Portanto, seria um ato injusto e preconceituoso responsabilizar toda a comunidade muçulmana por esses acontecimentos violentos.

Exercício 07: Resposta pessoal. Pode aproveitar para discutir as condições da mulher brasileira hoje.

Exercício 08: Elas abriram o mar Mediterrâneo para o comércio e possibilitaram o contato dos europeus ocidentais com povos do Oriente. O renascimento comercial propiciou o desenvolvimento e o crescimento das cidades.

Exercício 09: Ao tentar conter a expansão muçulmana, o papa também queria garantir domínio sobre os povos do Oriente. Além disso, as Cruzadas surgiram como solução para a miséria que assolava a Europa feudal.

Exercício 10: O aumento da população nos feudos provocou a necessidade de se buscar novas formas de sobrevivência, o comércio e o artesanato apareciam como solução, atraindo a população para as cidades. Com o desenvolvimento do comércio e o uso cada vez maior de moedas, a economia de subsistência do feudo foi perdendo seu valor e a vida urbana foi prevalecendo.

Exercício 11:

- a) Os italianos, principalmente de Gênova e Veneza.
- b) O desenvolvimento do comércio era incompatível com a economia de subsistência dos feudos. Além disso, muitas pessoas abandonavam o feudo para buscar novas condições de vida no comércio.

Gabarito

- | | | | | | |
|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| 01) * | 02) A | 03) * | 04) D | 05) D | 06) D |
| 07) D | 08) B | 09) B | 10) D | 11) E | 12) C |
| 13) A | 14) D | 15) E | 16) C | 17) D | |

*01. 20 (04 e 16)

*03. 20 (04 e 16)

Sumário

História **3**^E

Idade Moderna..... 3

Monarquias nacionais 3

Principais pensadores absolutistas 4

Mercantilismo 5

**Expansão marítima europeia
(séculos XV e XVI)** 6

Navegações portuguesas 6

Navegações espanholas 8

Disputas luso-espanholas 8

Navegações francesa e inglesa 9

Consequências das grandes navegações . 9

**Conquista e colonização da
América** 10

**Renascimento cultural
(séculos XV e XVI)** 13

Características da cultura renascentista . 13

Origem e expansão do Renascimento ... 15

Renascimento científico 16

Reforma religiosa (século XVI) 17

Reforma luterana..... 17

Reforma calvinista..... 18

Reforma anglicana..... 18

Contrarreforma ou Reforma Católica.... 19

História

Idade Moderna

A **Idade Moderna** corresponde ao período da História que se estende do século XV ao século XVIII, e que marcou o final do **feudalismo**.

No decorrer da **Baixa Idade Média** deu-se um irreversível processo de decadência do feudalismo, originado pelo renascimento do **comércio**, das cidades e pelo surgimento da **burguesia** a partir do século X. As transformações ocorridas levaram:

- ao **Absolutismo** e à formação das **Monarquias Nacionais**;
- à **expansão marítima** do século XV por meio das Grandes Navegações;
- ao **Renascimento Cultural**;
- à **Reforma Protestante** que marcou o início da queda do poder da igreja.

Monarquias nacionais

A decadência do sistema feudal, o desenvolvimento do comércio e o crescimento das cidades caracterizaram o processo de passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Essas transformações, ocorridas na Europa ocidental, provocaram mudanças sociais e políticas: o fortalecimento da burguesia (artesãos e comerciantes) e a centralização do poder político nas mãos dos reis, o que levou à formação das **Monarquias Nacionais**.

A formação das Monarquias Nacionais resultou da aliança entre a burguesia, que tinha interesse em derrubar as rígidas estruturas do sistema feudal, e o rei, que pretendia centralizar o poder em suas mãos.

Durante o período feudal, a Europa estava dividida em diversos reinos, porém o poder político apresentava-se descentralizado nas mãos dos senhores feudais. Os reis tinham o poder de direito, mas de fato não o exerciam. No final da Idade Média, esse domínio local da nobreza feudal passou a representar um grande obstáculo para o crescimento das cidades e para o desenvolvimento do comércio, pois não havia uma uni-

ficação da moeda e os impostos eram regionalizados, dificultando a expansão das atividades comerciais.

Para eliminar esse obstáculo, a burguesia buscou apoio no rei, pois somente um governo centralizado poderia unificar leis e moedas, além de estabelecer fronteiras legais e organizar o comércio internacional. Por sua vez, o rei beneficiava-se com os recursos financeiros da burguesia. Assim, a união do poder econômico da burguesia com o poder político dos reis possibilitou o desenvolvimento de diferentes monarquias nacionais em toda a Europa ocidental.

Para estabelecer-se definitivamente no poder, o rei deveria lutar contra os senhores feudais e contra a intensa influência da Igreja Católica, bem como garantir a defesa de suas fronteiras. A solução foi a formação de poderosos exércitos nacionais e a organização de um forte corpo burocrático que pudesse cuidar das finanças da nação, bem como a unificação de leis e justiça, assim como dos impostos. Dessa forma, os reis concentravam cada vez mais o poder político em suas mãos, tornando-se, entre os séculos XVI e XVII, governantes absolutos – **Absolutismo Monárquico**.

Para a criação de um sentimento de identidade e pertencimento dos membros da sociedade, foi adotado um idioma oficial e valorizadas as tradições culturais regionais que passavam a ser nacionais.

Os **Estados Modernos** ou **Monarquias Nacionais** começaram a nascer na segunda metade do século XV na França, Inglaterra, Portugal e Espanha. No Estado estão presentes três elementos: o **poder político**, o **povo** e o **território**. No Estado Moderno existe uma identificação absoluta entre o Estado e o monarca, restringindo liberdades e direitos individuais, praticando o autoritarismo e até a violência.

Em fins do século XVII, a França foi o país onde o absolutismo da Idade Moderna conheceu seu apogeu por intermédio do rei **Luís XIV**, que afirmou, caracterizando a estreita ligação entre Estado e soberano, o **Estado sou eu**.



Luís XIV

Principais pensadores absolutistas

Vários intelectuais procuraram elaborar e defender teses que pudessem legitimar ideologicamente a existência de soberanos absolutos, com plenos poderes sobre tudo e todos. Dentre esses defensores do absolutismo, podemos destacar:

- **Nicolau Maquiavel (1469-1527)**

Escritor italiano, considerado o mais importante defensor do absolutismo monárquico. Em sua obra *O Príncipe*, afirmava que o poder político está acima dos valores morais e éticos. Para ele o resultado das ações do soberano é o que conta tão somente e que todos os meios se justificam para a manutenção do poder, “os fins justificam os meios”.



Nicolau Maquiavel

- **Jean Bodin (1530-1596)**

Filósofo e jurista francês, autor de *A República*, defendia a teoria de que o monarca estava acima das leis, podendo legislar conforme sua vontade. Afirmava que os soberanos foram escolhidos por Deus para governar, portanto, desobedecer ao rei era uma ofensa direta a Deus, a teoria da origem divina do poder real.

- **Jacques Bossuet (1627-1704)**

Pensador francês, foi o principal defensor da teoria do “**direito divino dos reis**”. Defendia que o poder absoluto dos reis era originário de Deus e que o trono do monarca era o trono do próprio Deus, não podendo, portanto, ser questionado pelos seus súditos. Em sua obra, *A Política Segundo a Sagrada Escritura*, estabelece um contexto sagrado para a autoridade do monarca.

- **Thomas Hobbes (1588-1619)**

Pensador inglês que por meio de sua obra *Leviatã* buscou justificar racionalmente os poderes absolutos de um monarca. Segundo sua visão, o homem vivia em um estágio primitivo (estágio de natureza) e lutando entre si (o homem é lobo do próprio homem). Para eliminar essa situação anárquica, as pessoas deveriam ceder todos os seus direitos para o Estado, representado pelo rei, acabando com a liberdade, considerada nociva à manutenção da paz.

Leitura Complementar

O pensamento de Nicolau Maquiavel

Em sua principal obra *O Príncipe*, ao pensar sobre a realidade de sua época, Maquiavel elaborou uma teoria de como se formam os Estados e de como na verdade se constitui um **Estado Moderno**, a partir da posse de um território em que o comando sobre seus habitantes se faz pela centralização cada vez maior de poder. É considerado o precursor da teoria política entendida como uma disciplina autônoma, isto é, independente, separada da moral e da religião.

Naquele momento em que se formavam as **monarquias nacionais**, era necessária uma teoria que justificasse a construção de um Estado forte, independente da igreja e dirigido por um príncipe dotado de inteligência e de inflexibilidade. Para ele o resultado das ações do soberano é o que conta tão somente, “**os fins justificam os meios**”. Portanto, deve-se observar

o que se pode e é necessário fazer e não aquilo que seria certo fazer, pois quem quiser ser bom entre os maus fica arruinado. Maquiavel não se ocupa da moral, já que esta trata do que é certo e do que se deveria fazer. Ele verifica com clareza como os *homens governam de fato*, reconhecendo que a política é a lógica da força, e que é impossível governar sem fazer uso da violência. Não se trata de justificar a violência a qualquer preço, mas reconhecer que ela é necessária em determinadas circunstâncias, “a força é justa, quando necessária”.

Maquiavel afirma: “*Há uma dúvida se é melhor sermos amados do que temidos, ou vice-versa. Deve-se responder que gostaríamos de ter ambas as coisas, sermos amados e temidos; mas, como é difícil juntar as duas coisas, se tivermos que renunciar a uma delas, é muito mais seguro sermos temidos do que amados... pois dos homens, em geral, podemos dizer o seguinte: eles são ingratos, volúveis, (...). Enquanto você fizer o bem para eles, são todos teus, oferecendo-te seu próprio sangue, (...). Isso tudo até o momento que você não tem necessidade. Mas, quando você precisar, eles viram as costas*”.

O príncipe que esperar gratidão por ter sido bondoso com seus súditos, será derrotado: “*Os homens têm menos preocupação de ofender quem se faz amar do que quem se faz temer. (...) o temor é mantido por um medo de castigo que não nos abandona nunca*”. Portanto, deve-se estabelecer o terror; **o poder do Estado funda-se no terror.** “*É necessário a um príncipe, para se manter, que aprenda a poder ser mau e que se valha ou deixe de valer-se disso segundo sua necessidade*”.

Maquiavel recusa a figura do bom governante. Não aceita a ideia da política voltada ao bem comum e à justiça, para ele a finalidade da política é apenas a **tomada e manutenção do poder.**

Fonte: GRUPPI, Luciano. *Tudo começou com Maquiavel*. L & PM Editores.

Mercantilismo

Ao contrário do feudo, a base econômica da maioria dos Estados Nacionais era o comércio. A riqueza não estava mais ligada à posse da terra, mas sim ao acúmulo

de metais, com os quais se poderia cunhar moedas e incrementar a atividade comercial. O poder de um Estado Nacional Moderno era medido pela quantidade de metais acumulados. Portanto, as atividades econômicas tinham por objetivo enriquecer o Estado, e para isso foi adotado um conjunto de ideias e práticas denominadas de mercantilismo.

Essas práticas diferenciavam-se de acordo com cada Estado europeu. Porém, de maneira geral, podemos identificar alguns princípios básicos do mercantilismo:

- **Balança comercial favorável:** Exportar o máximo e importar o mínimo.
- **Protecționismo:** Incentivar o comércio e a indústria internos, evitando importar mercadorias, para isso aumentavam as taxas alfandegárias.
- **Metalismo:** Acumular metais no país.
- **Colonialismo:** Buscar colônias que pudessem fornecer, principalmente, metais preciosos.
- **Monopólio:** As colônias só poderiam comercializar com suas respectivas metrópoles.



Exercícios

01. Caracterize o pensamento de Maquiavel quanto à diferenciação feita por ele entre a moral e a política.

02. Qual o sentido do mercantilismo adotado pelas Monarquias Nacionais?

Expansão marítima europeia (séculos XV e XVI)

Até o início do século XV, os europeus conheciam apenas o Oriente Médio (graças às Cruzadas), o norte da África e parte do sul da Ásia (China, Índia e até o Japão), este a maioria dos europeus conhecia somente por relatos de viajantes. As valiosas **mercadorias orientais** (as especiarias: sedas, temperos, porcelanas, tapetes e perfumes), que eram comercializadas na Europa, desde meados do século XI, eram trazidas de seus locais de origem por comerciantes árabes até os portos do **mar Mediterrâneo** (Trípoli, Alexandria e, principalmente, Constantinopla) e compradas pelos comerciantes italianos que revendiam para o resto da Europa.

O mar Mediterrâneo havia se tornado o centro do comércio europeu e as cidades do norte da Itália, principalmente **Gênova** e **Veneza**, controlavam esse comércio. Os mercadores italianos se dirigiam para feiras no interior da Europa, como **Champanhe** e **Flandres**, aumentando seus lucros por meio da distribuição de produtos para todo o continente.

Como a rota do Mediterrâneo era monopólio dos italianos, outros povos europeus ambicionavam descobrir um novo caminho marítimo que os levassem diretamente até os mercados orientais, para que pudessem também usufruir do lucrativo comércio. Sem intermediários, poderiam baratear os preços demasiadamente altos dos produtos, intensificando o comércio europeu.

Porém, entre o desejo dos europeus se lançarem às navegações oceânicas e a sua real capacidade de realizá-las, havia uma grande distância. Eles não conheciam o oceano, e suas embarcações e instrumentos náuticos eram desapropriados para navegação em mar aberto, por isso, as tentativas de se navegar no Atlântico não tinham bons resultados, gerando medos, mitos e lendas sobre o mar desconhecido.

Apesar de todas as dificuldades, no início do século XV alguns **avanços tecnológicos** facilitaram a expansão marítima europeia. O aperfeiçoamento do uso da **bússola** e do **astrolábio** e a **invenção das caravelas** possibilitaram a navegação em mar aberto. Outras invenções, como a **pólvora** (armas de fogo) e a **impressora** (divulgação de novas descobertas), embora não estivessem relacionadas diretamente à atividade náutica, contribuíram também.



Imagens de caravela e bússola

Wikipédia

As novas **monarquias nacionais** passaram a incentivar e a financiar as navegações, pois tinham interesse em conquistar terras e expandir as **atividades comerciais**, aumentando seu poder. Por sua vez, a **burguesia** também tinha grande interesse na expansão comercial, que significava aumento de seus lucros.

A necessidade de buscar uma nova rota para as mercadorias aumentou ainda mais quando, em 1453, **os turcos-otomanos conquistaram Constantinopla** e passaram a cobrar pesadas taxas sobre os produtos orientais que entravam no Mediterrâneo, encarecendo ainda mais os preços das mercadorias.

As transformações econômicas, políticas e sociais do final da Idade Média vieram acompanhadas de uma mudança de mentalidade, em que a razão e a ciência foram, aos poucos, tomando o lugar dos medos e das lendas, encorajando os europeus a navegarem no Atlântico.

O primeiro país a lançar-se no oceano Atlântico em busca de um novo caminho para o comércio foi **Portugal**, seguido da **Espanha** e, posteriormente, da **Inglaterra**, da **França** e da **Holanda**.

Navegações portuguesas

O pioneirismo português nas grandes navegações deveu-se, fundamentalmente, ao fato de Portugal ter sido o primeiro a centralizar o poder em torno de uma monarquia nacional, a qual estava aliada a uma poderosa classe de ricos comerciantes – a **burguesia portuguesa**.

Participar do comércio e ter um litoral estrategicamente aberto para o oceano Atlântico, levou os portugueses a dedicarem-se a técnicas de navegação que pudessem facilitar a busca de novas rotas marítimas para o Oriente.

Criaram um centro de estudos náuticos que ficou conhecido como **Escola de Sagres**. Dirigida pelo infante D. Henrique, filho de D. João I, essa escola reunia navegadores, cartógrafos, matemáticos, geógrafos e astrônomos, que trabalhavam para aperfeiçoar instrumentos de navegação, mapas e embarcações. Encorajados pelos estudos de Sagres, os navegadores portugueses passaram a explorar a costa ocidental da África.

A primeira aventura náutica dos portugueses foi a conquista de **Ceuta**, em 1415, um importante entreposto comercial controlado pelos árabes no norte da África. A partir de então, a expansão portuguesa não mais cessou, conquistaram ilhas do Atlântico, como **Madeira** (1419) e **Arquipélago dos Açores** (1431), e iniciaram a exploração da costa ocidental da África por meio de expedições como a de Gil Eanes, que dobrou o **Cabo Bojador** em 1434.

Nas **ilhas atlânticas**, Portugal desenvolveu a produção de **açúcar** e **vinhas**, enquanto na costa africana extraiu ouro, marfim, madeira de lei e pimenta malagueta. A produção agrícola das ilhas visava ao mercado externo e baseava-se na exploração de grandes propriedades e na mão de obra dos escravos negros.

Em 1488, **Bartolomeu Dias** atingiu o **Cabo da Boa Esperança**, no extremo sul da África, o que abriu caminho para que os navegadores portugueses se aproximassem cada vez mais de seus objetivos: **chegar ao Oriente** e **ter um comércio próprio**. Finalmente, dez anos mais tarde, uma expedição comandada por **Vasco da Gama** contornou o Cabo da Boa Esperança e atingiu **Calicut**, na Índia. Uma nova rota marítimo-comercial para se chegar diretamente à fonte dos produtos orientais estava aberta e monopolizada pelos portugueses, quase 90 anos depois deles terem iniciado suas navegações pelo Atlântico. Os lucros para os comerciantes lusos foram elevadíssimos, o que levou a burguesia e o rei de Portugal a organizarem uma grande expedição, chefiada por **Pedro Álvares Cabral**, para repetir o feito de Vasco da Gama. Com treze embarcações e 1 500 homens, a expedição iniciou a viagem pela costa da África e, na altura das ilhas de Cabo Verde, desviou-se da rota para o Oriente e dirigiu-se para as novas terras já descobertas pelos espanhóis, a **América**, tomando posse de uma parte dessas terras que era o **Brasil**, no dia **22 de abril de 1500**. Depois, a esquadra de Cabral seguiu viagem até a Índia.

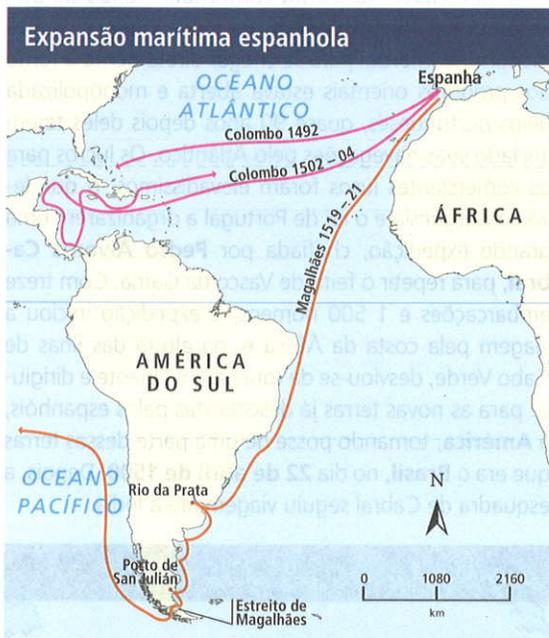
Expansão marítima portuguesa



Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. REIS, Cezar Ferreira. CARVALHO, Carlos Delgado. *Atlas Histórico Escolar*. Adaptado. Rio de Janeiro, 1977.

A liderança comercial portuguesa, porém, não durou muito tempo. Já a partir de 1520, navegadores de outras nações europeias passaram a seguir a rota marítima portuguesa, para as Índias, de onde voltavam carregados de mercadorias.

Navegações espanholas



Fonte: World History Atlas. Dorlin Kindersley Limited. Adaptado. London, 2008.

A entrada da Espanha na expansão marítima sofreu certo atraso em virtude da falta de unidade política e da luta para a expulsão dos mouros da península Ibérica. O reino da Espanha só se formou em 1469, após o casamento entre os reis católicos **Fernando** (do Reino de Aragão) e **Isabel** (do Reino de Castela). Os mouros (árabes originários do norte da África) só foram definitivamente expulsos em 1492, por isso, foi somente a partir desse ano que os espanhóis passaram a se preocupar com as navegações. Sem muitos recursos para navegar e sem um projeto próprio, os reis católicos patrocinaram a viagem do navegador genovês **Cristóvão Colombo**, entregando-lhe uma pequena esquadra de apenas três caravelas.

Enquanto os portugueses procuravam atingir as regiões orientais, contornando o sul da África, **Colombo** pretendia chegar ao Oriente, navegando sempre em direção ao Ocidente. Baseado na teoria da esfericidade da Terra, daria a volta em torno do mundo. Sem ter noção das dimensões do nosso planeta e navegando para o oeste, Colombo atingiu o **continente ameri-**

cano, na altura das Bahamas, em 12 de outubro de 1492, acreditando ter chegado às Índias. O navegador, matemático e astrônomo Américo Vespúcio, desfez o engano de Colombo, afirmando a existência de um novo continente, que mais tarde levou o seu nome – **América**.

Somente em 1519, o navegador português, a serviço da Espanha, **Fernão de Magalhães**, conseguiu viabilizar o projeto de Colombo, realizando a primeira viagem de circunavegação. Magalhães cruzou o Atlântico, navegou pela costa sul da América até encontrar uma passagem para o oceano Pacífico, atualmente estreito de Magalhães, morreu nas Filipinas. Um outro navegador, Sebastião del Cano, concluiu a viagem, chegando de volta à Espanha em 1522.

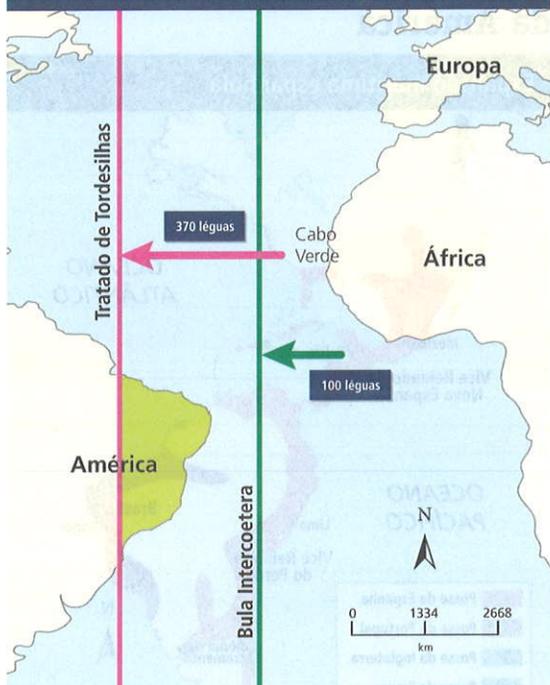
Disputas luso-espanholas

Apesar de usarem rotas diferentes, **Portugal e Espanha** navegavam pelo mesmo oceano. Para evitar maiores conflitos, estabeleceram-se alguns tratados diplomáticos entre os dois países, que deveriam definir a atuação de cada um, bem como a exploração dos frutos advindos das conquistas marítimas.

Inicialmente foi assinado o **Tratado de Toledo** (1480), pelo qual Portugal garantia seu direito de exploração das terras ao sul das Ilhas Canárias, o que assegurava aos portugueses a rota para a Ásia e a costa africana.

No entanto, a descoberta da América fez com que as nações ibéricas chegassem a um acordo para dividir as possíveis terras do Ocidente entre si, mesmo porque outros países europeus também poderiam se apossar dos novos territórios descobertos. A princípio, o papa Alexandre VI, que era espanhol, sugeriu a **Bula Intercoetera** (1493), no qual todas as terras existentes em um espaço de 100 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde seriam de Portugal, sendo o restante da Espanha. Porém, o governo português recusou tal proposta, assinando no ano seguinte o **Tratado de Tordesilhas** (1494), o qual aumentava para 370 léguas a distância em relação ao ponto de partida, em Cabo Verde. Se a linha de Tordesilhas fosse demarcada na atualidade, cortaria o Brasil entre as cidades de Belém (Pará) e Laguna (Santa Catarina). Por esse tratado, a América ficou dividida entre portugueses e espanhóis, mas outros governantes europeus, como os reis da França e da Inglaterra, não reconheciam os direitos ibéricos sobre as novas terras descobertas.

Tratados de limites entre Portugal e Espanha



Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. REIS, César Ferreira. CARVALHO, Carlos Delgado. *Atlas Histórico Escolar*. Adaptado. Rio de Janeiro, 1977.

Navegações francesa e inglesa

Tanto a **França** quanto a **Inglaterra** tiveram um grande atraso para se lançarem à expansão marítima, pois ambas demoraram a estabilizar um Estado Nacional. E já que os países ibéricos (Portugal e Espanha) dominavam as rotas do sul, tanto os ingleses quanto os franceses se dedicaram a exploração do Atlântico Norte em busca de uma passagem para o Oriente, o que os levou a costa dos atuais Estados Unidos e Canadá. No entanto, os ingleses não conseguindo obter vantagens comerciais com sua descoberta, voltaram-se à pirataria e ao contrabando, atacando regiões e rotas dominadas pela Espanha.

Consequências das grandes navegações

A expansão marítima permitiu a descoberta de uma nova rota comercial para o Oriente, fazendo com que o eixo econômico se deslocasse do Mediterrâneo para o Atlântico, o que provocou, por sua vez, a decadência comercial das cidades italianas.

O volume de mercadorias comercializadas cresceu extraordinariamente, provocando queda nos preços, a ponto de popularizar o consumo das tão valiosas especiarias.

A **ampliação das atividades comerciais** possibilitou o enriquecimento da burguesia, bem como o fortalecimento do poder do rei. Descobrendo novos continentes, os Estados Nacionais europeus fundaram impérios coloniais dos quais se extraíam muitas riquezas, principalmente metais preciosos, permitindo um significativo aumento da quantidade de moedas circulantes.

As populações dos continentes conquistados (Ásia, África e América) foram subjugadas pelos europeus e até submetidas à escravidão, como os negros africanos e os índios americanos. O mundo começou a sofrer um processo de "europeização", pois os valores cristãos da Europa ocidental passaram a ser impostos sobre os outros povos, até mesmo com o uso da força.

O conhecimento científico cresceu de maneira considerável, com estudos sobre os mais variados assuntos, como a astronomia, que abriu caminho para a confirmação da teoria heliocêntrica. Com a viagem de circunavegação, ficou provada a esfericidade da Terra e a ligação marítima entre todos os continentes.

Leitura Complementar

A dieta de bordo

...Quando a viagem transcorria sem incidentes, a comida mal bastava para as necessidades dos embarcados, mas se um longo período de calma, a imperícia do piloto ou qualquer outra ocorrência provocassem o alongamento da viagem, a fome atingia o navio de modo implacável.

Geralmente, o abastecimento ficava a cargo dos Armazéns Reais, que deveriam entregar os víveres ao mestre do navio ou ao despenseiro, mas aí já começavam os problemas, pois inúmeras e imprevisíveis contingências interferiam no fornecimento de gêneros, seja pela falta de produtos disponíveis para atender às grandes necessidades das navegações, seja – o mais das vezes – por uma contabilidade cobiçosa que mentia sobre o número de pessoas embarcadas ou aumentava (nos registros...) a quantidade fornecida de fato...

Embora mais frequentes nas longas viagens para a Índia, crises agudas de fome também aconteciam em outras rotas, como se pode ler no livro de Jean Léry que, ao deixar o navio de volta para a Europa, viveu o problema em seu navio: "a 12 desse mesmo mês [maio], o nosso artilheiro morreu de fome, depois de ter comido

as tripas cruas de seu papagaio, e foi como os outros lançado ao mar... Mas a necessidade que tudo inventa, lembrou a alguns a caça aos ratos e ratazanas que, também mortos de fome por lhe termos tirado tudo que pudessem roer, corriam pelo navio em grande quantidade. (...) Tivemos que cozinhar camundongos na água do mar, com intestinos e tripas, e dava-se a estas vísceras maior apreço do que ordinariamente damos em terra a lombos de carneiro”.

Léry chegou a acrescentar que os sobreviventes só não praticavam o canibalismo por “temor a Deus, pois mal podíamos falar uns com os outros sem nos agastarmos e o que era pior (perdoe-me Deus) sem nos lançarmos olhares denunciadores de nossa disposição antropofágica”.

Quando as situações não eram de exceção, o principal alimento a bordo era o biscoito...

Sujeita a variações, de acordo com o tempo ou circunstâncias especiais, a ração diária de cada tripulante era de quatrocentos gramas ou pouco mais. Entretanto, a qualidade do biscoito servido, o que pode ser estendido aos demais alimentos, deixava muito a desejar, havendo problemas em sua conservação durante as viagens...

...A água para beber e cozinhar também era distribuída à razão de uma camada por dia, sendo armazenada em tonéis ou grandes tanques nem sempre apropriados, acumulando bactérias e provocando ocorrências de infecções e diarreias...

Em meio a tudo isso, proliferavam ratos e baratas, disputando aos homens o alimento escasso e comprometendo as sempre precárias condições de higiene a bordo do navio...

Ainda sobre a higiene e cometendo talvez a impropriedade de mencionar o problema junto às questões de alimentação, convém lembrar que os navios não dispunham de banheiros, recorrendo os viajantes a pequenos assentos pendurados sobre as armaduras. Entretanto, ao estudar a vida a bordo, a partir do famoso relato de Jan Linschoten, um pesquisador chegou a mencionar o uso de galerias da popa dos navios como toailete improvisado...

Fonte: MICELI, Paulo. O Ponto onde Estamos: Viagens e viajantes na história da expansão e da conquista - Portugal, século XV e XVI. São Paulo, Página Aberta Ltda, 1992.

Conquista e colonização da América

Expansão marítima espanhola



Fonte: World History Atlas. Dorlin Kindersley Limited. Adaptado. London, 2008.

A **colonização da América** deu-se num contexto em que a política mercantilista predominava a fim de fortalecer o poder das monarquias nacionais. Dentro desta política, as **colônias** deveriam fornecer produtos agrícolas tropicais, metais preciosos e matéria-prima, e consumir os produtos manufaturados fornecidos por sua **metrópole** (país colonizador). Essa relação comercial baseava-se no chamado **pacto colonial**, imposto pela metrópole à sua colônia, pelo qual se estabelecia um monopólio de comércio: a colônia só poderia comercializar com sua metrópole.

Entre os séculos XVI e XVIII, toda a América foi colonizada. Espanhóis, portugueses, franceses, ingleses ou holandeses disputaram e apossaram-se das terras americanas de norte a sul, passando a explorá-las.

A **Espanha** foi o primeiro Estado europeu a ocupar terras na América. Durante as primeiras viagens, os espanhóis iniciaram a ocupação e a colonização pelas inúmeras ilhas da região do Caribe. O grande interesse eram os metais preciosos (ouro e prata) que existiam nas ilhas, até se esgotarem por volta de 1510. Nessa época, chegaram notícias de fabulosas riquezas existentes nas mãos dos povos indígenas no continente

encontrado por **Américo Vespúcio**, a chamada *Tierra Firme*. A lenda do *El Dourado* e a expectativa de encontrar imensas riquezas incentivaram expedições de exploração e conquista ao continente. A partir de então a Espanha dividiu seus domínios em quatro vice-reinos (unidades administrativas e para exploração de riquezas) e quatro capitanias gerais (unidades de defesa estrategicamente localizadas).

Chamado de **Nova Espanha**, o México, após ter sido conquistado, tornou-se o mais importante centro do Império Espanhol na América.

O segundo país a iniciar a exploração das terras americanas foi **Portugal**, que a princípio se dedicou apenas à extração de **pau-brasil**, sem uma efetiva ocupação do território, mais interessado no lucrativo comércio com o Oriente.

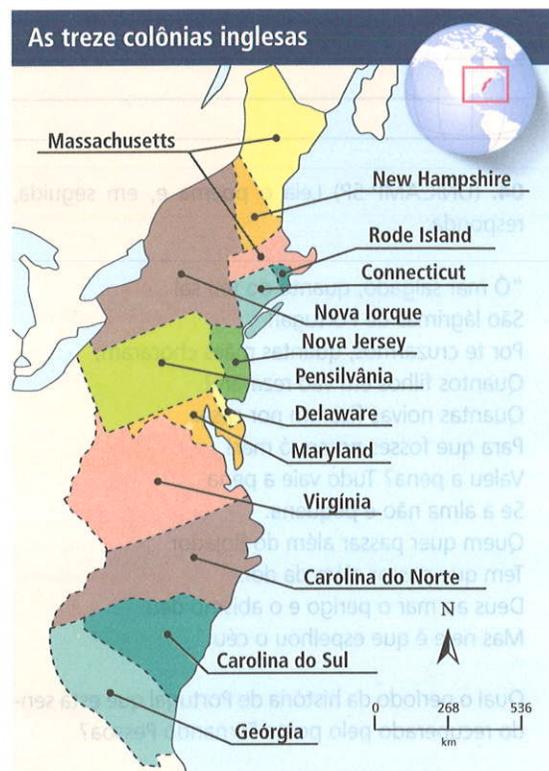
Foi somente a partir de 1530, preocupado com as ameaças de invasão estrangeira, principalmente da França, que o governo português decidiu colonizar o Brasil. A **cana-de-açúcar** foi a cultura escolhida para iniciar o povoamento e gerar lucros, já que o açúcar era produto de grande valor na Europa.

As primeiras unidades administrativas da colônia foram as **Capitanias Hereditárias** (1534), 15 faixas de terra que iam do litoral até a linha de Tordesilhas e que foram doadas pela Coroa portuguesa aos chamados donatários. Porém, o projeto das capitanias fracassou e, em 1548, foi substituído pelo poder centralizado dos **Governos Gerais**.



Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. REIS, Cezar Ferreira. CARVALHO, Carlos Delgado. *Atlas Histórico Escolar*. Adaptado. Rio de Janeiro, 1977.

A **ocupação inglesa** sobre a América só se efetivou a partir do século XVII, quando a monarquia, aliada à burguesia, decidiu explorar a **América do Norte** e algumas **ilhas do Caribe**. Foram fundadas inicialmente **Treze Colônias**. O povoamento deu-se principalmente por protestantes (puritanos, quakers, etc.) refugiados das perseguições religiosas e políticas que sofriam na Europa.



Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. REIS, Cezar Ferreira. CARVALHO, Carlos Delgado. *Atlas Histórico Escolar*. Adaptado. Rio de Janeiro, 1977.

Os **franceses** ocuparam a região do **Canadá**, de onde extraíram peles e madeira, além de colonizarem a foz do rio Mississippi, região que recebeu a denominação de **Luisiana**, e algumas ilhas do Caribe, onde produziram gêneros tropicais, como tabaco, açúcar e cacau. Tentaram também estabelecer-se no Brasil, fundando colônias no Rio de Janeiro e no Maranhão, mas acabaram expulsos pelos portugueses. Foi somente no século XVII que os franceses implantaram colônias na América do Norte.

Os **holandeses** financiaram o estabelecimento da indústria açucareira no Brasil. No século XVII, o Nordeste brasileiro e as Antilhas na América Central estiveram por algum tempo sob seu domínio. Conquistaram as ilhas de Suriname e Curaçao, nas Antilhas, onde passaram a produzir açúcar.



Exercícios

03. Por que, apesar de tantas dificuldades, os europeus se aventuravam nas arriscadas expedições marítimas dos séculos XV e XVI?

04. (UNICAMP-SP) Leia o poema e, em seguida, responda:

“Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu
Mas nele é que espelhou o céu.”

Qual o período da história de Portugal que está sendo recuperado pelo poeta Fernando Pessoa?

05. (UNICAMP-SP) Contestando o Tratado de Tordesilhas, o rei da França, Francisco I, declarou em 1540: “Gostaria de ver o testamento de Adão para saber de que forma este dividiria o mundo”.

Fonte: Citado por Cláudio Vicentino, *História Geral*, 1991.

a) O que foi o Tratado de Tordesilhas?

b) Por que alguns países da Europa, como a França, contestavam aquele tratado?



Testes

01. (UFMG) Todas as alternativas apresentam fatores que explicam a primazia dos portugueses no cenário dos grandes descobrimentos, exceto a(o):

- a)** atuação empreendedora da burguesia lusa no desenvolvimento da indústria náutica;
- b)** localização geográfica de Portugal, distante do Mediterrâneo oriental e sem ligações comerciais com o restante do continente;
- c)** presença da fé e o espírito da Cavalaria e das Cruzadas que atribuíam aos portugueses a missão de cristianizar os povos chamados “infiéis”;
- d)** aparecimento pioneiro da monarquia absolutista em Portugal, responsável pela formação do Estado Moderno.

02. (UNB-DF) Sobre a expansão marítima portuguesa e espanhola não podemos afirmar que:

- a)** a princípio, a expansão portuguesa foi promovida pela burguesia e caracterizou-se pelos seus fins pacíficos e comerciais;
- b)** os portugueses conseguiram manter o monopólio comercial no Oriente e este monopólio garantiu ao Estado português grandes lucros;
- c)** com o apoio dos armadores espanhóis e da rainha Isabel de Castela, o italiano Cristóvão Colombo chegou à América em 1492;
- d)** a exploração colonial espanhola se deu principalmente em busca de metais preciosos.

03. (UFRGS) Entre os fatores a serem considerados para o período das chamadas Grandes Navegações estão:

- I. a necessidade de romper o monopólio comercial das cidades italianas com o Oriente;
- II. a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos e as dificuldades de comércio daí decorrentes;
- III. o aperfeiçoamento das técnicas e dos instrumentos de navegação.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

04. (PUC-MG) A descoberta da América, em 1492, por Colombo, em nome dos reis espanhóis, constitui um importante fator de superação da crise que atinge a Europa ocidental nos séculos XIV-XV, pois:

- a) absorve o excedente populacional dos países europeus por intermédio da criação de colônias de povoamento;
- b) neutraliza o conflito entre as potências europeias, concentradas no processo de colonização do novo continente;
- c) amplia as reservas de metais preciosos, possibilitando maior circulação de moedas e acumulação de capitais;
- d) promove o processo de partilha da África, como fornecedora de mão de obra escrava, entre potências europeias.
- e) estimula a produção agrícola na Europa para atender a demanda da população do novo continente.

05. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que expressa corretamente uma prática dos Estados Modernos Absolutos europeus nos séculos XV-XVIII.

- a) Combate aos privilégios da nobreza.
- b) Centralização política e administrativa.
- c) Política econômica liberal.
- d) Fragmentação territorial.
- e) Abandono do tributarismo e do fiscalismo.

06. (FUVEST-SP) Uma das características do mercantilismo, política econômica do capitalismo comercial, foi:

- a) liberalismo econômico;
- b) protecionismo estatal;
- c) eliminação do metalismo;
- d) oposição ao absolutismo;
- e) restrição às exportações.

07. (UTFRPR) O mercantilismo, que presidiu a economia na Idade Moderna, objetivava principalmente:

- a) monopólio de matérias-primas; impor condições comerciais socialistas; favorecer o clero e a burguesia;

- b) desenvolver a indústria e o comércio; estimular as importações e as exportações; incrementar a navegação fluvial e marítima;

- c) a prosperidade do Estado; o fortalecimento do poder real; o enriquecimento da burguesia mercantil;

- d) equilibrar as balanças de pagamento; impor o sistema capitalista; o amparo a artistas e intelectuais;

- e) nenhum dos itens relacionados acima.

Renascimento cultural (séculos XV e XVI)

As transformações ocorridas na Europa, a partir do final da Idade Média, como a reativação do comércio e da vida urbana, a substituição da economia feudal pelo capitalismo e o fortalecimento da burguesia, foram responsáveis por um intenso movimento de desenvolvimento cultural e científico denominado **Renascimento** no início da Idade Moderna.

A rígida cultura cristã da Europa medieval começou a ser abalada com as **Cruzadas**, que indo para o Oriente libertar a Terra Santa, entraram em contato com povos de diferentes culturas. Essas influências culturais intensificaram-se à medida que o comércio se desenvolvia, e com o crescimento dos centros urbanos eram facilmente disseminadas.

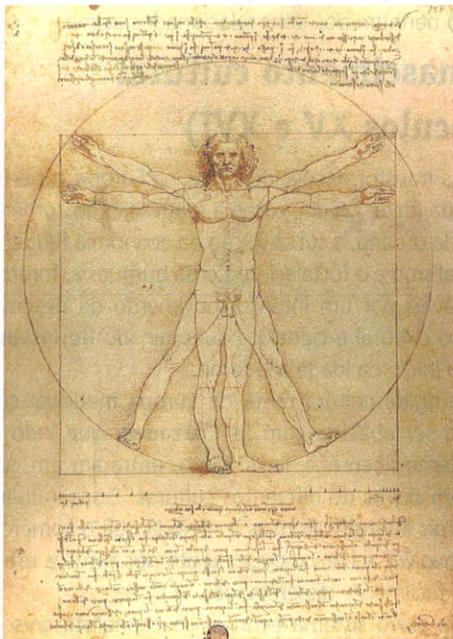
No novo sistema econômico capitalista cresceu e prosperou uma numerosa camada de ricos comerciantes, a **burguesia**. Ávida de reconhecimento e prestígio social, essa burguesia buscava mudanças culturais por meio de seu crescente êxito material, criando uma mentalidade própria da nova sociedade que se organizava. Fazia parte dessa nova mentalidade burguesa a crítica aos costumes medievais e a negação do modelo cultural feudal, atrelado à igreja. A cultura renascentista foi, portanto, marcadamente **burguesa, urbana e capitalista**.

Características da cultura renascentista

O movimento da renascença voltou-se à valorização do homem (antropocentrismo) e à vida terrena, em contraposição ao **teocentrismo medieval**, em que Deus era o centro de todas as coisas. Sem abandonar a sua religiosidade, o europeu ocidental passou a ver o mundo de forma mais racional e crítica.

A mais importante característica do renascimento foi o profundo **racionalismo**, a convicção de que tudo pode ser explicado pela razão e pela ciência. Para o homem medieval, a **fé** tudo explicava, o que acontecia na natureza era somente o resultado da vontade de Deus,

sem que os homens pudessem interferir. Contrapondo-se a essas ideias, o pensamento renascentista defendia a razão como fonte de todo conhecimento. Os fenômenos da natureza tinham sua explicação na própria natureza, e esta poderia ser dominada pelo homem, por meio da observação e do experimentalismo.

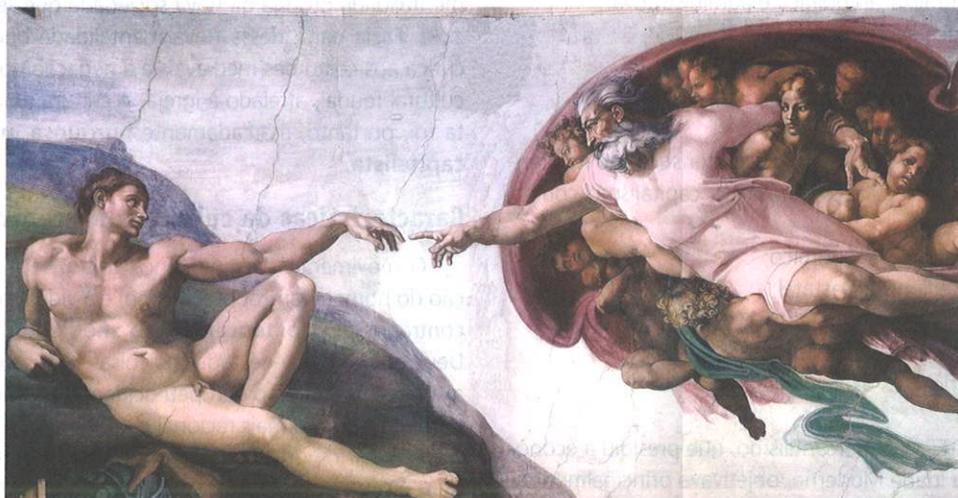


Estudo do corpo humano: obra de Leonardo da Vinci

Um movimento intelectual voltado em essência ao conhecimento das capacidades do homem e seu aperfeiçoamento (o Humanismo). Os primeiros humanistas precursores do Renascimento, foram intelectuais que durante a Idade Média procuraram reformular o ensino nas universidades, propondo a substituição do **princípio da autoridade** (o conhecimento é verdadeiro porque seu autor é uma autoridade), pela prática da crítica, da observação e da pesquisa.

Sob a influência dos humanistas medievais, os renascentistas acreditavam que os gregos e romanos tinham mais conhecimento sobre a vida humana do que o homem medieval, por isso, buscavam inspiração nesses povos para desenvolver sua nova cultura. A supervalorização da **cultura clássica** provocou rejeição a tudo que estivesse relacionado à cultura medieval, criando uma imagem de que a Idade Média tivesse sido, do ponto de vista cultural, uma **Idade das Trevas**, o que não corresponde à realidade.

O **individualismo** foi um princípio típico da mentalidade capitalista, valorizado no Renascimento, que estimulava a concorrência e o aumento da produção. Enquanto na sociedade feudal todos eram considerados membros da cristandade e a condição social era estabelecida pelo nascimento, no Renascimento destacaram-se os valores individuais, nos quais o trabalho poderia proporcionar riquezas e mudar as condições de vida do homem, o que viria a tornar-se um princípio tipicamente burguês.



A criação de Adão, Michelangelo. Teto da Capela Sistina.

Origem e expansão do Renascimento

O **Renascimento** teve suas origens na **península Itálica**, região dividida em diversas repúblicas, que disputavam entre si territórios e domínios comerciais. As cidades italianas monopolizaram por muito tempo o comércio no mar Mediterrâneo, acumulando grandes fortunas e tornando-se as mais prósperas da Europa e polo de grande desenvolvimento comercial e urbano.

As **ricas cidades italianas**, como Florença, Milão, Nápoles, Veneza e Bolonha, eram geralmente governadas por poderosas famílias burguesas (os Médici, os Sforza...) que, em busca de projeção social, financiavam artistas e intelectuais. Estes patrocinadores da nova cultura, conhecidos como mecenas, incentivaram e possibilitaram financeiramente o desenvolvimento artístico e científico desse período. Tendo sido também o mecenato praticado por nobres e papas.

A **Itália** foi, ainda, o principal polo de atração dos sábios bizantinos, que após a decadência do Império Romano do Oriente (Império Bizantino), fugiram para as cidades italianas, onde passaram a ensinar a língua e a cultura grega.

O período de maior produção renascentista da Itália foi de 1450 a 1550. Com o desenvolvimento das navegações no oceano Atlântico houve a conseqüente decadência comercial das cidades italianas no Mediterrâneo que outrora fora a única ligação com o Oriente, fazendo com que o movimento intelectual iniciado com o Renascimento Italiano se deslocasse, a partir do século XVI, para as novas regiões ricas e prósperas da Europa.

Apesar de a literatura ter sido precursora, a principal forma de expressão do Renascimento foi a arte, com destaque para a pintura. Os artistas, buscando aperfeiçoamento técnico, estudaram perspectiva e criaram novas tonalidades de cores, a fim de abandonar o espírito rude da arte medieval. Os pintores deixaram de ser artesãos e passaram a ser vistos como inspirados artistas.

Além dos temas religiosos, os artistas renascentistas passaram a explorar a mitologia e as cenas cotidianas em que o corpo humano era exaltado.

Alguns autores italianos e suas obras

• Dante Alighieri (1265-1321)

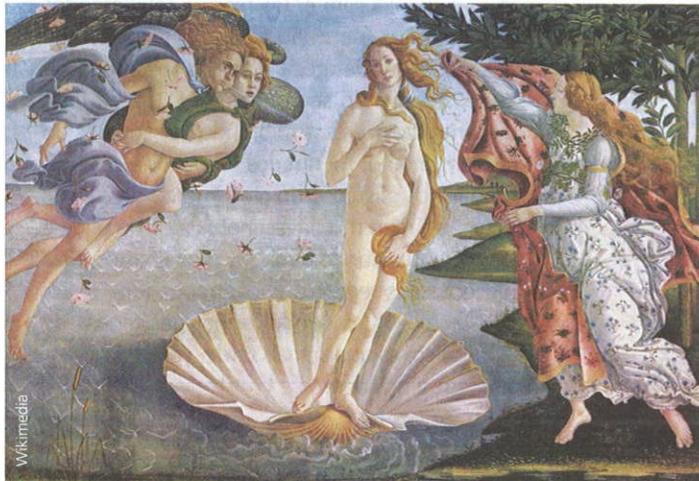
Prosador e poeta, ficou conhecido por sua obra *Divina Comédia*, considerada um marco literário da mentalidade renascentista, na qual criticou a sociedade e a igreja.

• Giovanni Boccaccio (1313-1375)

Considerado um dos fundadores do Humanismo. Em sua obra *Decameron*, coletânea de 100 novelas, satiriza o mundo medieval, exaltando a vida terrena.

• Sandro Botticelli (1457-1510)

Pintor de muitas madonas, mas também de motivos religiosos. Entre seus principais quadros, podemos destacar *O Nascimento de Vênus*.



Nascimento de Vênus

• Leonardo da Vinci (1452-1527)

É considerado o protótipo do homem renascentista, pois dedicou-se a diferentes áreas do conhecimento e das artes: foi pintor, escultor, astrônomo, cientista, arquiteto, além de dedicar-se aos estudos da anatomia humana. Estudou as formas, as cores, a sombra e a luz para dar mais realismo às suas obras. Visionário, teve projetos que seriam precursores do submarino e do helicóptero. Porém, Leonardo é mais conhecido como pintor, mais precisamente de duas grandes obras: *Mona Lisa* e *Última Ceia*.



Mona Lisa

Leitura Complementar

“Leonardo é o eterno gênio, cujo intelecto poderoso é objeto de admiração. Jamais acreditou no que lia sem antes realizar seus próprios experimentos, pois não confiava nas autoridades. Tudo na natureza despertava-lhe curiosidade, desafiando seu engenho. Dissecou mais de trinta cadáveres, explorando os segredos do corpo humano; foi um dos primeiros a se aprofundar nos mistérios do crescimento da criança no ventre materno; investigou as leis de onda e de corrente. Nunca publicou seus escritos, mas um dos seus registros encontrados foi: “O Sol não se move”, o que antecipava as teorias de Copérnico, as quais, mais tarde, colocariam Galileu em sérios apuros...”

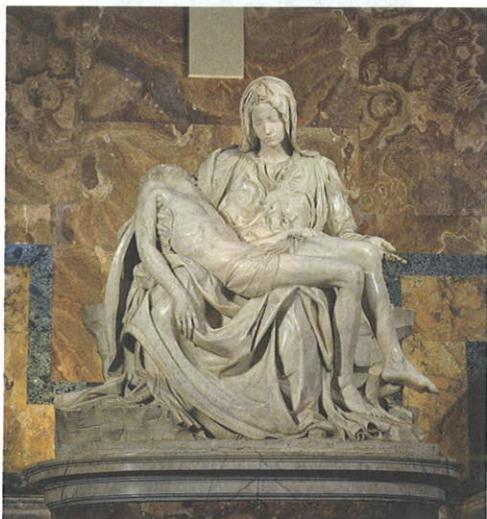
Fonte: VENEZIA, Mike. *Mestres das Artes: Leonardo da Vinci*. Suplemento Didático. São Paulo, Moderna.

• Nicolau Maquiavel (1469-1527)

Escritor considerado o pai da ciência política. Em seu livro *O Príncipe*, defende a centralização política e a postura autoritária do governante. Um dos principais nomes na construção do pensamento **Absolutista** e da formação das **Monarquias Nacionais**.

• Michelangelo Buonarroti (1475-1564)

Escultor, pintor e arquiteto, destacou-se pelos afrescos pintados no teto da **Capela Sistina** (Vaticano), onde apresenta várias passagens da Bíblia, e pelas esculturas **Pietà** e **Moisés**.



Pietà

• Rafael Sanzio (1483-1520)

É conhecido como pintor das madonas, devido à perfeição de suas obras, retratando Nossa Senhora com o menino Jesus. Foi também retratista oficial de diversas famílias poderosas.

Alguns autores e suas obras no resto da Europa

• Miguel de Cervantes (1547-1616)

Escritor espanhol, sua obra mais conhecida é *Dom Quixote*, uma sátira à cavalaria medieval.

• François Rabelais (1494-1553)

Médico e escritor francês, destacou-se por duas obras que satirizam a igreja e a mentalidade medieval: *Gargantua e Pantagruel*.

• Thomas Morus (1478-1535)

Filósofo inglês, escreveu *Utopia*, obra em que descreve um país no qual todos vivem uma vida perfeita.

• William Shakespeare (1564-1616)

Principal representante do renascimento inglês, produziu tragédias e comédias, tratando dos conflitos humanos que até hoje são encenados, como: *Romeu e Julieta*, *Hamlet*, *Macbeth*, *Sonhos de Uma Noite de Verão* e muitas outras.

• Luís Vaz de Camões (1524-1580)

Poeta português que, em sua obra *Os Lusíadas*, narrou a história das origens de Portugal e a epopeia das grandes navegações.

• Erasmo de Rotterdam (1466-1536)

Humanista holandês, em sua principal obra, *Elogio da Loucura*, criticou com vigor os abusos da igreja.

Renascimento científico

• Nicolau Copérnico (1473-1543)

Sábio polonês, formulou a teoria heliocêntrica e foi condenado pelo tribunal da Santa Inquisição.

• Galileu Galilei (1564-1642)

Astrônomo e físico italiano, confirmou o heliocentrismo de Copérnico. É considerado o fundador da física moderna.

• Miguel de Servet (1511-1553)

Médico espanhol, descobriu o funcionamento da circulação sanguínea cardíaca.

• **William Harvey (1578-1657)**

Médico e professor inglês, descobriu a grande circulação sanguínea do corpo humano.

• **André Vesálio (1514-1564)**

Cientista belga, criador da anatomia como ciência, considerado "pai da moderna anatomia".

 **Exercícios**

06. O Renascimento Cultural aconteceu paralelamente às Grandes Navegações. De que forma essa nova visão do mundo terreno influenciou as navegações marítimas dos séculos XV e XVI?

07. Explique a afirmação: "a cultura renascentista foi essencialmente burguesa e capitalista".

Reforma religiosa (século XVI)

"Não podeis servir a Deus e às riquezas."

No início do século XVI, o movimento reformista religioso fez parte do conjunto de transformações que marcaram a passagem da Idade Média para a Idade Moderna e que levaram à mudança de mentalidade da

sociedade europeia, fazendo com que a tão onipotente Igreja Católica passasse a ser duramente criticada pela riqueza e o poder, acumulados ao longo dos séculos, e pela corrupção em que vivia a maioria de seus membros, principalmente nos cargos mais altos.

A igreja vivia em contradição, pois condenava o progresso material enquanto grande parte das autoridades eclesiásticas vivia de forma luxuosa e corrupta.

Entre os abusos e a corrupção do clero, estavam:

- a **simonia**, venda de relíquias sagradas;
- a **venda** de cargos da igreja;
- as **indulgências**, pagamentos pelo perdão dos pecados. **Compra da salvação**;
- a multiplicação dos escândalos amorosos de padres, de monges bêbados e de bispos que vendiam sacramentos.

Se na mentalidade medieval criticar o clero era criticar a Deus, portanto um sacrilégio, no pensamento racional renascentista a igreja tornou-se vulnerável a críticas e questionamentos, principalmente por parte da burguesia que se via em pecado por buscar o **lucro**, praticar a **usura** (empréstimo a juros) e a **avareza** (acumulação de capital). Para a Igreja Católica apenas o fato do enriquecimento da burguesia, que a retirava de sua suposta condição social determinada por Deus, já a colocava em sério pecado.

Por outro lado, com a formação dos Estados Nacionais, os monarcas absolutistas passaram a desejar igrejas nacionais, que possibilitassem libertar seus domínios do jugo da Igreja Católica, que limitava seus poderes e tirava recursos de seus países. Monarcas, nobres e até camponeses pobres cobiçavam as extensas posses da igreja.

Portanto, a luta com a igreja não era somente religiosa, mas também por interesses políticos e econômicos. E foi nesse clima de divergências que aconteceu a Reforma Religiosa, que acabou dividindo os cristãos do Ocidente em **católicos** e **protestantes** depois de mais de mil anos de unidade sob a autoridade papal.

As três reformas protestantes que ocorreram foram:

Reforma luterana

O monge alemão Martinho Lutero (1483-1546), profundamente decepcionado com os abusos e a corrupção em que vivia o clero, foi o primeiro reformista. Em uma visita sua a Roma, cede da Igreja Católica, a teria chamado de *O bordel*.

Quando o papa Leão X ordenou a venda de indulgências com objetivo de angariar recursos para termi-

nar a construção da Basílica de São Pedro, Lutero, que era professor de teologia da Universidade de Wittenberg, recusou-se e, em 1517, fixou na porta de sua Igreja as chamadas 95 teses, em que criticava ferozmente a igreja e ao papa. Em 1521, foi excomungado e refugiou-se num castelo sob a proteção de nobres, onde traduziu a Bíblia para o alemão.



Wikipédia

Martinho Lutero

Entre suas teses, Lutero defendia:

- a fé como única fonte de salvação;
- a livre interpretação da Bíblia;
- o fim do celibato clerical;
- a eliminação do culto às imagens;
- a manutenção de apenas dois sacramentos: o batismo e a eucaristia;
- a substituição do latim pela língua nacional nos cultos religiosos;
- a negação da transubstanciação (transformação do pão e vinho em corpo e sangue de Cristo).

A doutrina Luterana expandiu-se do centro para o norte da Europa, atingindo a Alemanha, Dinamarca, Suécia e Noruega, e influenciando outros movimentos contra a Igreja Católica.

Reforma calvinista

João Calvino nasceu na França, onde estudou Teologia e Direito. Influenciado pelas ideias de Lutero, aderiu ao protestantismo e iniciou suas pregações. Para livrar-se das perseguições dos católicos franceses, fugiu para Genebra, na Suíça.

Suas ideias eram mais radicais e severas que as de Lutero e as expôs no livro *Instituição da Religião Cristã*. Condenava o lazer, o jogo, o culto às imagens, a dança, o uso de joias e aplicava uma rígida censura para vigiar e punir os cidadãos que não seguissem suas regras.

Enquanto Lutero defendia a fé e as obras como forma de salvação, Calvino pregava a predestinação, considerando que o que determina o destino dos homens é a vontade Deus e não a fé ou o merecimento.

Pregando uma doutrina que defendia o lucro e valorizava o trabalho, logo conquistou o apoio da burguesia. Enriquecer por meio de uma vida correta, dedicada ao trabalho e à poupança, seriam sinais da salvação divina. Essa rigidez religiosa, que condenava o lazer e abençoava o trabalho e o lucro, fez do calvinismo a teologia do capitalismo e da burguesia.

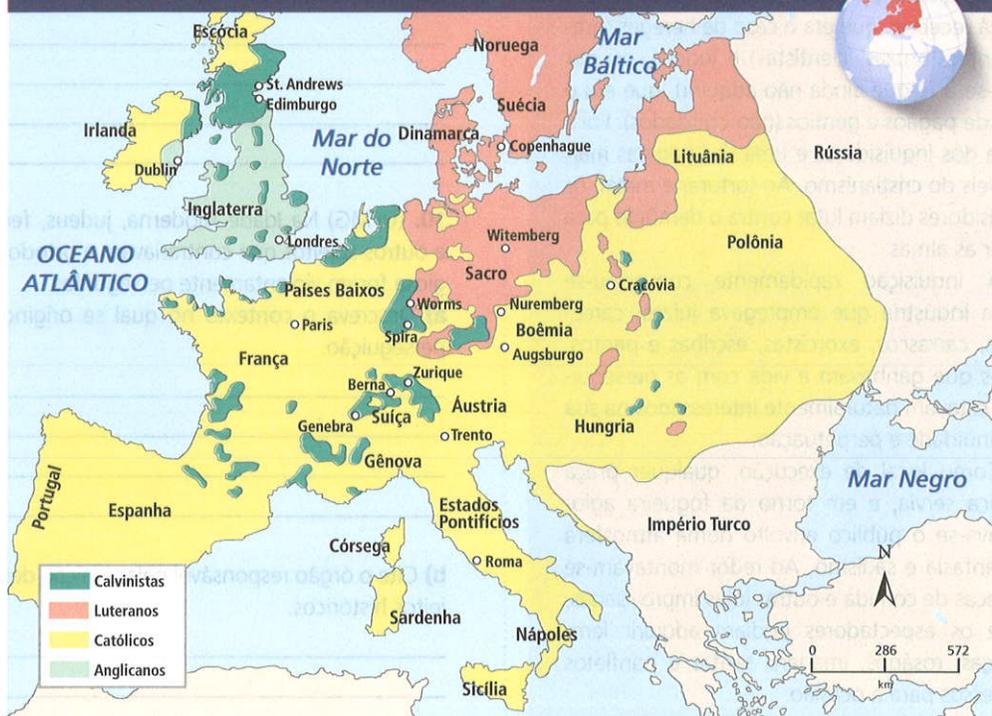
O calvinismo expandiu-se rapidamente por diferentes regiões. Na França, os calvinistas foram chamados de **huguenotes**; na Escócia, de **presbiterianos**; na Inglaterra, de **puritanos**. Perseguidos na Inglaterra, fugiram para as colônias inglesas na América do Norte, fundando a sociedade que viria a se tornar os Estados Unidos.

Reforma anglicana

O fator que acabou causando a reforma na Inglaterra foi o rompimento entre o **rei Henrique VIII** e o **papa Clemente VII**, porque este não aceitou anular o casamento do rei com Catarina de Aragão para que ele pudesse casar-se com Ana Bolena. No entanto, a reforma deu-se principalmente por motivos econômicos e políticos. Primeiro, o interesse nas terras e nos bens pertencentes à Igreja Católica dentro da Inglaterra, bem como no fim do pagamento das contribuições enviadas a Roma, e segundo, o desejo de sair da influência papal que enfraquecia o poder real.

Por intermédio do chamado **Ato de Supremacia** (1534), Henrique VIII recebeu do Parlamento o título de protetor e chefe da Igreja Inglesa. Surgia então a **Igreja Anglicana**, com uma estrutura eclesiástica e cerimonial muito semelhante à Igreja Católica e com forte influência calvinista. Porém, foi somente no reinado de Elisabeth I, filha de Ana Bolena e Henrique VIII, que a doutrina anglicana foi consolidada definitivamente.

Reforma religiosa na Europa



Fonte: World History Atlas. Dorlin Kindersley Limited. Adaptado. London, 2008.

Contrarreforma ou Reforma Católica

Diante dos movimentos protestantes, a reação imediata da Igreja Católica foi punir os rebeldes reformistas a partir do século XVI e iniciar um movimento interno de moralização e de reorganização, que ficou conhecida como **Contrarreforma**.

Um conjunto de medidas foi adotado:

- Criação da **Ordem dos Jesuítas** (Companhia de Jesus), por Inácio de Loyola, em 1534. Os soldados da igreja, que tinham por missão combater a expansão do protestantismo por meio da catequese e da conversão ao catolicismo. Agiram principalmente na África, Ásia e América, convertendo os nativos e colaborando no processo de colonização portuguesa e espanhola do século XVI.
- Convocação para o **Concílio de Trento** em 1545, que negou a livre interpretação da Bíblia; reafirmou os **dogmas** do catolicismo e a liderança do papa sobre todos os cristãos; confirmou o culto aos santos, às imagens e às relíquias sagradas; criou o **Index** (relação de livros proibidos); criou seminários para a formação dos sacerdotes e confirmou o celibato.

- Fortaleceu a **Inquisição** com o propósito de julgar e punir as heresias (crimes contra a fé católica). Apesar de já existirem desde a Idade Média, os **Tribunais da Santa Inquisição** foram usuais principalmente nos países ibéricos e na península Itálica, regiões de grande influência católica durante a Idade Moderna. O temor às suas torturas e condenações à fogueira passou a fazer parte do cotidiano da vida das pessoas.

Leitura Complementar

Inquisição

"...a todos os rebeldes, de qualquer categoria, estado, posição, proeminência, dignidade ou de qualquer condição que seja, não importando o privilégio de que disponha..."

Papa Inocêncio VIII

Escrito em 1484 pelos inquisidores **Heinrich Kramer** e **James Sprenger**, o livro *Malleus Maleficarum*, também conhecido por **O Martelo das Feiticeiras**, tornou-se o manual de caça às bruxas. De acordo com ele havia duas maneiras

de infidelidade ao catolicismo: por opor-se à fé que já recebeu, que era o caso de hereges (protestantes, bruxas, cientistas) e judeus, ou por opor-se à fé que ainda não adquiriu, que era o caso de pagãos e gentios (não-civilizados). Foi a bíblia dos inquisidores e uma das páginas mais terríveis do cristianismo. Ao torturar e matar, os inquisidores diziam lutar contra o demônio para salvar as almas.

A inquisição rapidamente converteu-se numa indústria que empregava juízes, carcereiros, carrascos, exorcistas, escribas e peritos. Todos que ganhavam a vida com as perseguições estavam naturalmente interessados na sua continuidade e perpetuação.

Como local de execução, qualquer praça pública servia, e em torno da fogueira aglomerava-se o público envolto numa atmosfera de fantasia e sadismo. Ao redor montavam-se barracas de comida e outras lojas improvisadas, onde os espectadores podiam adquirir lembranças, rosários, imagens santas e panfletos impressos para a ocasião.

O texto do *Malleus Maleficarum* era dirigido principalmente contra as bruxas, alimentado pelo ódio e a aversão à mulher, somado a concepção de que a atração por ela causada ao homem seria perversa devido à sexualidade culturalmente reprimida, sobretudo, pela Igreja que a via como a portadora do pecado.

Durante muitos séculos o "pecado" foi a única maneira encontrada para se vencer as fronteiras do desconhecido e quebrar as barreiras que impediam de alcançar o conhecimento, isso porque a Igreja se encarregava de perseguir e destruir toda sabedoria que pudesse ameaçar seu domínio. Para buscar conhecimento era necessário desafiar, arriscar-se à condenação e às punições.

Exercícios

08. Quais foram as críticas à Igreja Católica que levaram ao surgimento das reformas protestantes?

09. Explique por que o calvinismo foi a religião da burguesia europeia.

10. (UFMG) Na Idade Moderna, judeus, feiticeiras e outros sujeitos que contrariavam a ortodoxia religiosa foram violentamente perseguidos.

a) Descreva o contexto no qual se originou essa perseguição.

b) Cite o órgão responsável pela punição desses sujeitos históricos.

11. (FUVEST-SP) "O renascimento é, primeiramente, esse conjunto de mutações que tocam os homens no seu modo de viver e, sobretudo, de pensar. A Itália foi, desde o século XIV, um dos primeiros lugares dessa interrogação nova e fecunda sobre o mundo... [...]"

a) A que se deveu o início do Renascimento cultural na Itália?

b) Qual a importância das cidades para o surgimento do Renascimento italiano?

Testes

08. (PUC-RJ) As reformas religiosas desempenharam um importante papel no processo de afirmação da cultura moderna e consistiram em um movimento de:

a) crítica à Igreja Católica no tocante ao seu afastamento dos valores espirituais, reivindicando a afirmação dos interesses feudais locais, no combate às rebeliões camponesas;

b) crítica à Igreja Católica, especialmente no tocante às vendas das indulgências e à riqueza proveniente da mercantilização da fé e ao seu afastamento dos valores espirituais;

c) avanço do protestantismo, representado na França pelos huguenotes, que tinham como princípio a constituição de um Estado laico, sem a presença da igreja e submetido aos interesses feudais;

d) avanço do protestantismo, representado na Inglaterra pelos puritanos, que desejavam a manutenção das relações com o papado pela assinatura de um “acordo”, no qual a igreja estaria subordinada à autoridade do rei;

e) afirmação da supremacia do poder temporal sobre o espiritual, com a consequente separação da igreja do Estado, como ocorreu no caso da Alemanha de Lutero.

09. (UEPG-PR) Sobre o Renascimento, caracterizado pelo florescimento de um longo período de produção cultural de natureza europeia e marcadamente ocidental, assinale o que for correto:

01) Vinculou-se ao processo geral de transformação da sociedade europeia, com desenvolvimento desigual e expressivas manifestações nas artes e ciências.

02) Foi marcado por eventos como o surgimento de monarquias nacionais, a Reforma, a Contrarreforma e a expansão comercial.

04) Teve Abelardo e o Abade Suger como expoentes nas artes.

08) A arte retratou predominantemente temas religiosos, privilegiando o cotidiano cristão e a vida dos santos.

16) Um variado cruzamento de influências religiosas, artísticas, econômicas e políticas fez do norte da Itália a região de convergência da cultura renascentista.

10. (FAAP-SP) A Reforma, questionando a autoridade do papa, bem como os dogmas da Igreja Católica, acaba por romper a unidade religiosa de toda a Europa ocidental nos fins do século XV e do século XVI. É correto afirmar que:

a) em 1536, João Calvino começou a Reforma calvinista em Genebra, sendo sua ortodoxia mais radical do que a de Lutero;

b) o anglicanismo implantado na Inglaterra pelo rei Henrique VII era um misto de calvinismo e catolicismo, de modo que foi aceito incondicionalmente pela Igreja Católica;

c) a venda de indulgência pelos dominicanos, ligados aos banqueiros Fuggers, sem dúvida serviu de obstáculo à propagação das ideias de Lutero, que atacavam os abusos da igreja, e não os seus dogmas;

d) o Concílio de Trento e a Companhia de Jesus denotam a conciliação da igreja com as reformas protestantes;

e) a Inquisição não impediu que a Espanha e Portugal tivessem sido substancialmente atingidos pelos ideais reformistas, de modo que a influência da Igreja Católica nesses países jamais se recuperou.

11. (FGV-SP) Renascença é a denominação tradicionalmente atribuída às mudanças de caráter cultural, principalmente ocorridas nos países europeus durante o período que vai, aproximadamente, de 1300 a 1650. E são expressões maiores dessa época nos campos da arte e da ciência os trabalhos de:

a) Georg Wilhelm Hegel, Auguste Rodin e Isaac Newton;

b) Immanuel Kant, René Descartes e Antoine Lavoisier;

c) John Stuart Mill, Ludwig Von Beethoven e Galileu Galilei;

d) Auguste Comte, Richard Wagner e Charles Darwin;

e) William Shakespeare, Leonardo da Vinci e Nicolau Copérnico.

12. (FMTM-MG) Uma das características das obras do Renascimento italiano está no fato de:

a) abordarem temas de intensa religiosidade, perdendo, assim, sua feição leiga;

b) procurarem valorizar o homem, medindo tudo em sua função, o antropocentrismo;

c) tentarem evitar a abordagem de qualquer tema que demonstrasse influência grega;

d) evitarem o envolvimento com temas políticos, como foi o caso de Maquiavel;

e) defenderem a continuidade do uso exclusivo do latim como língua de expressão da intelectualidade.

Respostas

Exercício 01: De acordo com Maquiavel, a moral trata do que é “certo fazer”, enquanto a política se volta ao que “deve ser feito”, a fim de buscar e manter o poder.

Exercício 02: O enriquecimento do Estado e do soberano por meio de um conjunto de práticas econômicas.

Exercício 03: Havia uma grande necessidade de expandir a economia comercial europeia: encontrar metais preciosos para cunhagem de moedas e produtos agrícolas, já bastante escassos na Europa. Além disso, era fundamental encontrar um novo caminho para as mercadorias, derrubando o monopólio dos italianos no Mediterrâneo.

Exercício 04: Séculos XV e XVI, a época das grandes navegações marítimas e das grandes descobertas.

Exercício 05:

a) Foi o tratado assinado em 1494, entre Portugal e Espanha, dividindo as terras descobertas ou por descobrir por meio de um meridiano traçado 370 léguas a oeste de Cabo Verde: as terras a leste dele pertenceriam a Portugal e a oeste à Espanha.

b) O tratado foi contestado por ter levado em consideração apenas os interesses de Portugal e Espanha, excluindo os demais países europeus na partilha das terras ultramarinas.

Exercício 06: Uma visão mais racional do mundo terreno derrubou os mitos e as lendas sobre os oceanos. A razão humana poderia dominar a natureza. Além disso, os avanços científicos permitiram viagens mais seguras.

Exercício 07: À medida que o capitalismo comercial se desenvolvia, o sistema feudal e os valores por ele impostos entravam em decadência, dando lugar a uma nova sociedade urbana e burguesa. São os recursos financeiros da burguesia e a necessidade de criar novos valores para essa sociedade que determinaram os princípios do Renascimento.

Exercício 08: Quanto ao luxo, corrupção e depravação em que vivia o clero, e quanto à venda de relíquias e de perdão dos pecados.

Exercício 09: A doutrina calvinista, ao contrário da católica, abençoava o trabalho e a riqueza, considerando

um sinal de salvação. Só Deus determinava o destino das pessoas, portanto, os ricos haviam sido escolhidos. Esses princípios estavam inteiramente de acordo com a atividade comercial capitalista exercida pela burguesia europeia.

Exercício 10:

a) Foi o período da Contrarreforma católica. Tentando reagir ao avanço protestante, a Igreja Católica criou o Tribunal da Inquisição, para perseguir e condenar a todos que não estivessem de acordo com seus preceitos.

b) Tribunal da Santa Inquisição.

Exercício 11:

a) Principalmente ao enriquecimento das cidades italianas por conta do comércio com o Oriente, o que lhes permitiu patrocinar o desenvolvimento da cultura, arte e ciência;

b) As cidades catalisavam as transformações econômicas e sociais, possibilitando a efervescência cultural, referencial de transformações que sintetizavam a época renascentista.



Gabarito

01) B 02) B 03) E 04) C 05) B 06) B
07) C 08) B 09) * 10) A 11) E 12) B

*09. 19 (01, 02 e 16)

